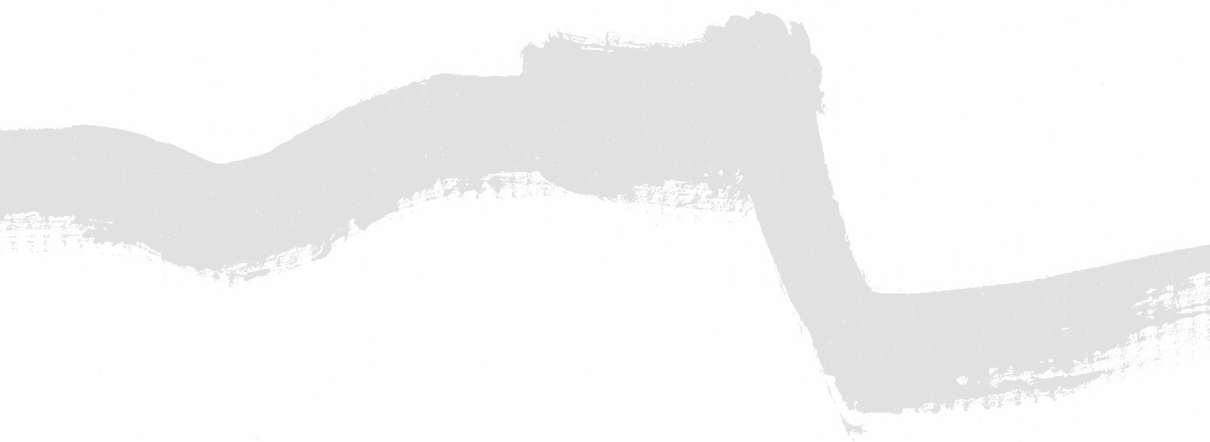


ESTUDOS JAPONESSES

n. 45 – 2021



ESTUDOS JAPONESES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antônio Carlos Hernandez

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Chefe: Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche

Vice-chefe: Prof. Dr. Antonio José Bezerra de Menezes Jr.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA

Coordenadora: Profa. Dra. Leiko Matsubara Morales

Vice-coordenadora: Profa. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES

Diretor: Prof. Dr. Wataru Kikuchi

Vice-Diretora: Profa. Dra. Junko Ota

Comissão Editorial:

Eliza Atsuko Tashiro Perez (FFLCH-DLO-USP)

Junko Ota (FFLCH-DLO-USP)

Leiko Matsubara Morales (FFLCH-DLO-USP)

Luiza Nana Yoshida (FFLCH-DLO-USP)

Neide Hissae Nagae (FFLCH-DLO-USP)

Shirlei Lica Ichisato Hashimoto (FFLCH-DLO-USP)

Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazaki (EACH-USP)

Wataru Kikuchi (FFLCH-DLO-USP)

Conselho Editorial Científico:

Alexandre Ratsuo Uehara (ESPM)

Cacio José Ferreira (UFAM)

Cecilia Onaha (Universidad Nacional de La Plata, Argentina)

Eli Aisaka Yamada (UFRJ)

Elisa Massae Sasaki (ILE-UERJ)

Elza Taeko Doi (Unicamp)

Erica Maria Muramoto (Gunma University, Japão)

Hiroyuki Honda (Japan Advanced Institute of Science and Technology, Japão)

João Marcelo Amaral Reimão Monzani (UFRJ)

Kanae Nakamura (Tamkang University, Taiwan)

Lucila Gibo (Sophia University, Japão)

Maria Fusako Tomimatsu (UEL)

Márcia Hitomi Namekata (UFPR)

Masato Ninomiya (FD-USP)

Michiko Okano (Unifesp)

Mina Isotani (UFPR)

Pedro Alberto Ganaja Kamisato (Escuela de Posgrado de la Universidad San Ignacio de Loyola, Peru)

Rafael Shoji (PUC-SP)

Sakae Murakami Giroux (Université de Strasbourg, França)

Shinji Sato (Princeton University, EUA)

Silvia Barreiros dos Reis (Museu Nacional, UFRJ)

Tae Suzuki (UnB)

Yoshio Watanabe (Kokugakuin University, Japão)

Yuki Mukai (UnB)

Yuko Takano (UnB)

Yuriko Sunakawa (University of Tsukuba, Japão)

Editor Responsável:

Leiko Matsubara Morales

Editores:

Junko Ota

Leiko Matsubara Morales

Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazaki

Assistente de edição:

Mari Sugai

Luísa Yoneko Tayra Teruya

Revisão do inglês da *author guidelines*:

Regiani A.S. Zacarias

Capa:

Rafael Itsuo Takahashi

Seleção e tradução do poema:

Luiza Nana Yoshida

Organização:

Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo – CEJAP-USP

Curso de Língua e Literatura Japonesa – DLO-FFLCH-USP

Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa – DLO-FFLCH-USP

Toda correspondência deverá ser enviada ao

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Av. Professor Lineu Prestes 159

Cidade Universitária

05508-900 São Paulo Brasil

Fone: (00XX11) 3091-2426/2423

e-mail: estudosjaponeses@usp.br

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Estudos Japoneses / Centro de Estudos Japoneses. Departamento de Letras Orientais.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
– n. 1 (1979) – . – São Paulo: Oficina Editorial, 1979 –

Semestral.

Artigos publicados em Português, Inglês, Francês, Espanhol e Japonês

Descrição baseada em: n. 25 (2005).

ISSN 1413-8298

1. Literatura Japonesa. 2. Língua Japonesa. 3. Estudos Japoneses. 4. Cultura Japonesa. I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Orientais. Centro de Estudos Japoneses.

CDD 895.63

495.65

306.952

Coordenação Editorial
Junko Ota
Leiko Matsubara Morales
Sílvia Yoshiro Mizuguchi Miyazaki

Apoio na edição

Mari Sugai

Diagramação

Tainá Nunes Costa

Revisão

Autores

ISSN 1413-8298

e-ISSN 2447-7125

ESTUDOS JAPONESES

FFLCH / USP

Estudos Japoneses, São Paulo, n. 45, 2021

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	9
FABULAÇÕES DO JAPÃO TRADICIONAL NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS	11
<i>Christine Greiner</i>	
PROBLEMAS, SOLUÇÕES E HIPÓTESES NO ESTUDO DA LINGUAGEM DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL DO BRASIL	25
<i>Fernando Brissos</i>	
LANGUAGE EDUCATION FOR CLD-CHILDREN GROWN UP IN JAPAN: BASED ON THE STUDY OF NIKKEI IN SOUTH AMERICA	53
<i>Makiko Matsuda</i>	
SHÔJI UEDA, ENTRE O <i>MA</i> E O ONÍRICO NA REGIÃO DE <i>SAN'IN</i>	69
<i>Maria Ivette Job, Michiko Okano</i>	
THE NEW LINGUISTIC ATLAS OF TOKYO AND SPOKEN JAPANESE LANGUAGE	85
<i>Mariko Kuno</i>	
ENHANCING JOB AWARENESS THROUGH CAREER EXPLORATION COURSE – A REPORT	103
<i>Wong Ngan Ling, Emily Lau Kui-Ling</i>	
O CASULO CLAUSTROFÍLICO: RUMO A UMA FILOSOFIA ESPECULATIVA DA PERVERSÃO EM EDOGAWA RAMPO.....	119
<i>Seth Jacobowitz</i>	

EDITORIAL

Este número traz uma série de artigos de e sobre a língua, literatura e cultura japonesa num contexto em que a mobilidade humana é cada vez mais acentuada, seja na esfera intra ou internacional, sem mencionar as migrações transnacionais de permanências com cada vez menos espaço de tempo. Ainda, este número traz contribuições na perspectiva da ‘diversidade’ com trabalhos transversais sobre a aquisição da língua por crianças de formação cultural e linguística múltipla; estudos do *koroniago* pelo viés dialetométrico, o falar de Tóquio, comparando pessoas de estratos etários diferentes. A edição ainda foi enriquecida com artigos sobre cultura, fotografia e literatura.

Desses, cinco artigos são resultantes da conferência apresentada durante o XXVI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e XIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses, realizados na UnB, entre 17 a 19 de março de 2021.

O primeiro é de Christine Greiner, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que busca compreender as fabulações das artes tradicionais, observando como elas são engendradas por meio da apropriação de princípios estéticos, uso de metodologias de criação das artes tradicionais, articulando com as questões de gênero, estados de violência e vulnerabilidade, com o artigo *Fabulações do Japão Tradicional na Artes Contemporâneas*.

O segundo artigo é de Fernando Brissos, professor e pesquisador da Universidade de Lisboa, que conduz um estudo sobre a variante nipo-brasileira *koroniago*, do ponto de vista dos estudos dialetométricos no âmbito da dialetologia científica, cujo trabalho se intitula *Problemas, soluções e hipóteses no estudo da linguagem dos nipo-brasileiros do Distrito Federal do Brasil*.

O terceiro é de autoria de Makiko Matsuda, professora e pesquisadora da Kanazawa University, que investiga a questão da aquisição da Segunda Língua em contexto de migrações e mudanças de ambiente linguístico, no trabalho *Language Education for CLD-Children Grown Up in Japan: based on the study of Nikkei in South America*.

O quarto é de Mariko Kuno, professora e pesquisadora da Kokugakuin University, que estuda comparativamente gerações jovens e idosas sobre a fonologia, acento e gramática da língua japonesa, com atenção ao aumento da população na Grande Região Metropolitana de Tóquio. O título do artigo é *The New Linguistic Atlas of Tokyo and Spoken Japanese Language*.

O quinto traz o relato de uma observação em sala de aula das pesquisadoras Wong Ngan Ling e Emily Lau Kui-Ling, ambas professoras da University of Malaya, Malásia, que fazem uma análise da prática de aula que envolve estudantes da Ásia nas ações em busca de prospecção de carreira profissional, com base em pesquisa e *feed-back* em sala de aula, relacionada ao relatório *Enhancing Job Awareness through Career Exploration Course – a Report*.

Além desses, há contribuições de Michiko Okano, professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo, e de Maria Ivette Job, mestranda do referido Programa, com estudo sobre a carreira do fotógrafo Shôji Ueda, sobre as tendências da fotografia durante o século XX no Japão, cujo estilo é denominado Ueda-chô, no artigo *Shôji Ueda, Entre o Ma e o Onírico na Região de San'in*.

E por fim, temos a tradução do artigo do professor e pesquisador Seth Jacobowitz da City College of New York, sobre estudos de Edogawa Rampo, inicialmente publicado em inglês na revista *Japan Forum* (2020), cujo título é *O Casulo Claustrofílico: rumo a uma filosofia especulativa da perversão em Edogawa Rampo*.

A presente edição ainda conta com uma nova capa, cedida por Rafael Itsuo Takahashi, mestrando do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, a quem agradecemos pela sua generosidade. O design da capa é inspirado em *shodô*, que é uma arte tradicional de escrita japonesa, feita em papel especial (*wa-shi*), usando um pincel com tinta (*sumi*). Suas linhas representam a simplicidade, mas ao mesmo tempo a firmeza dos traços, a refletir o estado de espírito com que se emprega a escrita.

Desejamos que, por meio de mais uma edição do periódico *Estudos Japoneses*, os leitores encontrem inspiração e fontes de pesquisa.

OS EDITORES

FABULAÇÕES DO JAPÃO TRADICIONAL NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS

FABULATIONS OF TRADITIONAL JAPAN IN THE CONTEMPORARY ARTS

*Christine Greiner*¹

Resumo: Artes tradicionais do Japão, como a cerimônia do chá, as danças, os teatros e as gravuras do mundo flutuante (*ukiyo-e*) sempre despertaram grande fascínio, tanto entre artistas japoneses como estrangeiros. No entanto, os modos de lidar com a tradição variam muito, desde o aprendizado de técnicas específicas concernentes a linguagens diversas (a dança *Fujima*, a xilogravura ou o teatro *nô*) até o uso de metodologias de criação e a apropriação de princípios estéticos e modos de percepção (como o intervalo de espaço-tempo *ma*, o *mitate* e assim por diante). Esta pesquisa discute como essas estratégias vem desencadeando fabulações do Japão tradicional através da reativação de situações particulares que não olham apenas para o passado, mas lançam indagações para o futuro, dialogando com temas contemporâneos relativos a questões de gênero, estados de violência e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Dança japonesa contemporânea. Japão tradicional. Fabulação.

Abstract: Traditional arts of Japan, such as the tea ceremony, dances, theaters and engravings of the floating world (*ukiyo-e*) have always aroused great fascination, both among Japanese and foreign artists. However, the ways of dealing with tradition vary widely, from learning traditional techniques related to diverse languages (*Fujima* dance, engravings or the *noh* theater) until the use of specific creation methodologies and the embodiment of aesthetic principles and modes of perception (like the space-time interval *ma*, *mitate* and so on). This research discusses how these strategies have been triggering fabulations of traditional Japan through the reenactment of particular situations that not only look to the past, but throw questions for the future, by dialoguing with contemporary subjects related to gender questions, states of violence and vulnerability.

Keywords: Contemporary Japanese dance. Traditional Japan. Fabulation.

1 Professora livre-docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Centro de Estudos Orientais. christinegreiner3@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6778-516X>

1. INTRODUÇÃO

A história da arte no Japão tem algumas especificidades e nem sempre segue as mesmas categorias da história da arte ocidental. A noção de “moderno”, por exemplo, refere-se, sobretudo, às experiências que ocorreram durante a Restauração Meiji (1868-1912), como resultado de uma intensa troca entre artistas japoneses e ocidentais (sobretudo europeus). De 1945 a 1952, os Estados Unidos ocuparam o Japão, e a cultura norte americana tornou-se muito presente, sobretudo em Tóquio.

No que diz respeito à concepção contemporânea das artes do corpo no Japão – que é o foco principal desta pesquisa – parece bastante sintonizada com definições propostas pelos críticos Jean-Marc Adolphe e Laurence Louppe (2007). Isso porque, mais do que um período cronológico, eles identificaram a dança contemporânea como um procedimento para criar corpos críticos, heterogêneos e indisciplinados, com o poder de instalar deslocamentos e gerar questionamentos. De certa forma, essa hipótese também se alinha às ideias do filósofo Giorgio Agamben (2008), que interpretou o contemporâneo como uma experiência de profunda dissonância - um movimento, um pensamento ou uma forma de vida que não se encaixa em seu próprio tempo, construindo uma distância e uma perspectiva crítica para questionar o presente.

No Japão, um exemplo desses movimentos críticos foi a experiência *angura* (de inglês *underground*), que se concentrou principalmente em Tóquio, entre as décadas de 1960 e 1970. *Angura* reuniu diversas manifestações de dança, teatro, performances, artes visuais, filmes e ativismo urbano. Apesar da diversidade dessas manifestações, Miryam Sas (2011) observou um aspecto comum entre elas: a ideia de *deai* (encontro).

O termo *deai* refere-se, normalmente, a encontro romântico. No entanto, Sas apontou que também poderia gerar outras estratégias de comunicação, por exemplo, entre artistas e público. Esses encontros seriam mais focados na produção de subjetividade do que de produtos específicos (coreografias, peças, filmes etc). Assim, de muitas maneiras, ativariam o agenciamento de corpos subversivos que constituem a dança contemporânea no Japão.

O desafio deste artigo é identificar como essas experiências contemporâneas têm relação com as tradições, e que tipo de fabulações elas criaram para ativar e fazer repensar o passado.

2. TREINAMENTOS CLÁSSICOS E AS SINGULARIDADES DOS CORPOS

A cultura tradicional japonesa reúne uma ampla gama de experiências artísticas. Benito Ortolani (1995) elucida que performances japonesas foram documentadas desde 250 a.C no entanto, a sistematização das técnicas e a concepção de modelos estéticos - independente das fontes primárias chinesas - começaram apenas no período Edo (1603-1867). Essas tradições incluem gravuras do mundo flutuante (*ukiyio-e*),

gêneros teatrais (*nô*, *kyôgen*, *kabuki* e *bunraku*) e danças tradicionais (*nihon buyo*), entre outras.

O pioneiro do teatro *nô* Zeami Motokiyo explicou em seus escritos *Fûshi Kaden* (*Instrução sobre a Postura da Flor*, 1413) e *Kashû* (*Aprendizagem da Flor*, 1418), que o treinamento corporal está completamente relacionado a uma certa concepção do corpo. Zeami nunca considerou os dualismos corpo e mente, teoria e prática, materialidade e imaterialidade, ficção e realidade. Segundo ele, o conhecimento é sempre construído a partir do treinamento. Em outras palavras, construir conhecimento nesse contexto significa treinar ou cultivar o corpo. (Komparu, 1983)

Além de Zeami, Yuasa Yasuo (1987) e Dôgen Kigen (apud Nagatomo, 1992) também discutiram a presença fundamental do corpo em vários aspectos da cultura japonesa. Yuasa até reconheceu um certo dualismo, mas muito distinto do cartesiano. O dualismo em René Descartes foi ontologicamente disjuntivo, admitindo a não interação entre duas realidades separadas: o corpo e a mente ou a matéria (*res extensa*) e o espírito (*res cogitans*). Para Yuasa, há um dualismo epistemológico e provisório que se refere aos sentidos de interioridade e exterioridade, mas essa condição está mudando o tempo todo para um não dualismo. Isso acontece através da prática transformadora do auto cultivo. Portanto, a transformação do corpo e seu conhecimento incorporado tornam-se um fato empírico que expressa a correlação entre corpo e mente através da práxis. Nesse sentido, o corpo é sempre um processo, e nunca está pronto ou restrito a um organismo biológico.

Segundo Dôgen (1200-1253), que foi o fundador da *Escola Sôtô de Zen Budismo* no Japão, o corpo humano é composto por terra, água, fogo e vento, que representa os mesmos elementos que constituem a natureza. Não se trata de seres humanos e natureza, mas de seres humanos como natureza. Portanto, o mundo proposto por Dôgen é completamente transubjetivo, e o corpo é a base dos *dharmas* (estados da mente). Os atos somáticos ou movimentos incorporados correspondem à transformação das imagens corporais, expandindo o corpo individual para um corpo coletivo que garante a vida.

Essas concepções estabeleceram formas específicas de lidar com a tradição. Ao contrário de algumas experiências desenvolvidas por artistas ocidentais, como a famosa coreografia de Maurice Béjart, *Kabuki* (1986), que foi um espetáculo criado em colaboração com o compositor Mayuzumi Toshiro e a companhia Tokyo Ballet. Foi apresentado em 16 países, 197 vezes, sendo portanto considerado um grande sucesso internacional.

No entanto, apesar dessa grande popularidade, não se tornou uma referência conceitual no Japão, uma vez que a conexão com a tradição, elaborada pela maioria dos artistas japoneses contemporâneos, segue outro caminho e não busca criar uma imagem a partir de cenários, usando objetos cênicos típicos e trajes folclóricos. Está mais relacionada à ideia de vivenciar uma técnica de treinamento corporal como estratégia para lidar com uma certa concepção de corpo.

Nesse sentido, a dançarina nipo-suíça Heidi Durning é um bom exemplo. Por mais de três décadas, ela vem desenvolvendo a sua *dança de fusão* (*fusion dance*). Durning foi treinada em *nihon buyo* desde a infância, por sua avó e sua mãe. Adolescente, ela concluiu os estudos na escola *Fujima*, onde ganhou o nome artístico de *Fujima kanso o*. Aos 16 anos, Durning já participava do *Kabuki Club* em Kyoto, que se tornou uma referência importante para esta técnica.

No *Physical Education College*, na Califórnia, estudou com bailarinos da Alvin Ailey Company e, mais tarde, tornou-se mestre em Artes pela Universidade de Michigan, Ann Arbor, onde teve a oportunidade de aprender as técnicas de Graham e Cunningham, entre outras. Enquanto isso, mesmo durante a sua estadia nos Estados Unidos, ela seguiu com os cursos intensivos de verão em Kyoto na escola *Fujima*.

O aspecto que parece mais relevante para entender a sua noção de *dança de fusão* é a forma como ela elabora a hibridização entre passos de dança modernos e gestos de *nihon buyo*. Na verdade, não é possível identificar qualquer padrão de movimento em suas obras, mas principalmente uma metamorfose entre diferentes estados do corpo. Durning desenvolveu uma metodologia pessoal para ensinar. Neste momento, é professora na *Ritsumeikan University*, Ibaraki, campus de Osaka, mas a sua metodologia vem sendo aprimorada a partir de inúmeros cursos e workshops que vem oferecendo no Japão e no exterior, durante as ultimas décadas.

Desde 1980, tem criado várias obras, entre as quais destaca-se o solo *Ruby* que pode ser considerado um ponto de inflexão. Este trabalho foi criado em homenagem à sua mãe que faleceu durante o Grande Terremoto de 1995. No solo, há referências tácitas às estátuas de Buda, à dança flamenca (praticada e amada por sua mãe), bem como combinações de ritmos, temporalidades e espacialidades que se referem tanto às danças ocidentais como às japonesas.

A pista coreográfica para entender a pesquisa de Durning está mais relacionada aos momentos de transição e não exatamente à replicação dos padrões de movimento. Em japonês, existem dois termos que definem essas passagens: *ma* e *utsuri*. *Ma* é o espaço-tempo entre um movimento e outro. Não é um espaço vazio. É um espaço-tempo intervalar transportado artisticamente. Segundo Gunji, essa sensação de espaço-tempo é a base do senso estético de movimento no Japão. O arquiteto e curador Isozaki Arata (2011) parecia concordar com essa ideia. Em 1978, foi curador da exposição *Ma, espace-temps au Japon*, que ocorreu no *Musée des Arts Décoratif*, em Paris. Para apresentar outra possibilidade de lidar com a cultura japonesa, escapando dos estereótipos orientalistas; ele decidiu criar uma experiência *ma*. Segundo ele, *ma* é uma forma de percepção para lidar com o contexto japonês: arquitetura, arte, natureza, corpo, performance etc.

No que diz respeito a *utsuri*, é um termo técnico que literalmente significa uma transição ou mediação. Pode ser uma transição entre um gesto e outro, ou de um movimento do pé para um movimento de mão, por exemplo, entre outras possibilidades.

Utsuri seria um estado de conscientização relacionado ao processo de movimento antes de qualquer resultado final (uma pose ou um passo formal).

Ao lidar com a percepção desses movimentos e passagens incorporadas, Durning vem construindo um olhar original para entender uma gama de possibilidades para suas danças de fusão.

Em outro contexto da dança japonesa contemporânea, intervalos de espaço-tempo e transições de movimento também foram explorados pelo coreógrafo Teshigawara Saburo. Ao contrário de Durning, Teshigawara não teve treinamento específico em nenhuma técnica tradicional japonesa, mas desde a década de 1980, tem procurado uma concepção única de corpo dançante. Antes de se tornar um dançarino, Teshigawara estudou escultura e desde o início de suas pesquisas artísticas, decidiu usar seu próprio corpo como um material primário da criação com esculturas. Começou a aprender balé clássico e pantomima quando tinha vinte anos. Como essas técnicas eram baseadas principalmente na anatomia do corpo humano, ele decidiu explorar outros materiais. Do seu ponto de vista, a dança não era apenas restrita a corpos humanos, mas buscaria também possíveis conexões com outros movimentos e múltiplos materialismos. Nesse sentido, a dança poderia ser considerada uma espécie de comunicação transpessoal entre diferentes elementos, incluindo corpos humanos, mas não restrita a eles.

Teshigawara também estava interessado na aventura de descobrir movimentos singulares que surgiam de diferentes ambientes: um piso de vidro quebrado, paredes de livros, comportamentos animais (ganso, galinha, coelho etc) em seus habitat naturais e assim por diante.

Em 1985, enterrou-se na margem do rio Fukushima. Durante oito horas, Teshigawara tentou abandonar todos os movimentos a fim de ficar completamente imóvel e entender melhor a concepção do corpo vazio. O objetivo de seu experimento não estava exatamente focado em desenvolver habilidades para coreografar, mas principalmente para propor o que ele chama de coreografia *atmosférica*. Por isso, criou um cosmos coreográfico no qual o público poderia compartilhar uma realidade fictícia comum com ele e toda a natureza em torno da performance. Lembrando a noção de fabulação e a teoria dos encontros propostos por Sas, isso poderia ser considerado um encontro entre corpo e areia, corpo e mente, artista e público, ficção e realidade.

Através dessa experiência, Teshigawara percebeu que o conceito de corpo autônomo era uma tarefa impossível. Por isso, em 1985, ele criou a sua companhia de dança *Karas* com Miyata Kei. Desde então, eles foram convidados a se apresentar e coreografar ao redor do mundo. Também esteve envolvido em muitos projetos de educação e, desde 2014, tornou-se professor na *Tama Art University*, departamento de Design, Drama e Dança. Em 2013, inaugurou o seu próprio espaço (Aparatus) em Ogikubo, Tóquio.

3. FABULAÇÃO DE GÊNERO ATRAVÉS DA PERSONIFICAÇÃO

Além dos treinos específicos e da aproximação com princípios estéticos, temporalidades e espacialidades, há outras estratégias para lidar com as tradições. Uma delas refere-se à discussão de gêneros.

Historicamente, a genealogia das performances transgêneros no Japão começou no século XVII, como parte da chamada estética da excentricidade (Brecher, 2013). Os artistas excêntricos representavam uma confluência de novas ideias, novas imagens e novos espaços além dos lugares institucionalizados. Neste contexto de excentricidade, nasceu a primeira performance “queer”, por volta de 1603 em Kyoto, quando a dançarina e sacerdotisa *Okuni* de Izumo concebeu a primeira versão do teatro kabuki (*onna no kabuki* ou kabuki de mulheres). Vestida com trajes masculinos, Okuni misturou referências de trajes de samurai (como espadas e penteados) com túnicas de missionários cristãos. Há pouco material sobre esse período, exceto algumas gravuras e pequenos textos que mencionavam o *kabukimono*, um termo geralmente usado para aqueles que se vestiam e falavam de uma forma peculiar. (Miller; Bardsley, 2005)

Mais do que uma artista exótica em um traje peculiar, é importante notar que o travestimento de Okuni questionava a soberania masculina. Após ser censurada e acusada de prostituição, Okuni e seus dançarinos foram banidos da cena teatral. O *kabuki* passará por várias fases, até o aparecimento dos *atores onnagata* especializados em personificação feminina.

Além da maquiagem e dos figurinos de gueixas, o *onnagata* passa por um longo e rigoroso treinamento. Mais do que adereços e objetos cênicos, é a personificação do gesto feminino que constitui o aspecto crucial da performance. No entanto, não se trata de um perfil psicológico a ser construído. Desde muito jovens, os atores iniciam um treinamento corporal imitando os movimentos das mulheres idealizadas do período Edo. A sua maneira particular de imitar é conhecida como *furi*. Gunji (ibid: 76) apresenta muitas classificações de *furi*, do realista *monomane-buri* ao abstrato *fuszei-buri*, mas o propósito principal é sempre construir uma imagem interna através da personificação de gestos imaginários. Para isso, o *onnagata* também trabalha com outra estratégia: *mitate*. Este é um sistema de representação imaginária que opera através do transporte, como uma espécie de metáfora. Gunji (1985: 16) considera o *mitate* como uma extensão do *yatsushi*, que é muito comum na poesia *haikai*. Significa a tentativa de modernizar algo ou traduzi-lo em termos da sociedade contemporânea, às vezes, parodiando o passado. Em outras palavras, *mitate* também pode ser considerado uma forma de criar algo para estar no lugar de outro ou um olhar que institui uma nova maneira de pensar. (Berque, 1993:45)

Assim, o corpo transgênero do *onnagata* não é exatamente uma mulher, nem um homem representando uma mulher; mas um terceiro, que será uma representação imaginária transgênero. A chave está na ambivalência de um corpo que não é nem masculino nem feminino, mas ambos e ao mesmo tempo.

Na década de 1980, Morimura Yasumasa foi um dos primeiros artistas contemporâneos que trouxe à cena uma problematização política de corpos transgêneros e

uma série de questões que surgem no confronto e possível encontro entre Oriente e Ocidente. (Khan, 2007)

A partir de 1988, com *Auto-Retrato como História da Arte*, Morimura criou uma série de auto-retratos sobrepostos em pinturas canônicas ocidentais, como *Olimpia* de Manet e *Monalisa* de Leonardo da Vinci. Em seguida, usou a mesma estratégia para uma nova versão desses trabalhos visuais, agora criando figurinos, maquiagem, cenários e coreografias que compõem as fotomontagens. O termo japonês para esta série fotográfica era *futago* que poderia ser traduzido como gêmeos. Seu trabalho significa, portanto, o ato de fundir homem e mulher, branco e não branco, cópia e original, obras de arte e mídia. Como o próprio Morimura declarou em várias ocasiões, uma de suas fontes de inspiração foi a artista Cindy Sherman, especialmente o seu trabalho *Untitle Film Stills* do final dos anos 1970. Em *Diálogo Interior com Frida Kahlo* (2001), fica bem evidente que não se tratava de imitar o trabalho de Kahlo, mas de propor uma reativação ou *reenactment*, como explicou Rebecca Schneider (2011): a imagem/pensamento/movimento do outro se internaliza fazendo com que um se torne *outro* ou seja *tomado* pela diferença para se reconstituir.

High-Red Center, Action é outro bom exemplo de reconstituição. Neste caso, Morimura propôs três séries de apresentações: a primeira inspirada no grupo artístico *Hi-Red Center*, organizado por Takamatsu Jiro, Akasegawa Genpei e Nakanishi Natsuyuki em 1964. O segundo foi baseado no solo de Ohno Kazuo, *Admirando la Argentina*, e o último, *Cometman*, uma performance imaginária do famoso retrato de Marcel Duchamp filmado por Man Ray.

Desde a década de 1980, mudanças políticas nas questões de gênero têm surgido gradualmente no Japão. Um dos grupos de dança mais ativistas foi *Dumb Type*, uma companhia criada em 1984, por estudantes de diferentes áreas de pesquisa (dança, teatro, artes visuais e tecnologia) no Kyoto City Art College. O diretor Furuhashi Teiji morreu de AIDS em 1995 e, durante seus dez anos como chefe do grupo, foi muito ativo nas discussões sobre problemas de gênero no Japão. Suas obras pH e S/N, respectivamente de 1990 e 1994, trouxeram questões importantes quando os debates sexuais, o tema do capitalismo e a mercantilização do corpo. (Hatanaka, Takada; Shiba, 2002)

O grupo alegou que seu primeiro gesto político seria trabalhar como um coletivo em busca de experimentos interdisciplinares, abandonando categorias e hierarquias acadêmicas.

Após 2000, o *Dumb Type* começou a organizar instalações em museus e galerias. Os principais temas continuam sendo a mutação de identidades, pelo que diz respeito ao gênero, à presença maciça da tecnologia no cotidiano e às forças do neoliberalismo. A maioria das instalações multimídia foi inspirada por suas performances ao vivo.

Uma experiência mais recente que também testou formas de documentação e *reenactment*, foi o solo *About Kazuo Ohno* de Kawaguchi Takao, que também foi dançarino do grupo *Dumb Type*, de 1996 a 2008.

Quando Kawaguchi decidiu pesquisar as imagens e movimentos de Ohno Kazuo, essa decisão o colocou em uma nova posição: um estrangeiro em um universo dançante completamente diferente. Kawaguchi não teve um treinamento *de butô* e nunca assistiu às apresentações ao vivo de Ohno. Por isso, iniciou o processo pesquisando filmes e fotografias. Ele também decidiu eliminar todo tipo de especulação sentimental ou transcendental que geralmente pairava em torno do trabalho de Ohno, escolhendo focar especificamente na constituição dos movimentos e imagens do corpo.

A situação era realmente única: um dançarino mais velho (Ohno Kazuo), fabulando mulheres imaginárias (a argentina Antonia Marcé, sua mãe, personagens de Jean Genet, entre muitas outras), sendo ainda mais uma vez recapturado pelo corpo de um dançarino mais jovem (Kawaguchi). O principal desafio era incorporar os movimentos de Ohno para desencadear a reinvenção do próprio corpo de Kawaguchi, assombrado pelas imagens de Ohno e todos os outros fantasmas femininos.

Kawaguchi escolheu três solos interpretados por Ohno e dirigidos por Hijikata Tatsumi: *Admirando la Argentina* (1977), *My Mother* (1981) e *Dead Sea* (1985). Ele também estudou os filmes nos quais Ohno trabalhou sob a direção de Nagano Chiaki: *O Retrato do Sr. O* (1969), *Mandala of Mr. O* (1971) e *Mr. O's Book of the Dead* (1973).

Em todos esses trabalhos, houve uma transição entre gêneros, ficções e realidades. Portanto, mesmo sem ter estudado a técnica *butô* ou qualquer habilidade particular desenvolvida por Ohno, ele certamente capturou um clima de escuridão e uma opacidade irredutível, introduzindo uma vulnerabilidade no fluxo do tempo e apresentando o seu corpo como uma ruptura com toda a significação explícita.

4. MENINOS, MENINAS E A SUBVERSÃO DE IDENTIDADES

Outro exemplo de fabulação das tradições pode ser identificado nos coletivos femininos que tem repensando o conceito de *shôjo* ou meninas, que é uma categoria muito particular e, ao mesmo tempo, um princípio estético.

Há vários vocabulários referentes à jovem japonesa. Algumas delas realmente significam meninas, outras estão relacionadas com a qualidade de ser uma menina. *Kawaii*, por exemplo, é a palavra japonesa para bonitinho e tornou-se associado a produtos pop e personagens, como aqueles da marca Hello Kitty. Entre essas palavras, uma das mais importantes é, justamente, *shôjo*. Refere-se a adolescentes, até o momento do casamento e maternidade. Mais do que uma idade específica, *shôjo* é uma convenção social. Durante o período Edo, casamentos tardios e algumas oportunidades educacionais para meninas já existiam, mas foi após a Restauração Meiji que se tornou possível para as famílias de classe alta e média atrasar o casamento em favor da educação.

Shamoon (2011) explica que *shôjo* apareceu pela primeira vez como um personagem fictício nos romances do período Meiji, que foram inspirados por obras europeias. Antes disso, os homens japoneses só se interessavam por *gueixas* e prostitutas,

e seus sonhos eróticos estavam localizados sempre no *mundo flutuante*, representado por gravuras *ukiyo-e* e os quarteirões do prazer, que eram dedicados ao entretenimento sexual (Clark et al, 2013).

No início do século XX, uma cultura normativa de meninas desenvolvida nas revistas literárias e romances, finalmente chegou às próprias meninas nas escolas. E embora os editores e muitos dos colaboradores fossem homens, as leitoras abraçaram essas revistas como uma representação de sua infância. A revista *Shôjo no tomo* (A Amiga da Garota) foi a mais interativa entre as revistas femininas, e de 1920 a 1930 ajudou a criar uma comunidade de leitura de meninas.

Portanto, a imagem de *shôjo* tornou-se um ponto de identificação. A personagem feminina que apareceu nas ilustrações das revistas femininas era pura e virgem, e transformava os desejos românticos em relações homosociais com outras garotas. Esta também pode ser considerada uma das primeiras versões de movimentos femininos.

É relevante observar que no Japão, embora o feminismo e as lutas políticas existissem entre as décadas de 1870 e 1930 (quando a grande questão era o sufrágio), o fortalecimento dos debates e publicações só ocorre após a década de 1970. A exceção foi a revista *Seitô* cujo nome havia sido inspirado pela sociedade inglesa *Bluestocking* – um movimento social e educacional informal de mulheres, organizado na Inglaterra em meados do século XVIII. O objetivo desse grupo foi enfatizar a educação e a cooperação mútua entre as mulheres.

Esta revista teve uma vida curta (1911-1916), mas as cinco jovens responsáveis pela fundação da *Associação Seitôsha* (Hiratsuka Raichô, Yasumochi Yoshi, Mozume Kazu, Kiuchi Tei e Nakano Hatsu) propuseram muitas discussões sobre sexualidade, prostituição, aborto e direitos humanos, que ajudaram a estabelecer a semente do feminismo no Japão. (Lévy 2012) A editora Hiratsuka foi considerada uma das pioneiras do ativismo feminino no Japão, então substituída pelo anarquista Itô Noe, que ocupou o cargo de editora radicalizando a posição da revista e sendo brutalmente assassinada aos 28 anos, ao lado de seu companheiro e um sobrinho. (Hane, 1982)

Ao mesmo tempo, a cultura do consumo intensificou-se nas grandes cidades. A noção de garota moderna tornou-se uma construção midiática criada por jornalistas que debateram identidades femininas após o grande terremoto de 1923 (Weisenfeld, 2012).

De acordo com Miriam Silverberg (2006), essas *modan gaaru* ou simplesmente *moga* não eram exatamente sufragistas em busca de direitos ampliados para as mulheres, mas também não tinham intenção de serem escravos dos homens. Em geral, usavam cabelo curto, roupas ocidentais para mostrar pernas longas e novas modas. Mesmo sem ser uma ativista feminista, a garota moderna negava a “boa esposa, mãe sábia” que costumava ser a mulher ideal de Edo e início de Meiji.

Em suma, é possível concluir que as meninas japonesas não são um grupo homogêneo, e têm várias variações políticas. Nesse sentido, Anan Nobuko (2016) explica que a noção de “meninas” também pode ser entendida como uma categoria estética referente a certos tipos de representações e àqueles que se identificam com essas

representações, como os produtores e consumidores de artes “girlie” (das garotas). Entre a infância e a idade adulta, as meninas sonham com corpos ficcionais imateriais, deixando suas realidades para trás. Seus corpos poderiam ser considerados “improdutivos”, o que significa que sempre falharam e essa noção particular de fracasso tornou-se uma chave importante. Como Jack Halberstam (2011) vem discutindo em outros contextos, o ponto interessante do fracasso é sempre político. Corpos estranhos e improdutivos desafiam o neoliberalismo e isso é exatamente o que aconteceu com as dançarinas japonesas que desconsideraram a heteronormatividade e muitas vezes expressaram seus sentimentos eróticos por outras meninas. No palco e também nos espaços urbanos das grandes cidades, eles geralmente trabalham com excesso de roupas, de objetos cênicos, de palavras, de movimentos etc), por personagens criando, todo tipo de fabulações e mundos imaginários para desafiar os sistemas normativos tradicionais.

No campo dos espetáculos, um dos primeiros coletivos de dançarinas foi o *Yubiwa Hotel*. Elas se tornaram um grupo em 1994, dirigidas por Hitsujiya Shirotama, e começaram dançando em espaços alternativos, como fábricas abandonadas, restaurantes e bandas *hardcore*. Hitsujiya nasceu em Hokkaido e mudou-se para Tóquio para estudar com Oê Kenzaburô (ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1994) na Universidade Meiji. No entanto, devido à crise econômica da época, ela decidiu deixar a universidade, e em 1990 tentou uma performance experimental que inspirou a fundação do Yubiwa Hotel, quatro anos depois. (Naito e Hibino, 2001).

Yubiwa em japonês significa anel, em algumas situações, pode sugerir castidade; enquanto hotel lembra um encontro sexual ou a condição de ser estrangeiro. No final da década de 1990, a empresa começou a pesquisar os corpos femininos fictícios. Hitsujiya e seu grupo começaram a trabalhar pouco antes da “geração zero”, que se referia aos artistas que se tornaram ativos após 2000. A maioria desses artistas nasceu na década de 1970, e ficou traumatizada com a perda de valores existentes após o colapso da economia bolha, que foi um momento muito rico. Portanto, as pessoas jovens tornaram-se perdidas e incertas sobre o futuro e a crescente crise econômica, decidindo escapar do presente. Nesse sentido, o título de uma das primeiras peças de Yubiwa, *Nowhere Girl Episode 2 Poison*, é bastante claro. Hitsujiya declarou que “no where” ou “nenhum lugar” também pode ser lido como “now here” ou “agora aqui”, e este é o espaço que as meninas decidiram realizar: entre o não lugar e o agora aqui (Mezur, 2004).

No palco, elas evitaram as grandes narrativas em busca de suas próprias realidades locais. Neste momento, o crítico Uchino Tadashi (2009) observa o surgimento de corpos femininos finos ou *kodomo shintai* (corpos infantis). Ele identifica uma conexão crítica com as imagens passadas de *shôjo* e também com a proposta de *superflat*, concebida pelo artista visual Murakami Takashi (2005).

De acordo com Uchino, a noção de *kodomo shintai* e a imagem do *shôjo* entraram em jogo na apresentação do Hotel Yubiwa como algo que não se encaixava. Os artistas tentaram em vão incorporar a imagem de *shôjo* e, durante esse processo esteticamente indesejável, surgiu um tipo diferente de corpo *junkie*. Isso poderia ser interpretado como

a falha de todo o processo metafórico e também o mau funcionamento do sistema disciplinar que tem sido enfatizado no Japão. O *superflat* não faz exatamente parte do mesmo debate, mas compartilha questões semelhantes.

Este projeto nasceu em 2000, concebido pelo artista visual Murakami Takashi, e foi organizado como uma trilogia. Na primeira parte, a principal pergunta era: o que é arte? A segunda parte, realizada em 2002, foi a exposição *Coloriage* e, para concluir em 2005, Murakami organizou a exposição *Little Boy* – uma referência ambígua a uma das bombas atômicas cujo apelido era *little boy* e os meninos representados pela cultura pop *otaku*.

Murakami articulou uma lógica visual para a excentricidade singular da arte japonesa. Sua pesquisa foi baseada no uso de dispositivos de anime, mangá e reino sobrenatural. O objetivo era tirar o Japão da banalidade da cultura que vive da cópia do Ocidente, considerando a comunidade *otaku*, não apenas como consumidores e geradores de novas formas culturais, mas como uma rede de resistência de uma subcultura. Portanto, a construção do movimento neo-pop de Murakami e, especialmente, as três partes do Manifesto *Superflat*, em seu caráter “infantil” e de marginalidade cultural, tornaram-se a base para criar conexões com a tradição e pensamentos críticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Matsui Midori (2007) explica que durante a década de 1990, a prática artística contemporânea no Japão experimentou uma era de invenção e visibilidade dentro do cenário artístico internacional. Artistas de diversas áreas não seguiam mais modelos artísticos importados do Ocidente. Uma chave importante foi a desterritorialização das linguagens para potencializar a capacidade performática de fazer a diferença nos espaços alternativos. Mesmo que Matsui tenha estudado com mais atenção as artes visuais, é possível abraçar sua análise para pensar em Yubiwa Hotel, por exemplo, uma vez que as dançarinas também demonstraram como a subcultura japonesa e a arte contemporânea se desestabilizaram completamente após a década de 1990. Como Matsui observou, essas experiências estabeleceram um “olhar menor” para abrir novas possibilidades de percepção, como de certa forma, fizeram também Heidi Durning, Teshigawara Saburo, Morimura e Kawaguchi Takao.

Matsui inspirou-se na concepção de “menor” proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1986) para pensar na literatura de Kafka. Uma literatura menor não é pequena ou menos valorizada, mas tem o potencial de atravessar um espaço de forças e criar novos agenciamentos, que é exatamente o que os dançarinos de Yubiwa têm feito desde a década de 1990, assim como os outros coreógrafos citados anteriormente.

Ao fabular *shôjo* e muitas outras concepções de mulheres e transgeneridades, provoca-se uma falha no sistema, no que diz respeito às regras sociais, princípios de sexualidade e diversos modelos estéticos relacionados à moda, maquiagem e movimentos corporais. Há uma recusa explícita em replicar estereótipos e uma desnaturalização

deliberada dos papéis femininos convertidos em múltiplas imagens: meninas, meninas cibernéticas, garotas de animação, garotas de moda, garotas cômicas e, finalmente, o que Mezur identificou como “garotas mutantes que dismantelaram e confundiram todos os códigos que ligam corpos femininos a bonitos, pequenos e kawaii”. (ibid: 83)

Ao criar suas fabulações particulares, esses artistas trouxeram à tona realidades diferentes, nem sempre explícitas no senso comum. Temas como o descentramento da figura humana, o envelhecimento do corpo, a solidão, os corpos abjetos, a vulnerabilidade e violência estão presentes nas obras citadas neste artigo e, por vezes, extrapolam a cena artística.

Em 2012, por exemplo, Hitsujiya e a coreógrafa e escritora Mikuni Yanaihara, que fundou a companhia de dança Nibroll – outro expoente da dança contemporânea no Japão - decidiram criar o *Asian Women Performing Arts Collective* para se aproximar das experiências de mulheres de diferentes etnias, sociedades, línguas, culturas e histórias. Juntas, elas têm demonstrado como as danças podem fazer suas próprias perguntas e pensamentos críticos, sem serem submetidas às grandes narrativas de poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Che cos'è Il Contemporary?** Rome: Nottetempo, 2008.
- ANAN, Nobuko. **Contemporary Japanese Women's Theater and Visual Art.** New York: Palgrave MacMillan, 2016.
- BERQUE, Augustin. **Du geste à la cité.** Paris: Gallimard, 1993.
- BRECHER, W. Puck. **The Aesthetics of Strangeness, Eccentricity and Madness in Early Modern Japan.** Honolulu: University of Hawaii Press.
- CLARK, Timothy et al. **Shunga, sex and pleasure in Japanese Art.** London: The British Museum, 2013.
- DELEUZE, Gilles; FÉLIX, Guattari. **Kafka: toward a Minor Literature**, trans. Dana Polan. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.
- GUNJI, Masakatsu. **Buyo, the classical dance.** New York: Weatherhill/Tankosha, 1970.
- GUNJI, Masakatsu. **Kabuki.** Trans. John Bester. Tokyo: Kondansha International, 1985.
- HATANAKA, Minoru; Takada Akira, Shiba Shunichi. **Dumbtype Voyages.** Tokyo: NTT Publishing, 2002.
- ISOZAKI, Arata. **Japan-ness in Architecture.** Trans. by David B. Stewart. MIT Press, 2011.
- KHAN, David M. **Questions of Cultural Identity and Difference in the work of Yasumasa Morimura, Mariko Mori and Takashi Murakami.** Doctoral thesis, Canterbury University, 2007.
- KOMPARU, Kunio. **The Noh Theater, Principles and Perspectives.** Trans. Jane Corddry and Stephen Comee. New York: John Weatherhill, 1983.

- HALBERSTAM, Jack. **The Queer Art of Failure**. Durham: Duke University Press, 2011.
- HANE, Mikiso. **Peasants, Rebels, Women and Outcastes, the underside of Modern Japan**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1982.
- LÉVY, Christine. **Genre et modernité au Japon, la revue Seitô et la femme nouvelle**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014.
- LOUPPE, Laurence. **Poétique de la danse contemporaine, la suite**. Brussels: Contredanse, 2007.
- MATSUI, Midori. **The Age of Micropop: the new generation of Japanese Artists**. Tokyo: Parco, 2007.
- MEZUR, Katherine. "Cute Mutant Girls: Sweetness and Deformity in Contemporary Performance by Young Japanese Women" in Eckersall Peter, UCHINO, Tadashi; MORIYAMA, Naoto (eds.). **Alternatives Debating Theater Culture in the Age of Con-Fusion**. Brussels: Peter Lang, 2004.
- MILLER, Laura; BARDSLEY, Jan (eds.). **Bad Girls of Japan**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MURAKAMI, Takashi. **Little boy: the Arts of Japan's Exploding Subculture**. New York: Japan Society and Yale University Press, 2005.
- NAGATOMO, Shigenori. **Attunement through the body**. New York: Suny Books 1992.
- NAITO, Mao; HIBINO, Kei. Hitsujiya Shirotama on herself and Yubiwa Hotel, **Women & Performance: a journal of feminist theory**, 12:1, p. 177-190, 2001.
- ORTOLANI, Benito. **The Japanese Theater, from shamanistic ritual to contemporary pluralism**. Princeton University Press.
- SAS, Miryam. **Experimental Arts in Postwar Japan, moments of encounter, and imagined return**. Cambridge: Harvard University Press.
- SCHNEIDER, Rebecca. **Performing Remains: Art and War in Times of Theatrical Reenactment**. New York: Routledge, 2011.
- SHAMOON, Deborah Michelle. **Passionate friendship, the aesthetics of girls' culture in Japan**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2011.
- SILVERBERG, Miriam. **Erotic, Grotesque, Nonsense, the Mass Culture of Japanese Modern Times**. Berkeley: University of California Press, 2006.
- UCHINO, Tadashi. **Crucible Bodies, Postwar Japanese Performance from Brecht to the new Millenium**. London: Seagull Books, 2009
- YUASA, Yasuo. **The Body, toward an Eastern Mind-Body Theory**. Nova York: Suny Books, 1987.

*Recebido em 10 de junho de 2021.
Aprovado em 8 de setembro de 2021.*

PROBLEMAS, SOLUÇÕES E HIPÓTESES NO ESTUDO DA LINGUAGEM DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL DO BRASIL

PROBLEMS, SOLUTIONS, AND HYPOTHESES IN THE STUDY OF THE LANGUAGE OF JAPANESE-BRAZILIANS FROM THE FEDERAL DISTRICT OF BRAZIL

Fernando Brissos¹

Resumo: Apesar de formarem uma das maiores comunidades de origem estrangeira no Brasil, os nipo-brasileiros não têm merecido o previsível destaque nos estudos de linguística variacional. Uma exceção honrosa são os trabalhos de Yuko Takano, tanto na sua tese de doutoramento (2013), que procede a um *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal*, como no seu pós-doutoramento (2018), em que o amplo *corpus* dessa tese é rentabilizado sob a forma de um estudo dialetométrico (ou seja, quantitativo). Ambos os trabalhos são totalmente inovadores e não têm até hoje qualquer paralelo: não existe ainda outro atlas linguístico nem outro estudo dialetométrico do sistema linguístico nipo-brasileiro. Neste artigo tomamos o *corpus* de Takano e discutimos os seus *achievements* metodológicos e analíticos. Comparamos o primeiro conjunto de *achievements* com os conhecimentos que século e meio de dialetologia científica nos legaram, discutindo os ganhos e perdas de eficiência originados pelas adaptações metodológicas efetuadas por Takano com vistas ao estudo de um sistema linguístico tão específico. No que respeita ao segundo grupo de *achievements*, ou seja, aos resultados da análise quantitativa, expandimos o *corpus* utilizado por Takano de modo a incluir os sistemas linguísticos japonês e português – i.e. os sistemas matriz da variedade mista nipo-brasileira –, tornando assim possível testar os resultados do estudo dialetométrico da autora à luz da genética da variedade nipo-brasileira, por um lado, e, por outro lado, comparar os padrões geolinguísticos da variedade com os das outras variedades brasileiras que foram já sujeitas ao mesmo tipo de análise (Região Sul do Brasil e estado do Amazonas). Desse processo resulta um argumento fundamental: é necessário criar tradição de estudo do sistema linguístico nipo-brasileiro, que está sob forte pressão e tem um interesse cultural de exceção.

Palavras-chave: Dialetometria. Dialetologia brasileira. Variedades linguísticas nipo-brasileiras. Distrito Federal do Brasil.

Abstract: Despite accounting for one of the largest communities of foreign origin in Brazil, Japanese-Brazilians have not yet been put under the spotlight by dialectological studies. The

1 Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Endereço de e-mail: fernandobrissos@campus.ul.pt ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2525-1987>

most notable exception to that underperforming of Japanese-Brazilian dialectology is Yuko Takano's work. The author has recently (2013) published a PhD thesis under the title of *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal* (= *Outline of the Atlas of the Language of Japanese-Brazilians from the Federal District*), whose corpus was subject to due dialectometrical – i.e., quantitative – processing in her Post-Doc dissertation (2018). Both studies remain unparalleled: there is no other linguistic atlas or dialectometric study of the Japanese-Brazilian linguistic system yet. In this paper we take on Takano's corpus and discuss its methodological and analytical achievements. We compare the first set of achievements with the knowledge that a century and a half of scientific dialectology bequeathed to us, discussing the gain and loss in efficiency brought about by the methodological adaptations that were undertaken by Takano in order to study such a specific linguistic system. With regard to the second group of achievements, i.e., the results provided by Takano's analyses, we expand the author's corpus to include the Japanese and Portuguese language systems – that is, the base-systems of the Japanese-Brazilian mixed variety –, thus making it possible to (i) test the results of the author's dialectometric study in light of the genetics of the Japanese-Brazilian variety and (ii) compare the dialectological patterns of that variety with the ones found in the other Brazilian varieties that were subjected to the same type of analysis (Southern Brazil and the Amazonas state). We therefore proceed to a fundamental argument: it is necessary to quickly develop a strong body of Japanese-Brazilian dialectological studies, as the respective linguistic varieties are under strong pressure and have an exceptional cultural interest.

Keywords: Dialectometry. Brazilian dialectology. Japanese-Brazilian linguistic varieties. Federal District of Brazil.

1. INTRODUÇÃO

É falada em várias regiões do Brasil, pelos imigrantes japoneses e seus descendentes (a comunidade *nikkei*), uma variedade linguística mista originada pelo contacto entre a língua japonesa, dialetal (*hogen*) e *standard*, e a portuguesa, também dialetal e *standard*. Do ponto de vista formal, essa variedade caracteriza-se pelo cruzamento da gramática japonesa (o substrato) com o léxico português (superstrato). Chamado tradicionalmente de *koroniago* (“língua da colónia”) mas atualmente, devido ao possível preconceito negativo dessa expressão, também de “falar nipo-brasileiro” ou “variedade nipo-brasileira” (TAKANO, 2018, p. 16, n. 10), o sistema linguístico em questão tem um evidente interesse linguístico, pois resulta da interação de dois mundos muito distantes. Tem ainda, porém, pouca tradição de estudo. São exceção importante os trabalhos de Yuko Takano, sobretudo o *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-brasileiros do Distrito Federal: Aspecto Semântico-lexical* (TAKANO, 2013), que é o primeiro e único estudo de natureza perfeitamente geolinguística sobre a variedade nipo-brasileira, e o relatório de pós-doutoramento, ainda inédito, em que a autora analisa quantitativamente, à luz da dialetometria, os dados do atlas referido (TAKANO, 2018, trabalho efetuado na Universidade de Lisboa sob a supervisão deste autor e de João Saramago). Trata-se de trabalhos de rutura, que lidam com um conjunto de questões novas, quer no que toca à metodologia de recolha de

dados geolinguísticos, quer no respeitante à análise desses dados. No presente artigo ocupar-nos-emos precisamente daqueles trabalhos, que analisaremos nos dois âmbitos referidos (metodologia de recolha de dados e análise de dados), comparando os desafios colocados pelo tratamento geolinguístico da variedade nipo-brasileira com os procedimentos já bem estabelecidos do tratamento geolinguístico de comunidades monolíngues como, por exemplo, a maioria da população brasileira. Compararemos, portanto, o que sabemos e o que precisamos de fazer para saber mais sobre a variedade nipo-brasileira, por um lado, com o que sabemos e o que é preciso fazer para saber mais sobre o contexto geolinguístico em que ela se insere – o sistema dialetal brasileiro –, por outro.

Referiremos previamente, no entanto, cinco pontos importantes e relativamente consensuais sobre a história da imigração japonesa no Brasil, tomando como referência principal a extensa e cuidada introdução de Takano (2013, p. 27-67):²

- a) a imigração japonesa para o Brasil deu-se sobretudo no século XX, tendo sido organizada centralmente pelos governos de ambos os países num processo sistémico que decorreu entre 1908 e 1973. Da mesma forma que a economia brasileira necessitava de mão-de-obra estrangeira no virar do século XIX, veio a ter excesso de mão-de-obra no último quarto do século XX, encontrando-se a economia japonesa no total oposto: excesso de mão-de-obra no final do séc. XIX, depois da abertura do país ao exterior na sequência da revolução Meiji de 1868 e do desenvolvimento económico subsequente, e necessidade de importação de trabalhadores no final do séc. XX, como qualquer outra economia de alto rendimento. Deu-se portanto, a partir da década de 1980, uma inversão do fluxo migratório entre Japão e Brasil: é agora este que se encontra na posição de exportador de trabalhadores para o primeiro;
- b) a comunidade nipo-brasileira (imigrantes japoneses e descendentes no Brasil) é a maior comunidade de origem nipónica fora do Japão, situação que se verificava já antes da 2.^a Guerra Mundial; vivem no Brasil, presentemente, mais de 1.500.000 nipo-brasileiros (MIURA; CATARINO, 2010, p. 66 *apud* TAKANO, 2013, p. 46), dos quais a maior parte se encontra no estado de São Paulo (sobretudo) e nos estados próximos do Paraná e do Mato Grosso do Sul. Em Brasília, vivem desde a fundação da cidade (1957);
- c) o motivo da migração dos nipo-brasileiros para Brasília, provenientes na sua maioria de São Paulo, foi o mesmo da sua imigração para o Brasil: a agroindústria, setor económico em que o Japão tinha performance de ponta já no final do séc. XIX. A comunidade nipo-brasileira de Brasília é a maior comunidade de origem estrangeira presente no Distrito Federal (DF), com c. 0,4% da população = c. 10.000

2 Podem ver-se mais detalhes sobre a história da imigração japonesa no Brasil em Brissos (2021b) ou no passo citado de Takano (2013), com bibliografia.

habitantes no início do século (JOKO-VELTMAN; TORREÃO; SUGIMOTO, 2008, p. 103; KUYAMA, 2000, p. 11 *apud* TAKANO, 2013, p. 53);

- d) existem dois principais blocos temporais na imigração japonesa para o Brasil: o antes e o pós-2.^a Guerra Mundial, quando surgem os chamados “imigrantes permanentes” (*ijyuu-imin*). Até à 2.^a Guerra Mundial, o objetivo fundamental dos imigrantes japoneses no Brasil era trabalhar, acumular reservas financeiras e voltar para o país de origem; depois da guerra, com a crise económica que afetou o Japão (país que ficou do lado derrotado), esses imigrantes interiorizam a improbabilidade de voltar a residir na terra natal. Dá-se então uma progressiva assimilação dos nipo-brasileiros no segundo país da equação, o que se traduziu, desde logo, num êxodo rural; agora era fundamental falar a língua portuguesa, escolarizar os filhos no sistema educativo brasileiro, obter empregos qualificados no terceiro setor, ocupar um lugar de pleno direito na sociedade brasileira. Mudou então o perfil do nipo-brasileiro, que se tornou urbano, com alta escolarização e muito mais miscigenado; e as comunidades de imigrantes japoneses deixaram de ser uma extensão do Japão para passar a ser mais uma cor progressivamente diluída no complexo mosaico cultural brasileiro;
- e) com essa assimilação tem corrido paralelo um progressivo abandono do japonês como língua veicular da comunidade nipo-brasileira, que, mesmo quando conservado, sofre cada vez mais influência do português. Um processo plenamente previsível, pois a língua é, acima de tudo, uma ferramenta de otimização dos recursos sociais, desde logo a comunicação; se não tem valor acrescentado num determinado meio social, uma língua tende, tal como qualquer outro *asset*, a ser eliminada ou, pelo menos, a ver o seu raio de ação crucialmente reduzido.

A aventura japonesa no Brasil tem tido portanto, como todas as aventuras, consequências linguísticas, que o linguista egoistamente agradece; a oportunidade de estudar a colisão entre dois sistemas linguísticos tão diferentes é interessante e não pode ser enjeitada, apesar dos importantes desafios colocados. Os primeiros desafios são os que dizem respeito à metodologia de recolha dos dados, que passamos a ver.

2. QUESTÕES METODOLÓGICAS NA RECOLHA DE DADOS GEOLINGÜÍSTICOS

A dialetologia é uma ciência mais elegante e elástica do que tantas vezes se pensa, e o atlas de Takano (2013) faz-lhe jus. A autora deparou-se com dois problemas complexos no que respeita à metodologia de recolha de dados geolinguísticos, que resolveu de forma simples e, acima de tudo, eficaz; a robustez dos resultados que podemos extrair do *corpus* de dados do atlas, de que trataremos na secção 3, demonstra-o.

O primeiro problema reside no instrumento fundamental da recolha dos dados de qualquer atlas linguístico, ou seja, o questionário. Subjacente a esse problema está, no caso de Takano (2013), um par de fatores decisivos: a coexistência de dois sistemas linguísticos que não são mutuamente inteligíveis (o japonês e o português) e a progressiva substituição de um por outro (i.e. a sobreposição do português ao japonês). Haveria então que formular um questionário que não potenciase o uso de uma ou outra língua e, mais do que isso, fomentasse o uso da variedade em estudo. Assim, a autora formulou um “questionário semântico-lexical visual” (QSLV), ou seja, um inventário de questões linguísticas formuladas por meio de figuras e não por elicitación linguística, como sucede na generalidade dos atlas linguísticos. Pode ver-se um exemplo do questionário de Takano na figura 1; todas as figuras utilizadas pela autora foram retiradas de materiais didáticos para o ensino de japonês a estrangeiros (cf. TAKANO, 2013, p. 36 e 109).



Figura 1: Exemplo de imagem utilizada no questionário de Takano (2013)
Tema: festa de aniversário. (Fonte: TAKANO, 2013.)

O QSLV contém 219 figuras = 250 questões sobre temas quotidianos, que foram mostradas sucessivamente aos informantes, levando-os a falar (i.e. a *dissertar*) sobre cada tema.³ Assim foi possível obter dados respeitantes não apenas ao funcionamento do sistema linguístico utilizado em cada resposta (raiz lexical, afixos, fonologia, etc.), mas também ao próprio uso de cada sistema linguístico, i.e. à escolha que os informantes tendem a fazer, no discurso normal e não-especializado do dia-a-dia, entre o uso do japonês, do português ou do sistema misto (a variedade nipo-brasileira). A utilização de figuras com temas quotidianos tem outra virtude: possibilitar conversa aberta e espontânea, aspeto nem sempre devidamente acautelado na recolha de *corpora* de variação

3 A lista dos temas é especificamente: a) convivência: vida quotidiana (a-1, domínio domiciliar; a-2, domínio social); b) convivência: marcas culturais (b-1, domínio domiciliar; b-2, domínio social); c) utensílios do quotidiano/materiais. Vejam-se mais detalhes em Takano (2013, esp. p. 109-110).

linguística. Com efeito, a mera resposta automática ou semiautomática a uma lista de questões não proporciona o mesmo grau de fiabilidade linguística que a produção de discurso tão espontâneo quanto possível, pois é espontâneo o uso normal que fazemos da língua no dia-a-dia. Percebe-se, então, que Takano (2013) não tenha utilizado um questionário especializado, com respostas tendencialmente focadas e curtas, como é tradicional na geolinguística: a grande questão no estudo da variedade nipo-brasileira é ainda, mais do que uma descrição gramatical exaustiva, identificar onde a mesma é falada e por quem é falada (sexo, idade, etc.); depois de feita essa catalogação é que se pode descer à minúcia daquela descrição. Eis aqui uma razão primordial para que surjam mais atlas ou outros *corpora* de grandes dimensões da variedade nipo-brasileira, almejando cobrir, tanto quanto possível, todo o país.

O principal contra da utilização de um questionário baseado em figuras ou desenhos é a dificuldade acrescida de identificar a resposta dada pelo informante ao conceito específico que é alvo de cada figura. O investigador tem de analisar com cuidado a totalidade das respostas – que por vezes são longas (ou *dissertativas*) ou fogem mesmo ao tema-alvo –, idealmente transcrevê-las e, a partir daí, escolher tantas variantes quantas as utilizadas pelos informantes para cada variável (i.e. todas as respostas diferentes produzidas para cada conceito/tema). A alternativa seria pior, todavia: correr o risco de elicitar o uso de um ou outro sistema linguístico numa comunidade que está sob forte pressão nesse plano. Para além disso, a obtenção de respostas em discurso semidirigido tem tradição na geolinguística; pode tomar-se como exemplo o ALEPG – *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*, i.e. o projeto de atlas linguístico nacional de Portugal, que apoia boa parte dos seus resultados (concretamente os materiais obtidos em c. 2/3 dos inquéritos) precisamente nesse tipo de discurso (pode ver-se uma descrição detalhada do ALEPG em SARAMAGO, 2006).

Tem menos tradição a solução encontrada por Takano (2013) para o segundo problema de especial complexidade que encontrou na constituição do *corpus*: a obtenção de dados em informantes de ambos os sexos. Tanto o problema como a solução são, não obstante, fáceis de explicar: por razões que se prendem com tradições culturais da sociedade nipónica, a autora deparou-se com uma dificuldade sistemática na obtenção de informantes do sexo masculino, que frequentemente recusavam a sua participação no projeto; ora, entre ter e não ter dados de todo em tempo útil, a autora optou por constituir o *corpus* a partir apenas do sexo feminino. Uma vez que, tradicionalmente, predominam os informantes do sexo masculino nos atlas linguísticos, o perfil de informante de Takano (2013) limita, para todos os efeitos, a comparabilidade dos dados; mas, como dissemos no início desta secção, a dialetologia é uma ciência suficientemente maleável para, perante a escolha entre ter alguns dados ou não ter nenhuns dados, possibilitar a única opção que faz sentido: ter dados. Estudos posteriores alargarão, certamente, o campo de recolha e incluirão informantes masculinos, tal como os estudos geolinguísticos do português e de qualquer outro sistema linguístico também têm cada vez mais

de incluir informantes femininas; é hoje claro que só com ambos os sexos representados um *corpus* linguístico consegue ter a totalidade do objeto de estudo representado.

As restantes opções metodológicas previamente tomadas por Takano (2013) a respeito do perfil de informante puderam ser mantidas. Os informantes do atlas são, então, mulheres nipo-brasileiras de 2.^a geração (*nissei*) bilíngues que passaram pelo menos metade da sua vida na região-alvo e têm pouca escolaridade em língua japonesa. A escolaridade em língua portuguesa não foi controlada, tal como as profissões. Estes dois aspetos suscitam questões, pois estão em causa variáveis importantes no tocante à competência linguística, mas, tendo em conta que os campos semânticos alvo do questionário dizem todos respeito à vida quotidiana, o problema é minimizado. Em todo o caso, espera-se que estudos posteriores controlem cada vez mais variáveis, de modo a termos um panorama tão exato quanto possível dos sistemas linguísticos utilizados pelos nipo-brasileiros no Brasil.

Takano (2013) utiliza um total de 10 informantes = 2 por localidade, divididos em duas faixas etárias: 51-65 anos e mais de 65 anos. As cinco localidades do atlas, que são, na verdade, cinco regiões, devido à dispersão das comunidades nipo-brasileiras nas zonas periféricas de Brasília (uma vez que o seu destino original foi, como vimos, o trabalho no setor agroindustrial), estão indicadas no mapa 1⁴. Três dessas regiões são rurais – Brazlândia, Taguatinga e Vargem Bonita – e duas são urbanas – Brasília e Núcleo Bandeirante (antiga Cidade Livre). Encontramos, então, polivalência no tipo geográfico e socioeconómico das localidades (rural/urbano); um número significativo de pontos de inquérito para uma região pequena como o Distrito Federal (que tem apenas 5.760,784 km², de acordo com os dados oficiais do IBGE); e duas faixas etárias localizadas acima dos 50 anos, o que está de acordo com a metodologia da geolinguística clássica (que utiliza informantes acima do meio da idade de forma a registar variedades mais conservadoras e, por conseguinte, mais próximas do dialeto tradicional de cada região). Por isso, apesar das naturais dificuldades colocadas por um tema verdadeiramente inovador, Takano (2013) deixa-nos uma quantidade assinalável de dados; se não considerarmos a existência de eventuais respostas nulas, 219 questões * 10 informantes = 2.190 respostas indexáveis a 5 localidades do DF. A única forma de conseguirmos digerir um *corpus* desta natureza é a análise quantitativa.

3. TRATAMENTO QUANTITATIVO DO *CORPUS* E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O atlas de Takano (2013) é, como o típico atlas linguístico, um *corpus* de grandes dimensões, i.e. aquilo a que poderemos chamar, em linguagem atual, um arquivo de *big data* dialetais; e quaisquer *corpora* de grandes dimensões só têm o devido rendimento se forem sujeitos a processamento quantitativo. A única metodologia de análise

4 Todos os mapas apresentados neste trabalho constam do anexo colocado no final do texto.

quantitativa de dados dialetais suficientemente testada até hoje é a dialetometria, que Brissos e Saramago (2019, p. 353) definem como

uma abordagem quantitativa ao estudo dos dialetos com um enfoque na métrica, i.e. na mensuração dos fenómenos de variação dialetal por meio de procedimentos exatos e totalmente comparáveis, os quais importa da classificação numérica ou taxonómica. Aplica cálculos matemático-estatísticos elaborados à matriz de dados obtida a partir dos procedimentos referidos e representa cartograficamente (*espacializa*) os resultados desses cálculos, cabendo ao linguista, com a liberdade que a estatística confere, a tarefa final de interpretação do quadro geolinguístico que tem à frente.

O ponto essencial é, portanto, a abordagem métrica (ou seja, uniformizada) a materiais linguísticos, que permite a constituição de bases de dados que, por sua vez, podem ser sujeitas a tratamento quantitativo. No domínio românico, a corrente teórico-metodológica predominante nos estudos dialetométricos tem sido a chamada EDS – *Escola de Dialetometria de Salzburgo* (GOEBL, 1984, 2016), que, no caso português, é mesmo a única com efetiva tradição (e.g. BRISSOS, 2016; BRISSOS; GILLIER; SARAMAGO, 2017; BRISSOS; SARAMAGO, 2019). Takano (2018) insere-se nessa corrente e apresenta uma digestão dialetométrica dos materiais de Takano (2013) formada a partir de uma base de dados com as seguintes características:

- a) consideração apenas da 1.^a faixa etária (51-65 anos), uma vez que se trata de um estudo exploratório e é, por isso, conveniente conter o número de variáveis analisadas num mínimo funcional;
- b) consideração de todos os pontos de inquérito utilizados;
- c) consideração apenas de dados lexicais, i.e. de variação respeitante à raiz dos vocábulos utilizados nas respostas ao questionário;
- d) 97 questões consideradas, após excluídas as que não obtiveram resposta em todos os pontos de inquérito (e, por isso, poderiam distorcer a análise estatística) e as que obtiveram a mesma resposta em todos os pontos (não permitindo, portanto, identificar áreas linguísticas diferentes);
- e) as respostas foram subdivididas em três variantes: resposta em japonês; resposta em português; resposta mista (variedade nipo-brasileira);⁵
- f) foram excluídas as respostas múltiplas (i.e. a existência de mais de uma variante para cada variável), utilizando-se apenas a 1.^a resposta a cada questão.

5 Exemplo para o tema 15 “Cortar o papel” do questionário: *cortando* (registado em Brázlândia) = sistema português; *kiru* (Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Vargem Bonita) = sistema japonês; *corta shitoru* (Brasília) = sistema misto (TAKANO, 2018, p. 31).

Apenas o aspeto mencionado em e) merece, à luz do paradigma de Salzburgo, atenção detalhada, pois não deixa de levar à omissão de interessante variação dialetal, quer no caso do japonês, do português ou mesmo, possivelmente, do sistema misto. Com efeito, um agrupamento das respostas em apenas três macrogrupos oculta as eventuais microvariações que possam ser encontradas nos dados: será mais do que natural que um informante originário de São Paulo produza, para uma mesma questão, uma resposta diferente de um informante originário do Mato Grosso, mesmo que ambos vivam no DF há décadas e estejam a utilizar o mesmo sistema linguístico. Duas razões, no entanto, validam o procedimento seguido: por um lado, o facto de o DF ser, para todos os efeitos, uma região de pequena dimensão e, por isso, tipicamente menos sujeita a variação espacial; por outro lado – e mais importante –, o facto de, como vimos na secção 2, a questão fundamental no estado atual do conhecimento sobre a variedade nipo-brasileira ser a identificação das áreas e das condições sociais da sua ocorrência. Nesse sentido, um primeiro passo como o estudo de Takano (2018) é plenamente razoável.

Podemos sintetizar os resultados da autora em dois aspetos fundamentais, um absoluto e um relativo. O primeiro pode ser designado de absoluto porque não é, de todo, imprevisível: Takano (2018) verifica que as relações de parentesco linguístico dos pontos de inquérito utilizados tendem a definir-se pela posição geográfica, i.e. pontos mais próximos geograficamente tendem a ser mais próximos linguisticamente. Trata-se tão-somente da mera verificação de uma lei dialetológica bem conhecida: a distância linguística tende a ser correlacionável da distância física ou geográfica.

O segundo aspeto é mais interessante, pois diz respeito a especificidades do *corpus* em análise: encontra a autora uma cisão fundamental entre a cidade de Brasília e os entornos (i.e. a periferia). O mapa 2, que representa a aplicação ao *corpus* de uma análise dendrográfica com segmentação em 2 agrupamentos, mostra-nos essa divisão: Brasília fica isolada num *cluster* (cor verde) e todo o resto do *corpus* forma o restante *cluster* (cor vermelha).⁶ Takano fornece uma hipótese explicativa para essa cisão que se apoia na demografia de cada região:

[...] a zona da Capital é uma região extremamente urbana e o povoamento da comunidade nipo-brasileira estende-se ao longo dessa região. Os (i)migrantes vieram para exercer profissões diversas e dispersas, enquanto que nas zonas dos Entornos o povoamento dos (i)migrantes ocorreu de forma uniforme e concen-

6 A análise dendrográfica, ou *cluster analysis*, é um dos parâmetros mais utilizados na dialetometria de Salzburgo. Permite segmentar o *corpus* em agrupamentos (*clusters*) de pontos de inquérito mais ou menos homogêneos linguisticamente; quanto maior o número de agrupamentos (ou seja, quanto menor o número de pontos de inquérito por agrupamento), maior homogeneidade em cada agrupamento e vice-versa. Veja-se mais informação sobre este parâmetro dialetométrico em Goebel (2016, p. 85-86) e Brissos, Gillier e Saramago (2017, p. 17).

trada. Esse contexto social pode ter contribuído para a configuração dialetal dos nipo-brasileiros do Distrito Federal. (TAKANO, 2018, p. 35)

Independentemente da natureza histórica ou demográfica de cada nuance dialetal que encontramos na região, é claro que o estudo da variedade nipo-brasileira do Distrito Federal beneficiaria de uma perspectiva comparativa com um panorama mais lato, formado pela relação com os sistemas linguísticos que estão na origem dessa variedade e lhe servem de variedades-teto: o japonês e o português. No presente trabalho tomamos essa perspectiva, expandindo a base de dados de Takano (2018) para incluir aqueles dois sistemas linguísticos. O procedimento foi simples: acrescentámos dois pontos de inquérito artificiais aos dados de Takano (2018), um correspondente ao sistema japonês e, por isso, com resposta “sistema japonês” para todas as 97 questões do *corpus*, e outro correspondente ao sistema português e, dessa forma, apenas com a resposta “sistema português” nas questões do *corpus*. O mapa 3 representa a rede de pontos de inquérito (segmentando, ao contrário de TAKANO 2018, as áreas geográficas em poligonação de Voronoi, a representação *standard* na dialetometria de Salzburgo); passamos a ver os resultados respetivos.

A primeira questão de investigação é, muito claramente, o porquê de Takano 2018 ter encontrado uma cisão entre Brasília e entornos do DF – e os resultados fornecem uma resposta muito clara. Podemos ver que essa cisão se deve ao grau de preservação da língua japonesa no uso quotidiano da língua: nos entornos, i.e. nas regiões menos urbanas e de povoamento mais concentrado, o japonês tem sido mais conservado do que na cidade de Brasília. O mapa 4, que nos dá a análise dendrográfica do *corpus* em 2 *clusters*, é de fácil interpretação: Brasília identifica-se com o sistema português (*cluster* verde) e todos os entornos se identificam com o sistema japonês (*cluster* vermelho). Se subirmos o número de *clusters*, não deixamos de continuar a verificar uma significativa homogeneidade entre os entornos e o sistema japonês: no mapa 5 (3 *clusters*), é o agrupamento composto por Brasília e Português que se subdivide, mantendo-se o *cluster* formado por entornos e Japonês uniformizado; no mapa 6 (4 *clusters*), Vargem Bonita individualiza-se, mas o Japonês continua a pertencer ao *cluster* mais estendido na região, que se segmenta no mapa 7 (5 *clusters*) mas continua a não individualizar o Japonês; nem no mapa 8, que apresenta o número máximo de *clusters* permitido pelo *corpus* (6 = 7 pontos de inquérito constantes da base de dados menos 1, de forma a permitir um agrupamento de pontos), o Japonês fica isolado, pois forma agrupamento com Taguatinga. Este facto é da maior relevância, pois não apenas nos permite dar uma explicação para a cisão encontrada por Takano 2018 (e reiterada no nosso *corpus*) mas, mais do que isso, deixa evidente que a língua japonesa tem um raio de ação muito lato na variedade nipo-brasileira do DF – muito mais lato do que a língua portuguesa.

A variedade nipo-brasileira do DF é, com efeito, mais japonesa do que se poderia supor, como o mapa 9, que representa a distribuição de assimetria do *corpus*, deixa

ver.⁷ De facto, (i) o ponto correspondente ao sistema japonês tem um valor de assimetria abaixo da média (cor verde), (ii) por oposição ao sistema português, que, juntamente com Brasília, é o único ponto com valores de assimetria acima da média, e logo no escalão máximo (cor vermelha). Isso significa que (iii) o ponto japonês tem uma integração linguística no conjunto dos dados que é superior não só ao ponto português (aspeto relevante por si mesmo, dado que estamos localizados em pleno ambiente geolinguístico de língua portuguesa) mas, ainda mais significativamente, também ao ponto de Brasília. A variedade nipo-brasileira do Distrito Federal conserva, portanto, as suas raízes de forma notável.

Duas outras áreas do Brasil, a Região Sul (o conjunto formado pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que abreviaremos por RSB) e o Amazonas, foram já sujeitas a tratamento dialetométrico do tipo que vimos para a variedade nipo-brasileira do DF (i.e. uma comparação sistemática com variedades padrão externas); Brissos e Saramago (2019) ocupam-se da primeira (a partir dos materiais do ALERS – *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*: ALTENHOFEN; VILSON; KLASSMANN, 2011) e Brissos (2021a) da segunda (utilizando os materiais do ALAM – *Atlas Linguístico do Amazonas*: CRUZ, 2004), sempre, como no presente trabalho, com recurso a dados exclusivamente lexicais. Se compararmos os resultados respetivos, verificamos, por um lado, que a RSB e o Amazonas têm perfis totalmente diferentes e, por outro lado, que a variedade nipo-brasileira do DF se assemelha muito nitidamente à primeira. Os mapas 10 e 11 dão-nos os coeficientes de assimetria da RSB e do Amazonas em *corpora* que incluem não apenas os pontos de inquérito dos atlas linguísticos regionais respetivos mas também dois pontos artificiais correspondentes ao português padrão europeu (PPE) e ao português padrão brasileiro (PPB), representados, tal como no estudo da variedade nipo-brasileira do DF, por quadrados colocados na periferia dos mapas.⁸ Podemos constatar que, enquanto os dialetos do Amazonas se opõem em bloco às variedades padrão da língua (que são os únicos pontos com valores de assimetria acima da média, localizados, significativamente, no escalão máximo, i.e. na cor vermelha), a paisagem da RSB não se distingue das variedades referidas. Com efeito, neste *corpus* o PPB está localizado no escalão verde, i.e. no primeiro escalão

7 A distribuição de assimetria (ou *distribuição skewness*) é um dos parâmetros clássicos da EDS. Dá-nos uma síntese relacional do grau de integração linguística de cada ponto de inquérito no conjunto dos dados: pontos com valores de assimetria abaixo da média (i.e. pontos localizados na metade esquerda do histograma e, portanto, representados com cores frias no mapa) têm um nível de integração linguística no conjunto acima da média e, inversamente (ou seja, *simetricamente*), pontos com valores de assimetria acima da média (representados com cores quentes) têm um nível de integração linguística abaixo da média. Quanto mais alto o valor de assimetria (quanto mais quente a cor), mais baixo esse nível, e vice-versa. Para explicações de detalhe sobre o funcionamento deste parâmetro, vejam-se Goebel (2016, p. 84-85) e Brissos, Gillier e Saramago (2017, p. 19).

8 No caso do *corpus* do Amazonas, o PPE corresponde ao quadrado superior e o PPB ao quadrado inferior; no caso da RSB, a localização é inversa: o PPB corresponde ao quadrado superior e o PPE ao quadrado inferior.

abaixo da média de assimetria, e o PPE, mesmo tendo valores de assimetria acima da média do *corpus*, (i) encontra-se integrado no primeiro escalão acima dessa média (cor amarela), que (ii) inclui outras 107 localidades (é o segundo escalão mais numeroso); (iii) mesmo não sendo uma variedade dialetal da RSB, o PPE não está sequer no lote de variedades com grau máximo de distinção no conjunto (os 8 pontos representados com cor vermelha). Ao contrário do Amazonas, mas tal como no DF, na RSB variedades linguísticas externas apresentam boa capacidade de penetração.

Detetamos o mesmo nexos quando comparamos os resultados da análise dendrográfica das três regiões. Os mapas 12 e 13, que nos dão a segmentação em 2 *clusters* da RSB e do Amazonas, mostram, mais uma vez, uma oposição em bloco dos dialetos amazonenses às variedades *standard* e, em sentido contrário, um acentuado *overlapping* dessas variedades com a RSB, tal como verificámos no caso da variedade nipo-brasileira do DF. É claro que os dados da RSB não são totalmente comparáveis com os do Amazonas e do DF, pois contêm muitos mais pontos de inquérito (277 contra 11 do Amazonas e 7 do DF), mas as diferenças de padrões detetáveis são tão nítidas que permitem, pelo menos, colocar a hipótese de que a variedade nipo-brasiliense se assemelha com o sul do Brasil em aspetos importantes do seu padrão de variação geolinguística (menor distinção de elementos externos), opondo-se, portanto, ao norte. Esta questão excede o mero âmbito do estudo da variedade nipo-brasileira (do DF e não só) e está pendente do avanço nos estudos quantitativos/dialetométricos dos dialetos do português brasileiro; mas depende de uma hipótese sustentável e, por isso, deverá ser retomada à medida que mais estudos dialetométricos sobre variedades linguísticas do Brasil, seja de que língua for, vão surgindo.

No caso do Distrito Federal não parece, contudo, que possamos falar de apenas *uma* variedade nipo-brasileira. Tanto a análise dendrográfica como a distribuição de assimetria são claras em mostrar que existem dois blocos principais na variedade nipo-brasiliense: o de Brasília e o dos entornos (como TAKANO, 2018 já havia notado). Esses blocos distinguem-se pela relação que estabelecem com os sistemas matriz: proximidade com o japonês, no caso dos entornos, ou com o português, no caso de Brasília. Apenas dados detalhados, com mais pontos de inquérito e com a inclusão do sexo masculino e de faixas etárias abaixo dos 50 anos, poderão esclarecer definitivamente esta questão; mas, mais uma vez, não deixamos de poder colocar uma hipótese sustentável a partir de dados que pareciam difíceis de analisar. Este é o principal ponto deste artigo, que retomamos seguidamente.

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades inerentes ao estudo de um sistema linguístico como o resultante do contacto entre os imigrantes japoneses no Brasil e os falantes de português do país (um contacto entre dois mundos muito distantes, como dizíamos no início do

texto), fica claro que é possível adotar os métodos geolinguísticos mais exigentes nesse estudo. Os resultados de Takano (2018) e os deste trabalho mostram-no, quer no plano da recolha de materiais – não obstante a dificuldade de coleção de dados em perfis variados de informantes – quer no que toca à extração de conclusões e hipóteses cientificamente válidas a partir desses materiais. Este facto é de grande relevância, pois a metodologia de análise que seguimos, a metodologia quantitativa de análise de dialetos conhecida como dialetometria, foi criada no que poderíamos chamar de ambiente geolinguístico *ideal*. Concretamente, a dialetometria foi desenhada como ferramenta de análise dos atlas linguísticos europeus clássicos, com os seus questionários relativamente lineares e os seus informantes de tipo homogéneo (o chamado perfil NORM = non-mobile, older, rural male). A transferência da dialetometria para *corpora* menos sistemáticos como os resultantes do contacto de línguas não tem ainda tradição significativa, mas Takano (2018) e este trabalho provam a eficiência da disciplina para lá do seu meio; isso é extremamente útil, pois a única forma de digerir eficientemente *corpora* de grandes dimensões (no caso, *big data* dialetais) como os atlas linguísticos é o recurso a análise quantitativa, e a única metodologia de análise quantitativa de dialetos que tem provado consistentemente a sua robustez são os princípios métricos. Do contacto entre japonês e português resulta, portanto, o contacto entre dialetometria e *corpora* não tradicionais, que poderíamos designar por *corpora de compromisso*; quer dizer, *corpora* assumidamente não ideais mas sim reais, i.e. conjuntos de dados que resultam de um compromisso estabelecido pelo investigador em prol da recolha dos materiais possíveis em vez de materiais ideais que poderiam ser inatingíveis e, por isso, nulos. A dialetologia é uma ciência muito pragmática; e a dialetometria também tem de o ser, pois é uma mera ferramenta da dialetologia. Do contacto entre dialetometria e *corpora* ‘de compromisso’ ganham então ambas as partes, o que é crucial.

No que respeita aos resultados linguísticos concretos do presente estudo, ressaltaremos cinco pontos:

- a) em primeiro lugar, a verificação de que a variedade nipo-brasileira do Distrito Federal do Brasil não é um todo homogéneo, segmentando-se em dois grupos basilares: a cidade de Brasília e os *entornos*,
- b) segmentação essa que se deve ao grau de identificação das subvariedades faladas nas diferentes localidades com os sistemas matriz: enquanto os entornos são identificáveis com o japonês, Brasília é agrupável com o português.
- c) A segmentação é tão nítida, ou seja, depende de um contraste tão forte, que não parece ser possível falar de apenas *uma* variedade nipo-brasileira mas, aparentemente, de *duas*.
- d) Em qualquer caso, ambos os sistemas matriz têm uma boa capacidade de penetração na região – que, por isso mesmo, é vincadamente plural.
- e) Essa pluralidade e essa abertura a variedades externas tornam o panorama geolinguístico do sistema nipo-brasileiro do DF parecido com o da Região Sul do

Brasil é diferente do do maior estado do norte (o Amazonas), i.e. as duas regiões brasileiras que foram já sujeitas a tratamento dialetométrico comparável.

O terceiro ponto forma o aspeto mais relevante no que respeita à caracterização do sistema linguístico nipo-brasiliense propriamente dito e deverá ser verificado por estudos que completem os dados de Takano (2013); mas já vimos que esses estudos podem ser feitos com mais elasticidade do que tradicionalmente se pensa, pois a digestão quantitativa dos materiais respetivos é realizável sem falta de eficiência.

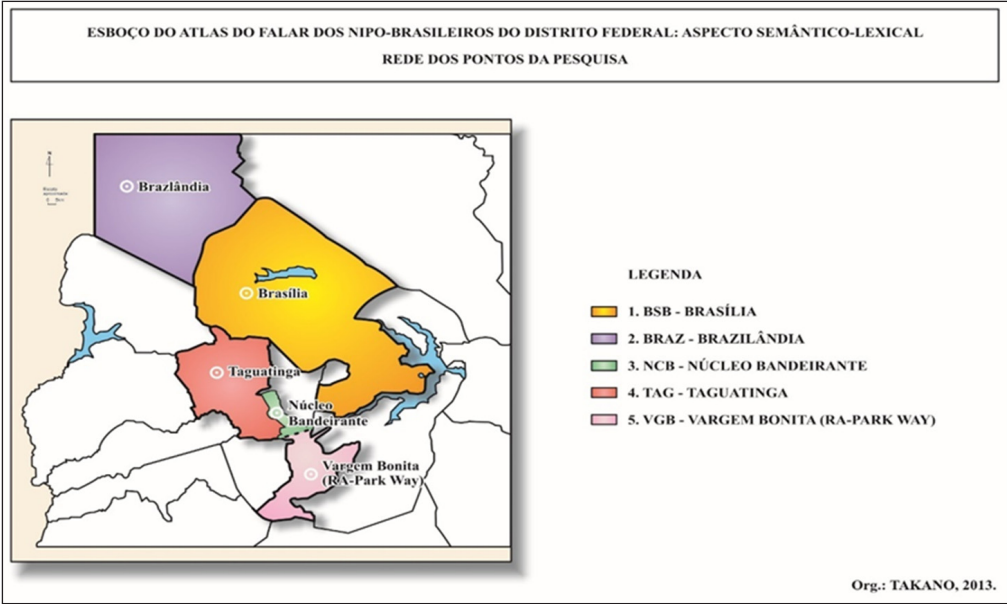
Por isso a espantosa aventura japonesa no Brasil está, no que respeita ao linguista, apenas a começar; e não terminará quando finalmente se concretizar o tão desejado *atlas linguístico das variedades nipo-brasileiras*, tarefa que urge começar. Em sentido mais geral, é imperioso começar também a dotar o sistema linguístico nipo-brasileiro de um corpo de estudo significativo, pois a aventura japonesa é, pela sua história tão idiossincrática, uma preciosidade não apenas cultural mas também científica; e a progressiva assimilação dos nipo-brasileiros na sociedade e na cultura do Brasil tende a eliminar estratos linguísticos que serão do maior interesse para o estudo do contacto de línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**: Cartas semântico-lexicais. UFRGS Editora / Editora da USFC, 2011.
- BRISSOS, F. Portugal: a cidade e o interior. I – Centro-sul. **Limite**, Universidad de Extremadura, n. 10.1, p. 85-107, 2016. Disponível em: <<http://www.revistalimite.es/volumen%2010/05brissos.pdf>>.
- BRISSOS, F.; GILLIER, R.; SARAMAGO, J. Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores. In: ÁLVAREZ DE LA GRANJA, M.; BOULLÓN AGRELO, A.; GONZÁLEZ SEOANE, E. (Eds.). **Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués**. A Coruña: Área de Filoloxías Galega e Portuguesa / Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística / Universidade da Coruña. Monografía 11 da **Revista Galega de Filoloxía**, p. 11-28, 2017. Disponível em: <<http://illa.udc.es/rgf/monografias.html>>.
- BRISSOS, F.; SARAMAGO, J. Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical. In: CARRILHO, E.; MARTINS, A. M.; PEREIRA, S.; SILVESTRE, J. P. (Orgs.). **Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019, p. 349-379. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/39619>>.
- BRISSOS, F. Análise dialetométrica do Atlas Linguístico do Amazonas. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, n. 37, 2021a. No prelo.
- BRISSOS, F. Contando a linguagem dos nipo-brasileiros do Distrito Federal na soma dos dialetos brasileiros. Palestra apresentada ao XIII Congresso Internacional de Estudos

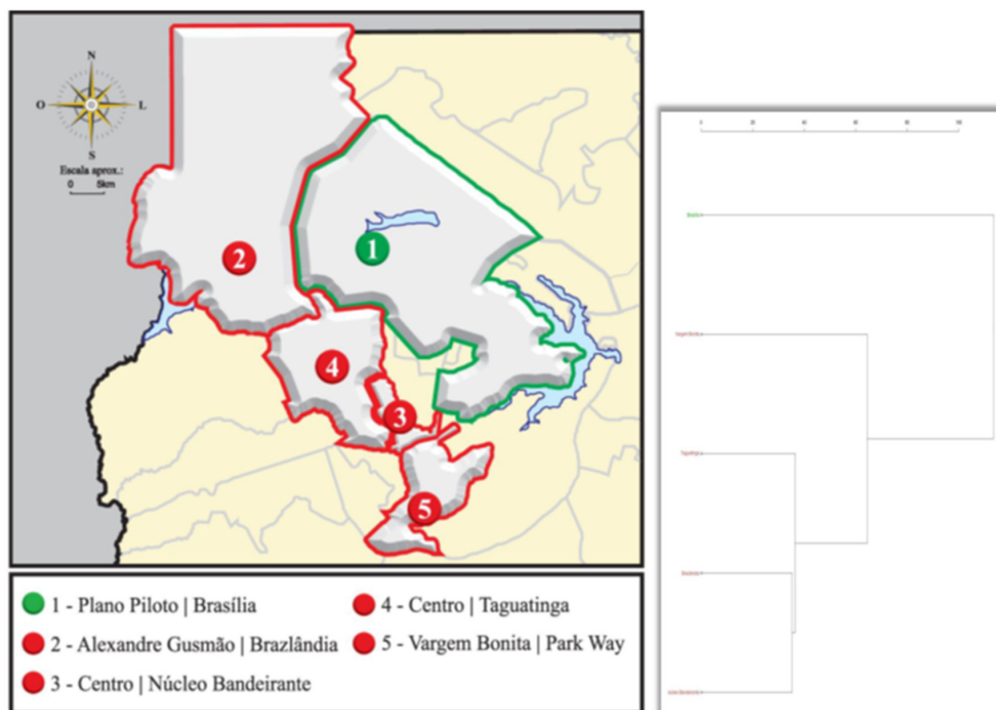
- Japoneses do Brasil / XXVI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 17-19/03/2021, Universidade de Brasília. [Transcrição publicada nas *Atas* do congresso, 2021b.] No prelo.
- CRUZ, M. L. de C. **Atlas Lingüístico do Amazonas**. Dissertação de doutoramento inédita, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. 2 vols.
- GOEBL, H. **Dialektometrische Studien**: Anhand italo-romanischer, rätoromanischer und galloromanischer Sprachmaterialien aus AIS und ALF. Tübingen: Niemeyer, 1984. 3 vols.
- GOEBL, H. Romance linguistic geography and dialectometry. In: LEDGEWAY, A.; MAIDEN, M. (Eds.). **The Oxford guide to the Romance languages**. Oxford University Press, p. 73-87.
- IBGE Cidades**. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>.
- JOKO-VELTMAN, I.; TORREÃO, A.; SUGIMOTO, F. M. 1957: Ano 1 da imigração japonesa no Distrito Federal. In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília**. Brasília: Thesaurus, 2008.
- KUYAMA, M. **O uso da língua japonesa na comunidade nipo-brasileira**: o empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes. Dissertação de doutoramento inédita, Universidade de São Paulo, 2000.
- MIURA, H.; CATARINO FILHO, M. R. **Japão e Brasília**: Imigração e esporte. Brasília: Thesaurus, 2010.
- SARAMAGO, J. O Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). **Estudis Romànics**, n. 28, p. 281-298. Disponível em: <<https://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000018/00000002.pdf>>.
- TAKANO, Y. **Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal**: aspecto semântico-lexical. Dissertação de doutoramento inédita, Universidade de São Paulo, 2013. 3 tomos.
- TAKANO, Y. **Atlas Lingüístico Semântico-Lexical do Falar Nipo-Brasileiro do Distrito Federal**: Perspectiva dialetométrica. Dissertação de pós-doutoramento inédita, Universidade de Lisboa / Universidade de São Paulo, 2018.

ANEXO: MAPAS



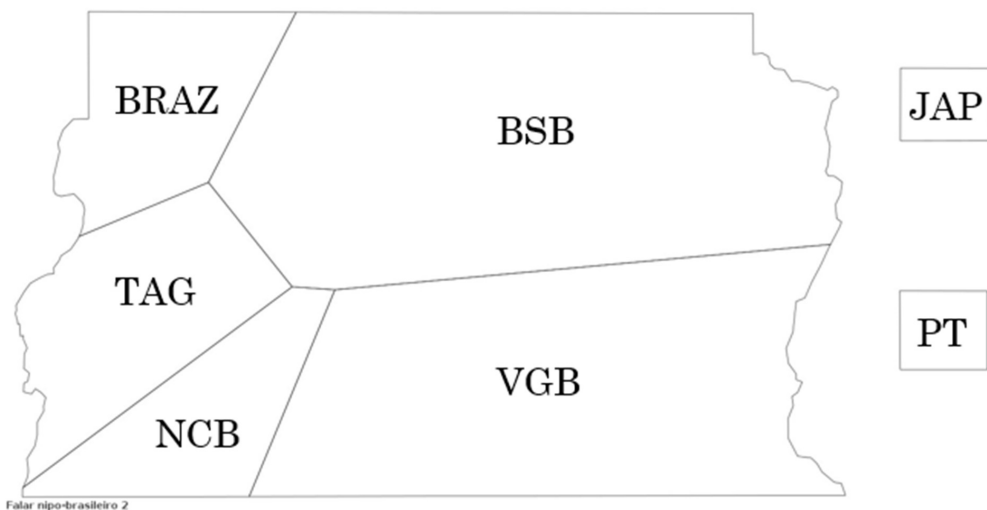
Mapa 1: Rede de pontos de inquérito de Takano (2013)

(Fonte: TAKANO, 2018.)



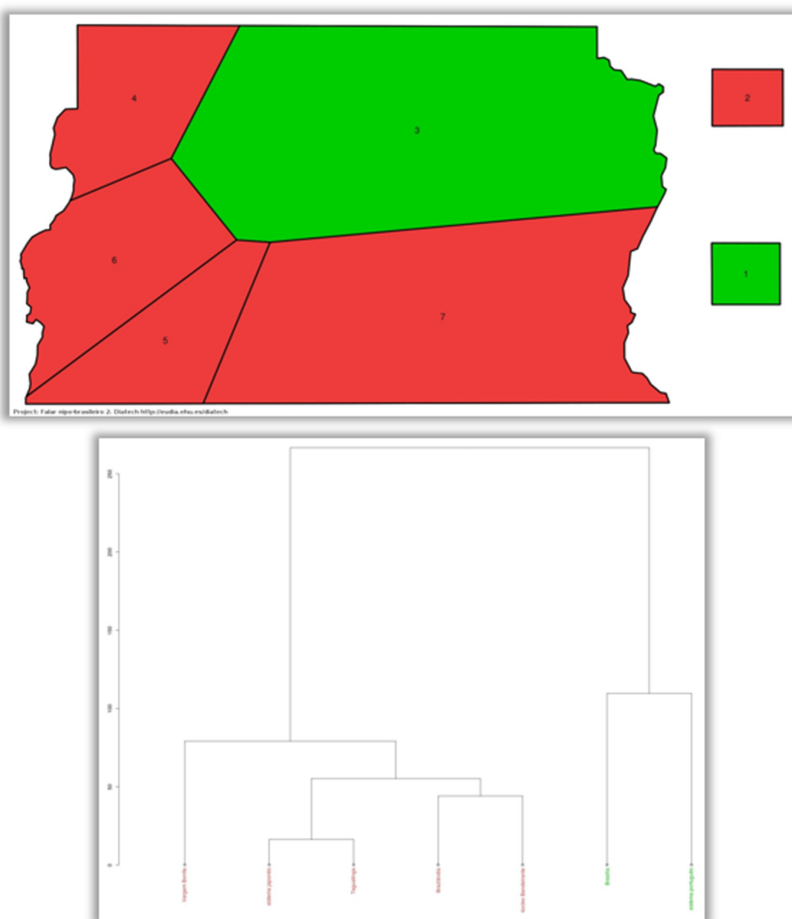
Mapa 2: Análise dendrográfica de Takano (2013)

Corpus: léxico, totalidade (97 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 2. (Fonte: TAKANO, 2018.)



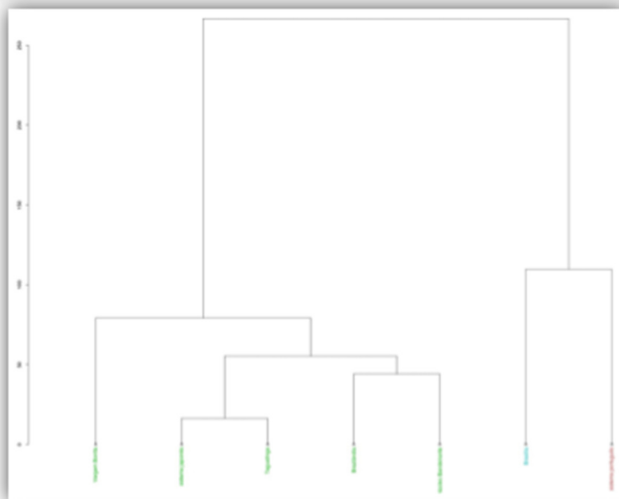
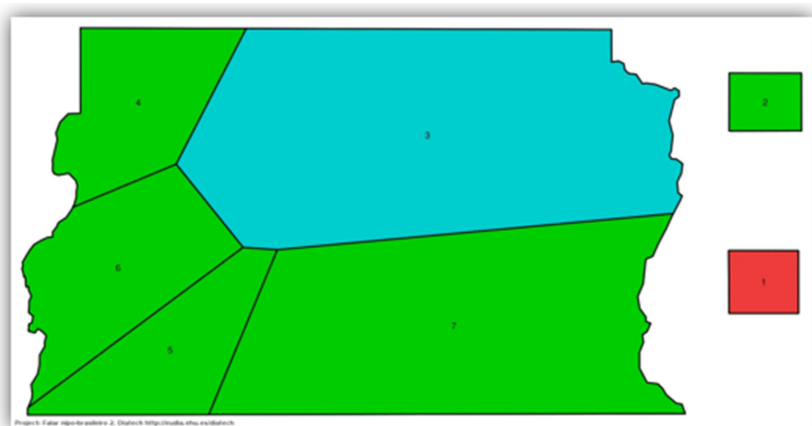
Mapa 3: Rede de pontos de inquérito de Takano (2013, 2018) modificada

Legenda: incluem-se os 5 pontos de inquérito de Takano (2013, 2018) e adicionam-se dois outros pontos de inquérito artificiais correspondentes ao sistema japonês e ao sistema português. Nomes dos pontos de inquérito: **BRAZ** = Brazlândia; **BSB** = Brasília; **NCB** = Núcleo Bandeirante; **TAG** = Taguatinga; **VGB** = Vargem Bonita. **JAP** = Japonês; **PT** = Português brasileiro.



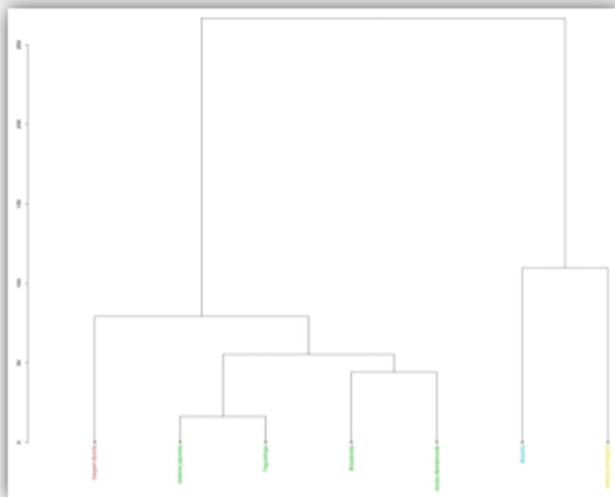
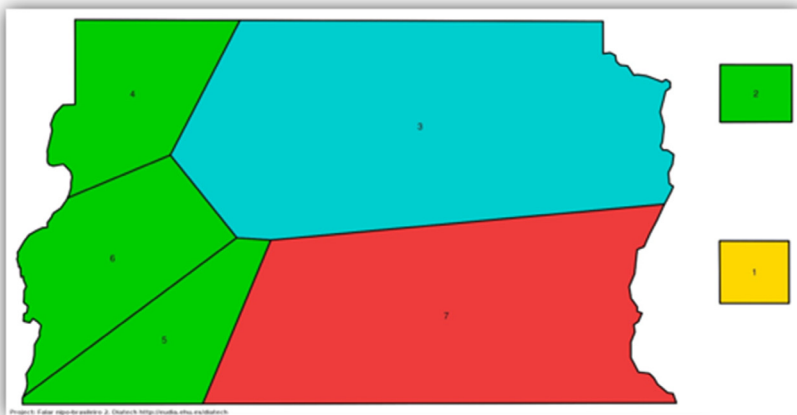
Mapa 4: Análise dendrográfica de Takano (2013) + JAP e PT

Corpus: léxico, totalidade (97 conceitos); índice de similaridade: IRI;
algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 2.



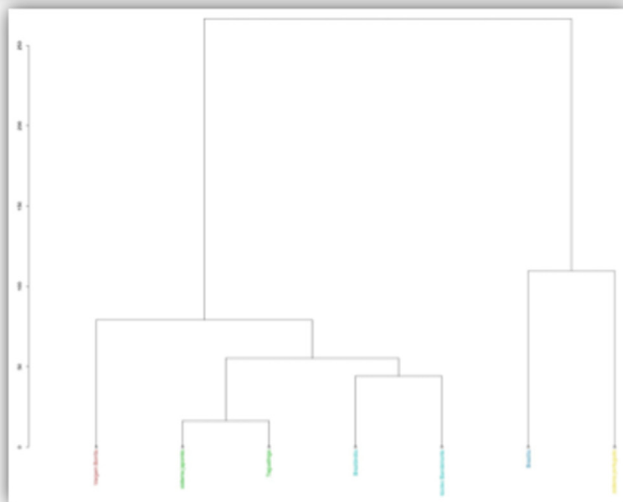
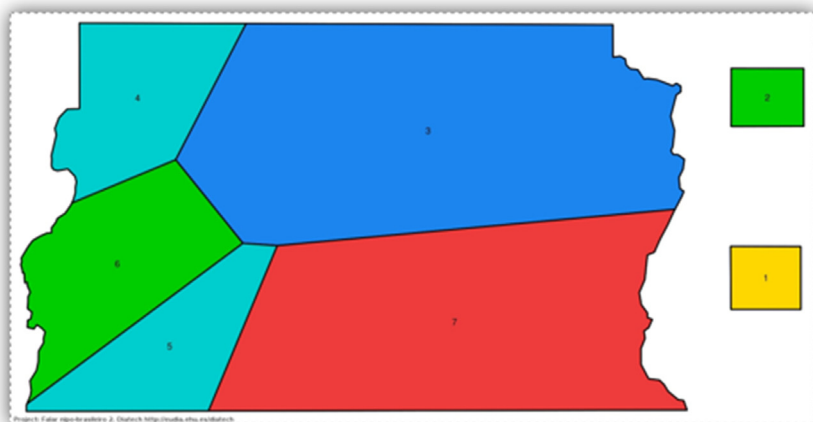
Mapa 5: Análise dendrográfica de Takano (2013) + JAP e PT

Corpus: léxico, totalidade (97 conceitos); índice de similaridade: IRI;
algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 3.



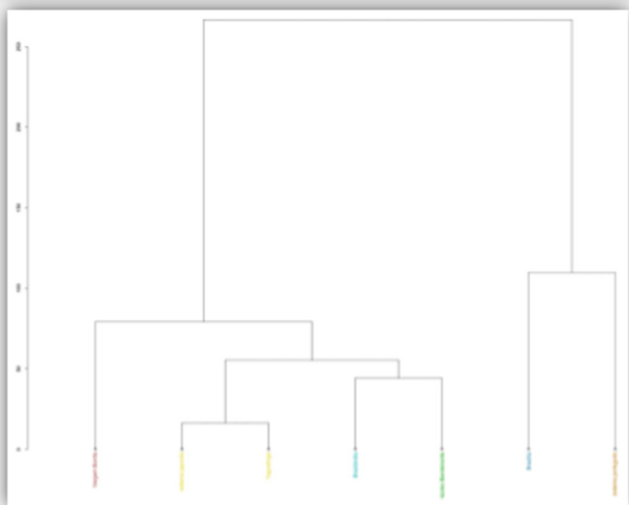
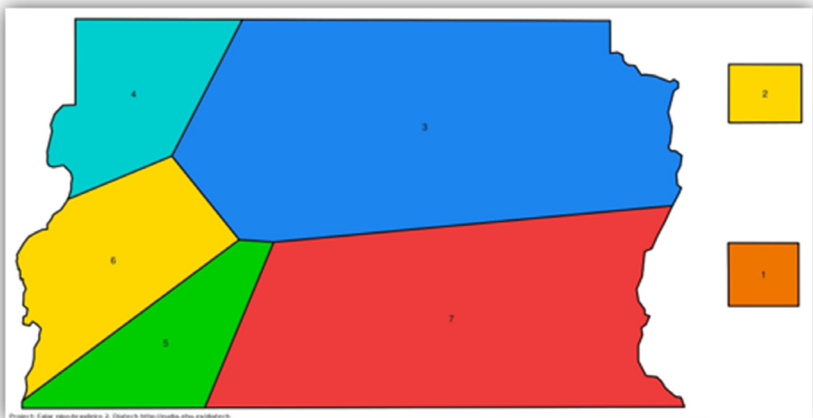
Mapa 6: Análise dendrográfica de Takano (2013) + JAP e PT

Corpus: léxico, totalidade (97 conceitos); índice de similaridade: IRI;
algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 4.



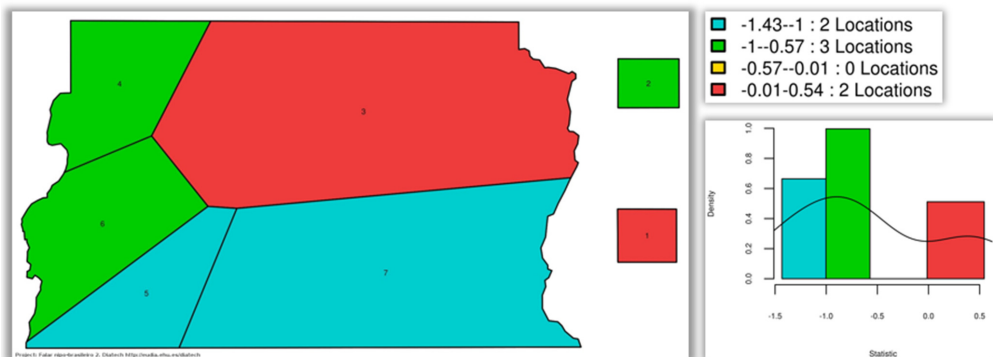
Mapa 7: Análise dendrográfica de Takano (2013) + JAP e PT

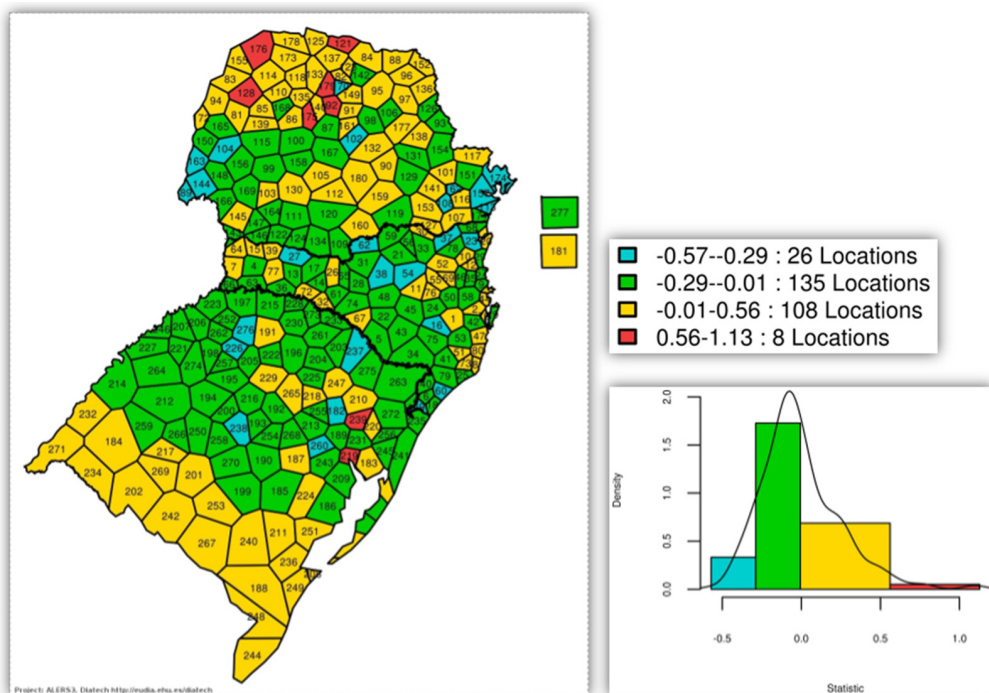
Corpus: léxico, totalidade (97/ conceitos); índice de similaridade: IRI;
algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 5.



Mapa 8: Análise dendrográfica de Takano (2013) + JAP e PT

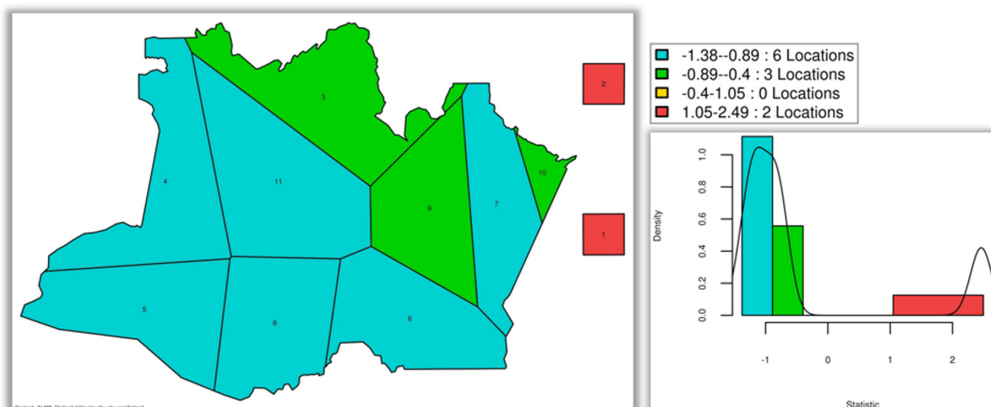
Corpus: léxico, totalidade (97 conceitos); índice de similaridade: IRI;
algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 6.





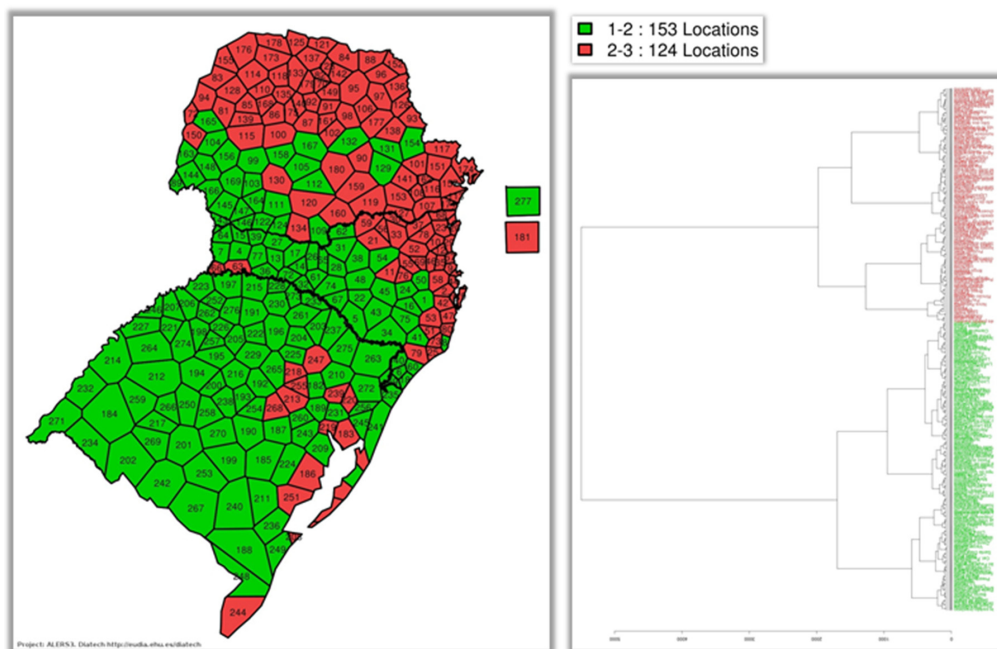
Mapa 10: Sinopse da *distribuição skewness* (coeficiente de assimetria de Fischer) do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil + português padrão europeu e português padrão brasileiro

Corpus: léxico, totalidade (100 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo. (Fonte: BRISSOS; SARAMAGO, 2019.)



Mapa 11: Sinopse da *distribuição skewness* (coeficiente de assimetria de Fischer) do Atlas Linguístico do Amazonas + português padrão europeu e português padrão brasileiro

Corpus: léxico, totalidade (81 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo. (Fonte: BRISSOS, 2021a.)



Mapa 12: Análise dendrográfica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil + português padrão europeu e português padrão brasileiro

Corpus: léxico, totalidade (100 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 2. (Fonte: BRISSOS; SARAMAGO, 2019.)

LANGUAGE EDUCATION FOR CLD-CHILDREN GROWN UP IN JAPAN: BASED ON THE STUDY OF NIKKEI IN SOUTH AMERICA

日本で育ったCLD児のための言語教育—南米の日系人の調査をもとに—¹

*Makiko Matsuda*²

Abstract: In Japan, the language learning environment for CLD Children is in the process of reform. Based on my research findings on South American Nikkei, the paper discusses three areas for improvement: (1) support for “translanguaging” learning according to children’s attributes, (2) a shift from language knowledge learning to content-integrated language learning (CLIL), and (3) development of a reference framework for language education for children as a second language.

Keywords: Translanguaging. CLIL. The law to promote Japanese language education. CLD children.

要旨: 日本では、CLDの子どもたちの言語学習環境が改革されつつある。本論文では、南米日系人を対象とした筆者の研究成果に基づいて、以下の3つの改善点 (1)子どもの属性に応じた「トランスランゲージング」学習の支援、(2)言語知識学習から内容統合型言語学習 (CLIL) への移行、(3)第二言語としての子どもの言語教育の参照フレームワークの開発、を論じた。

キーワード: トランスランゲージング, CLIL, 日本語教育振興法, CLD児

1 本論文は共創型対話学習研究所「未来を拓く教育実践学研究」5号に寄稿した論文「日本の公教育で学ぶ外国につながる児童生徒の言語教育支援—Translanguagingな共創的学びの場を目指して—」を加筆修正し、英訳したものである。This study was supported by a JSPS Grant-in-Aid for Scientific Research (16H05676). And this paper is a revised and English-translated version of a paper contributed to the fifth issue of the Journal of Educational Practice and Research for the Future, published by the Institute for Co-creative Dialogue and Learning, entitled “Language Education Support for Students with International Connections Learning in Japanese Public Education: Toward a Translanguaging Co-creative Learning Environment.”)

2 Professor, Kanazawa University, Japan. mts@staff.kanazawa-u.ac.jp, ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0801-9430>

1. INTRODUCTION

In 2019, the law to promote Japanese language education was enacted, and a cabinet decision was made in response to it; this clearly states the measures to be taken for CLD, that is, Culturally and Linguistically Diverse Children. However, this situation remains in the process of reform. This paper discusses three areas for improvement: (1) support for “translanguaging” learning according to children’s attributes, (2) a shift from language knowledge learning to content-integrated language learning (CLIL), and (3) development of a reference framework for language education for children as a second language.

2. “TRANSLANGUAGING” LEARNING SUPPORT BASED ON CHILDREN’S ATTRIBUTES

2.1. CLD Children Studying in Japanese Elementary and Secondary Schools

Currently, there are approximately 93,133 children with foreign nationality enrolled³ in elementary and junior high schools in Japan (the Ministry of Education, Culture, Sports, Science and Technology, thereafter MEXT 2019).⁴ According to the Survey on the Acceptance of Children in Need of Japanese Language Instruction (FY2018), the number of foreign children in need of Japanese language support is 40,755 (44%).⁵ It is often assumed that born and raised in a foreign country means children who need Japanese language support but the attributes of children who need Japanese language support are diverse. When the DLA⁶ (MEXT 2014) was used to assess the Japanese language proficiency of CLD Junior high school students in Kanagawa Prefecture, many of the students whose overall results were judged to be below the age-appropriate level of Japanese language proficiency (Stages 2 and 3) were born and raised in Japan (Izawa, Miyazaki, and Matsuda 2018). In addition, some children born in Japan were Japanese citizens. It is reported that there are currently about 10,000 children with Japanese nationality in need of Japanese language instruction, apart from children with foreign nationality. Japanese children who need Japanese language instruction are those whose parents are Japanese nationals, such as those from

3 The term “elementary and junior high schools” refers to public elementary schools, junior high schools, high schools, compulsory education schools, secondary schools, and special needs schools in Japan. Out of 93,133, 83,000 are elementary and junior high school students.

4 https://www.mext.go.jp/content/20200110_mxt-kyousei01-1421569_00001_02.pdf

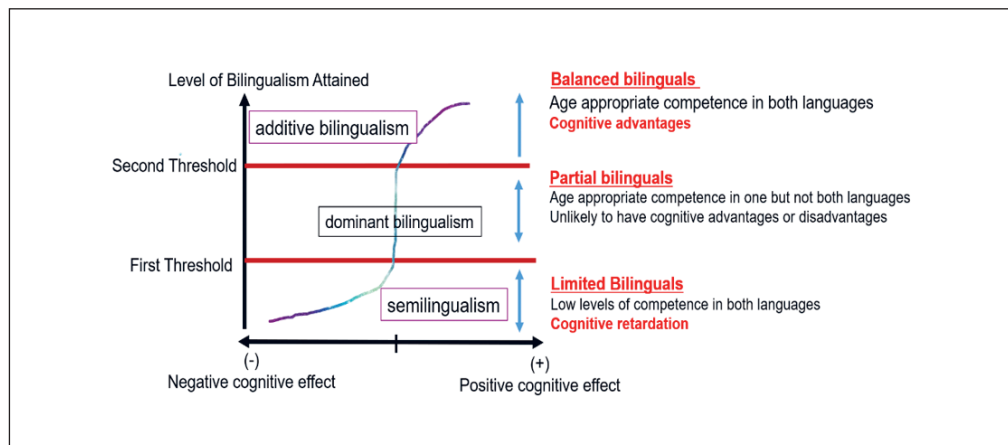
5 The term “need for Japanese language support” includes the ability to read and write. In many cases, daily oral skills are present.

6 The Dialogic Language Assessment (DLA) is a JSL interactive and dynamic assessment for foreign students that measures four skills-listening, reading, speaking and writing- to see if a child’s Japanese language ability is age appropriate.

internationally married families, and children who grow up in this situation face various challenges in their language development (Ministry of Education, Culture, Sports, Science and Technology (MEXT) 2019).⁷

Cummins (1976) compared multiple language proficiency to a threshold of reaching an age-appropriate language level and divided the threshold into two levels. He divided bilinguals into three categories: those who did not exceed the first threshold, those who exceeded the first threshold, and those who also exceeded the second threshold (Fig. 1). Those who exceeded both thresholds were called balanced bilinguals, those who exceeded the first threshold were called partial bilinguals, and those who did not exceed the first threshold were called limited bilinguals. Cummins also referred to cognitive effects, noting that limited bilingualism has negative cognitive effects (Cummins 1976).

Figure 1: Author's graphical representation of the threshold hypothesis (Cummins 1976, 1979)



As children born and raised in Japan are educated in Japanese elementary and junior high schools, in most cases they have oral skills in their parents' mother tongue, but not reading and writing skills. In other words, the need for Japanese language support means that they are temporarily in a "limited bilingual" situation, where neither Japanese nor their parents' mother tongue is at an age-appropriate level.

However, in Japanese elementary and junior high schools, there does not seem to be a sufficiently common understanding of multilingual ability due to such differences in attributes. In the next section, I will discuss the relationship between different attributes and multilingual abilities.

⁷ The number of students of Japanese nationality who need Japanese language instruction is https://www.mext.go.jp/content/20200110_mxt-kyousei01-1421569_00001_02.pdf 31.6% of them are Filipino; 21.2% of them are Chinese.

2.2. CONDITIONS CONDUCTIVE TO A LIMITED BILINGUAL SITUATION

Children's multilingual ability is greatly affected by the age at which they arrive in Japan (Nakajima 2019).⁸ As for the age of arrival, it is likely to vary depending on (1) arrival between birth in Japan and preschool, (2) arrival between preschool and age 8.9, (3) arrival between ages 10 and 14, and (4) arrival after age 14 (after graduation from junior high school). In addition, it is important whether the mother tongue of the parent (especially the mother) is the same as the local language; if it is different, parents' local language proficiency will affect the child's acquisition of multilingual skills.

In addition, the author believes that the acquisition of multilingual ability differs depending on which language the parents use to raise their children and which language they use to communicate at home. Table 1 shows the results of the study based on Nakajima (2019), with the horizontal axis indicating the category of arrival in Japan and the vertical axis indicating the language of the parents and the language spoken at home. The more likely condition is shown as 1, and the next most likely conditions are shown as 2 and 3. In reality, the situation will differ depending on the background of the individual, such as whether he or she has moved repeatedly, lives in more than one language, whether the household members are multilingual, and the number of siblings, grandparents, and other family members. "Balanced bilinguals" in this context means having age-appropriate language proficiency, including reading and writing skills.

8 Lecture material for "International Forum on the Promotion of Japanese Language Education in Kanagawa" by Kazuko Nakajima: <https://www.youtube.com/watch?v=6dDG7gGQw8U&t=24s>

Table 1: Child's assumed multilingual ability in relation to time of arrival in Japan, parents' language, and home language.

	<i>Parents' mother language</i>	<i>family language</i>	<i>(1) Born in Japan – around school age (5–6 years old)</i>	<i>7–9 years old</i>	<i>(3) 10–14 years old (late stage of language development period)</i>	<i>Above 15 years old (post language development period)</i>
A	Mother: Japanese ⁹	Japanese	1 M (J) 2 PB (J)	1 PB (J) 2 M (J)	BB	1 BB 2 PB (F)
B	Father: X (low Japanese proficiency)	X	1 PB (J) 2 M(J)	1 PB (J) 2 BB	BB	PB (F)
C	Father: Japanese	Japanese	1 LB 2 M (J) 3 PB (J)	1 PB (J) 2 LB	1 BB 2 PB (F)	1 PB (F) 2 BB
D	Mother: X (Japanese language skills low)	X	1 PB (J) 2 LB	1 PB (J) 2 LB 3 BB	1 BB 2 PB (F)	PB (F)
E	Father and mother: Both X (low Japanese proficiency)	Japanese (X between parents)	1 LB 2 PB (J) 3 M(J)	1 PB (J) 2 LB	-Mr	-Mr
F		X	1 PB (J) 2 LB 3 BB	1 PB (J) 2 BB/LB	BB /PB(F)	PB (F)

Legend: PB: Partial Bilingual BB: Balanced Bilingual LB: Limited Bilingual
M: Monolingual X: Languages other than Japanese J: Japanese

The period in (1) requires the most vigilance. According to Nakashima (2019), if parents' cultural capital or resources are low, both the local language and the mother tongue (inherited language) will not grow. In period (2), the mother tongue has been acquired to a certain extent, and because it is the language formation period, it is said to be the time when the child will become “balanced bilingual and bicultural” if education is provided to acquire learned language skills in the mother tongue as well. (3) is the time when the local language is added to the mother tongue, and it is difficult to

⁹ In this paper, we mainly assume Japanese nationals who were born and raised in Japan, but also include dual nationals who were born and raised in the Nikkei community in South America and whose community language is Japanese.

become double-limited. (4) is the time when a person comes to Japan after completing middle school age and language formation; if Japanese is acquired, the person will become bilingual with the mother tongue predominating.

The patterns of the language environment in the home are indicated by A through F. Limited bilingualism is more likely to occur when both parents lack Japanese language skills and raise their children in Japanese (E), and when mothers lack Japanese language skills and fathers are native Japanese speakers and raise their children in Japanese (C).¹⁰

The situation that requires the most attention is when both parents lack Japanese language skills and raise their children in Japanese (E). This occurs when the child learns Japanese at daycare or school in Japan and speaks only in Japanese, and the parents try to respond in Japanese. In this case, both parents are unable to communicate with their children confidently in Japanese, and a rich language environment in the home is not guaranteed.

(C) also needs attention. It is said that if a mother raises a child in a language in which she does not feel confident, the child may not be able to communicate in the language necessary for growth (Nakajima, 2019). In Japan, the ratio of Japanese men to Japanese women in international marriages is 7:3 (Ministry of Health, Labor and Welfare 2016),¹¹ so the (C)(D) pattern is more common than (A)(B). In the case of Japanese men who are Japanese nationals, their wives are Chinese nationals (38.7%) and Philippine nationals (20.7%). On the other hand, considering that the percentage of Japanese children who need Japanese language learning support is 31.6% Filipino and 21.2% Chinese, there is a need for educational intervention from an early age for children with Filipino mothers and Japanese fathers. Mothers whose mother tongue is a minority language that does not have a strong ethnic vitality in the world tend not to raise their children in their mother tongue.¹² In both cases, it is difficult to guarantee a rich language environment in the home, and there is a possibility that cognitive development is not sufficiently promoted in early childhood.

Children who come to Japan between the ages of 6 and 8.9 years learn Japanese very quickly. However, parents need to be careful about maintaining their native language and culture. Unless parents take conscious measures to maintain the language, children who move to Japan during the language formation period will forget their previous language. In addition, if the mother tongue is used only in the home, the child will not try hard to acquire it, and the language of friends will become dominant. The

10 If the mother's Japanese ability is high in C, there is not much of a problem. In that case, it will be similar to raising a child with two monolingual Japanese parents.

11 Ministry of Health, Labour and Welfare (MHLW), Vital Statistics for Fiscal Year 2008: <https://www.mhlw.go.jp/toukei/saikin/hw/jinkou/tokusyuu/konin16/index.html>

12 Mr. Rawinan Niramom conducted a questionnaire survey of about 30 Thai-speaking mothers married to Japanese, and reported that many of them raised their children in Japanese and did not teach them Thai.

10–14 years old period is when there is not much problem in retaining the mother tongue, and Japanese is acquired.

Children who arrive in Japan around the time of language formation are more likely to have developed language skills in their mother tongue. Based on Cummins' (1979, 2001) language interdependence hypothesis, knowledge acquired in the mother tongue can be transferred to the second language for further learning. In most cases, this is either a PB or BB.

2.3. The need to design education that includes the mother tongue

The author is currently conducting life story interviews with adults born in South America or Japan who are literate in multiple languages, including Japanese. More than forty interviews have revealed some common attempts by parents to implement family language policies to help them acquire and maintain multilingual literacy. In order, the following are frequently mentioned:

1. Have children attend a community language school as an extracurricular activity. (In South America, a Japanese language school run by a Nikkey organization)
2. Give them videos, manga, novels, etc. sent from their parents' home countries to read.
3. Provide more authentic language opportunities, such as interactions with relatives who speak the parent's native language or send their children to study in local schools for a few months during their furlough.
4. Make sure children follow the rule of using their parents' mother tongue at home and the local language outside the home.
5. Send the child to a foreign/international school taught in their home language and have the child learn the local language at the school as well.
6. Involve them in community activities such as religion and sports that use the family language.
7. One-Person One-Language (De Houwer 1990) (each parent uses his or her own mother tongue consistently).
8. Avoid migration before the child's language development period (keeping the child in the home country until the child is five years old).
9. Parents open a private school of mother tongue classes for their own children and accept other children in the vicinity who are in the same situation.

The most common practice was to send their children to community language schools where they could learn the home language (heritage language schools, foreign schools, supplementary schools, etc.) and receive literacy education. In South America, there were cases of children attending bilingual schools, where they learn subjects in the local language in the morning and learn foreign languages such as Japanese and

English in the afternoon. The next most common practice was to prohibit the use of the local language in the home and allow the children to use the local language outside the home. In addition, parents actively encouraged their children to read books (picture books and manga) in Japanese and foreign languages.

What we can see from this is that the first step is for parents to raise their children in the language in which they feel confident, and for parents to make efforts to ensure a multilingual learning environment for them. In particular, it is necessary to make efforts to educate children in their mother tongue, an environment that is difficult to obtain in Japan. Therefore, teachers at nursery schools and school education sites need to reach out to parents and encourage them to activate dialog and literacy education in their mother tongue. The importance of preserving and nurturing the mother tongue for such young people is a well-established theory among researchers in the field, but the future challenge is to spread awareness in school education settings (Nishikawa 2019).

In addition, regardless of the child's background, it is important that he or she is educated in a translanguaging (Garcia and Wei 2014) environment. Translanguaging is a theory of communication and education. It is the act performed by bilinguals of accessing different linguistic features or various modes of what are described as autonomous languages, in order to maximize communicative potential (Garcia 2009: 140).

While the language interdependence hypothesis (Cummins 2001) sees bilingualism as two overlapping icebergs, because they are a static and countable mass. I think it is more desirable to think of children's abilities as rolling sand dunes. Sand dunes are fluid and can take on the shape of mountains when the wind blows (or when the language scene changes), but the basic amount of sand is the same. The fact that it looks like a mountain means that we are trying to draw a boundary line, but I think that such a boundary line can be redrawn freely depending on the direction of the wind. What teachers need to do is not to confront children with the assumption that language has boundaries, but to try to understanding their language skills as a continuum spectrum, and increase the whole area of sand (language and cognitive skills) of children.

2.4. Limited Bilingualism and Special Needs Classes

Currently, the percentage of students connected to foreign countries enrolled in special needs classes in Japanese elementary and junior high schools is more than double that of Japanese monolingual speakers (Matsuda and Nakagawa 2018b).¹³ In collaboration with Nakagawa, a Japanese-Brazilian clinical psychologist, we conducted language and intelligence tests on 11 Brazilian children who had been diagnosed with a developmental disability at a Japanese hospital or were enrolled in a special needs class and found that more than half of the children did not have a developmental dis-

13 This means that while 1 out of every 100 Japanese children is enrolled in the school, and 2–3 out of every 10 children with foreign connections are enrolled.

ability, but “appeared to have a developmental disability” due to linguistically limited situation (Matsuda and Nakagawa 2018a). When intelligence tests were conducted, they tended to have significantly lower relative verbal knowledge and working memory values. Nakagawa made the following statement in an interview:

Working memory is information processing using the “ear” and requires knowledge of language. It also requires knowledge of vocabulary. Without it, working memory cannot function. In addition, it is a factor in losing concentration and attention. They cannot clearly understand what they do not understand, so they can only have a vague understanding. This situation can be improved through training attention and concentration. In addition, Brazilian children are more “active and restless” than their “Japanese” classmates, dancing and walking around in class.

It is possible that children in a linguistically limited situation simply lose their concentration and attention because their working memory is not functioning. Therefore, even if a child with a foreign connection “appears to have a developmental disability,” school educators should first suspect the possibility that the child is in linguistically limited situation; instead of moving the child to a special needs class, they should engage the child in any way they can through translanguaging and provide language education support to help the child develop concentration and attention. Over time, children acquire multiple language skills, and their behavior will become more relaxed.

3. FROM LANGUAGE KNOWLEDGE LEARNING TO CONTENT-INTEGRATED LANGUAGE LEARNING (CLIL)

3.1. Current status of teaching content for students who need Japanese language instruction

In a survey by MEXT (2018), the most common response to the content of instruction provided to students who needed Japanese language instruction was basic Japanese language instruction (Table 2).

In the education of children whose mother tongue is not Japanese, Japanese language instruction has been given priority. Japanese language instruction and academic instruction were separated from each other. However, the need to integrate Japanese language instruction and academic instruction arose, and the JSL curriculum (Sato, Takagi, and Saito 2005) was developed between 2001 and 2003 (MEXT 2003).¹⁴ However, in the latest survey conducted more than 10 years later, the number of those with integrated learning Japanese language and subjects using the JSL curriculum was the lowest among the four, and the most common was the formal learning of the Japanese language called “Basic Japanese.”

14 https://www.mext.go.jp/a_menu/shotou/clarinet/003/001/008/001.htm

Table 2: Content of instruction provided to students who need Japanese language instruction (numbers indicate number of schools) (MEXT, 2018¹⁵)

1	Survival Japanese	5,057
2	Basic Japanese language class (characters, grammar, vocabulary)	7,198
3	Language and contents integrated (JSL curriculum)	3,031
4	Supplementary class for subjects	6,067
5	Other	2,287

The author believes that formal Japanese language instruction without meaning should not be given to foreign-connected students at any point in time. Essentially, it is the adult learner’s method of language acquisition that takes the structure and forms out of the language and produces it by knowing the rules and monitoring their own language use. For younger learners, language teaching methods appropriate for younger learners should be applied.

3.2. BICS and CALP

There are two main areas of concern regarding language proficiency for students with foreign connections: basic interpersonal communicative skills (BICS) and cognitive and academic language proficiency (CALP) (Cummins 1979, 2001). Cummins noted that learners first acquire conversational skills in face-to-face, highly contextualized situations, but it takes time for them to acquire the language that will contribute to their educational success. He said that learners acquire basic interpersonal skills (BICS) in just one to two years, but CALP takes five to six years.

In the early years of learning, it is important for young learners to acquire BICS, which is different from basic Japanese. In doing so, it is desirable to have them learn language in the context of relationships and contexts. It is also important to note that children acquire language skills in the following order: listening, speaking, reading, and writing. Children do not start speaking immediately. Speech occurs only after a certain amount of input from the ear. The first step is to provide comprehensible input situations that are supported by a sufficient context. If this is done, BICS will be acquired to some extent in about 1–2 years.

The first thing to realize about CALP in Japanese is that it takes time. It takes 5–6 years to acquire age-appropriate CALP (Cummins 1979, 2001). As Japanese is a

15 https://www.mext.go.jp/b_menu/houdou/31/09/1421569.htm

Chinese Character usage language, it is assumed that the burden of character acquisition will be even higher for those who have moved from country in which languages Chinese characters are not used.

3.3. From JSL Curriculum to CLIL

Content-integrated language learning (CLIL), rather than form-focused learning, is the preferred method for teaching CALP to migrant children. The main features of CLIL are its emphasis on understanding the content of learning, its focus on learners' thinking and learning skills (cognition), its development of learners' communicative competence (communication), and awareness of their culture or interculture (Sasajima 2017). The main features of the course are that it focuses on understanding the content of learning (content), the learners' thinking and learning skills (cognition), the development of learners' communication skills (communication), and enhancing their awareness of culture or interculture (Sasajima 2017).¹⁶ Rather than teaching only the Japanese language, language education embedded in the context of the subject matter should be conducted with the support of the mother tongue and various types of information. There are many reports of CLIL in English education for math, science, and social studies (Nigo 2014.). This should be designed to be conducted in Japan.

The JSL curriculum integrates Japanese language instruction and academic instruction and aims to develop the ability to participate in learning activities.¹⁷ The basic idea is similar to CLIL, but there are some differences. Izumi et al. (2012) listed the following specific characteristics of CLIL.

(1) The ratio of content learning to language learning is 1:1, (2) the four skills (reading, listening, writing, speaking) are used in a balanced and integrated manner, (3) many tasks are given, (4) utilize various levels of thinking skills (memorization, comprehension, application, analysis, evaluation, and creativity), (5) emphasize cooperative learning (pair work and group activities), (6) include elements of cross-cultural understanding and international issues, (7) encourage the use of authentic materials (newspapers, magazines, websites, etc.), (8) provide information not only in written form but also in audio, numeric, and visual forms (graphics and images), (9) provide scaffolding (learning aids) in terms of both content and language, and (10) provide instruction in study skills.

CLIL differs from the JSL curriculum in that it encourages scaffolding in both content and language, emphasizes cross-cultural learning, and aims to learn about the subject matter itself rather than learning in preparation for participation in learning. Another feature of CLIL is that it is taught by non-native speakers of the learner's

16 <https://www.j-clil.com/clil>

17 "Development of JSL Curriculum in School Education" (Final Report), Elementary School Edition

language. In Europe, CLIL classes are conducted by non-native teachers (Ikeda 2013). If CLIL classes for children with connections to foreign countries are conducted by teachers who understand the children's native language in a variety of languages, including Japanese, subject learning can be conducted smoothly and CALP can be expected to grow. In addition, by using cross-cultural learning as a theme and having Japanese-speaking children interact and learn together, we can expect to gain a broader range of linguistic and cognitive learning.

4. LANGUAGE EDUCATION REFERENCE FRAMEWORK FOR CHILDREN LEARNING IN MULTIPLE LANGUAGE ENVIRONMENTS

The Japanese Language Education Subcommittee of the Council for Cultural Affairs is currently working on the formulation of a reference frame for Japanese language education.¹⁸ The framework of reference for Japanese language education is a framework for all those involved in Japanese language education to refer to when learning and teaching Japanese and is intended to establish standards for Japanese language education in response to the enactment of the Law for the Promotion of Japanese Language Education. The reference framework is based on the Common European Framework of Reference for Languages (CEFR). This itself is very beneficial, but the problem is that the CEFR may also be applied to the Japanese language education of young people.

The cabinet decision “Basic Policy for the Comprehensive and Effective Promotion of Measures for the Promotion of Japanese Language Education” (November 2020)¹⁹ enacted in response to the Japanese Language Education Promotion Act of 2019, includes “a. Japanese language education for infants, children, and students who are foreign nationals, etc., and b. Japanese language education for children of Japanese nationals residing abroad, etc.” as the target of this policy. Therefore, children are also included in the development of a framework for the evaluation of Japanese language proficiency. It is commendable that children are included in the target of promoting Japanese language education and that children living abroad who are connected to the Japanese language are also included, but we believe that it is not appropriate to apply the same frame of reference to adults and juveniles.

The CEFR is basically a frame of reference for the “foreign language education” of adults who have a separate mother tongue²⁰. The CEFR has problems, such as the

18 https://www.bunka.go.jp/seisaku/kokugo_nihongo/kyoiku/ikenboshu/nihongokyoiku_sanshowaku/pdf/92343201_01.pdf

19 https://www.bunka.go.jp/seisaku/bunkashingikai/kokugo/hokoku/pdf/92664201_01.pdf

20 The revised CEFR published in 2018 & 2020 aims to integrate descriptions that also include those who learn the language as a second language, but the author believes that the integration work is in the process of creation.

existence of competence statements based on adult communicative needs that are not relevant to young people who are still in the process of language formation, and these concerns are expressed in the report (Bunkacho 2020).²¹ CEFR is not a frame of reference for native or second language speakers.

To measure the language proficiency of foreign-connected students in the CEFR, they are asked to give up their ability to carry out intellectually productive activities in that language as are native speakers. With proper educational support, they can receive public education in Japan, become good or better language users as Japanese monolinguals, and be active in the world.

To achieve this, it is necessary to be able to evaluate children's language and communication skills holistically, and to suggest directions for their growth. If we measure language ability only in Japanese or only in the mother tongue, he or she will be judged inadequate in both languages. Therefore, it is desirable to have a frame of reference that can measure what can be done in any language and what can be done in translanguaging. In concrete terms, this means that it does not matter whether one can "make a logically reasoned argument," "define something," or "explain the relationship between A and B" only in some "named languages." If it is acceptable to answer questions using all the words and resources one knows, write essays in all the languages one knows, and to understand texts using various dictionaries and human assistance, the assessment of language (and cognitive) abilities of children growing up in a multilingual environment will be different from what it is now. The evaluation of language ability (and cognitive ability) of children growing up in a multilingual environment would be different from what it is currently such a generic language education frame of reference must be developed. To be able to evaluate them, teachers must also know the language of their children. For this purpose, we need more teachers who can understand more than one language. Although it is not realistic to realize this immediately, I believe that the possibility of assessment can be increased by involving parents and siblings who are likely to understand the child's language in the educational process.

21 The Council of Europe has been testing the relevance of the European Language Portfolio as a language proficiency statement for children in two age groups: 7–10 years old and 11–15 years old. The results show that there are a number of language proficiency statements that cannot be associated at this time, and in particular that most of the C-level language proficiency statements from ages 7–10 indicate a level of cognitive and social maturity that is not relevant to the communication needs of this age group, and that many of the proficiency statements from ages 11–15 also need to be modified according to the child's development and knowledge. It is also reported that many competence statements for ages 11–15 need to be modified according to the child's development and knowledge (Primary Report of the Japanese Language Education Reference Framework, p. 14).

5. CONCLUSION

This paper discusses three areas for improvement for CLD children studying in Japanese public education: (1) translanguaging learning support according to children's attributes, (2) a shift from language knowledge learning to content-integrated language learning, and (3) the development of a reference framework for second-language education for children.

Japan is a country with strong assimilationist tendencies, and many school teachers want children to master the Japanese language before they start school, especially at Junior High school (Matsuda, Aoki and Shiraishi, 2020). They try to solve the problem by the individual efforts of the child. However, it is the schools and society that must change and it is the parents who must change.

Tada (2020) defines dialog as “a continuing, developing, and deepening verbal and nonverbal expressive activity for interacting with oneself and diverse others and events, making use of differences, creating new wisdom, values, and solutions together, and building good creative relationships in the process.” One type of dialog is “co-creative dialog,” in which diverse views are expressed and conflicts and disagreements are utilized to broaden and deepen the world, which should be emphasized in the utilization of diversity in learning (Tada 2020: 26).

The author agrees with this suggestion. The importance of creating friendships, co-creating, and creating a place for dialog and education is the same, regardless of whether one's roots are foreign or Japanese speaking. If learning in various languages is realized and the school environment is changed, Tada's co-creative dialog can be realized even in classrooms where children with different mother tongues learn together. Sunako Elementary School in Kadoma City, Japan, has successfully fostered global literacy and multilingual skills by creating a multilingual environment and providing classrooms for Chinese and other native languages (Tian and Sakurai, 2017). I hope that the boundaries between foreigners and Japanese will disappear in Japanese schools, and that co-creative interactive learning will expand the possibilities for the future of all children.

REFERENCES

- CUMMINS, J. The Influence of Bilingualism on Cognitive Growth: A Synthesis of Research Findings and Explanatory Hypotheses. **Working Papers on Bilingualism**, 9, pp. 1-43, 1976.
- CUMMINS, J. Cognitive/academic language proficiency, linguistic interdependence, the optimum age question and some other matters. **Working Papers on Bilingualism**, 19, pp. 121-129, 1979.
- CUMMINS, J. **Negotiating Identities: Education for empowerment in a Diverse Society**. Los Angeles. 2nd Edition. California Association for Bilingual Education, 2001.

- DE HOUWER, A. **The acquisition of two languages from birth: A case study.** Cambridge: C.U.P., 1990.
- GARCÍA, O. Education, multilingualism and translanguaging in the 21st century. In: Ajit MOHANTY, Minati PANDA, Robert PHILLIPSON and Tove SKUTNABB-KANGASS (eds.). **Multilingual Education for Social Justice: Globalising the local.** New Delhi: Orient Blackswan, pp. 128-145, 2009.
- GARCÍA, O and Li, W. **Translanguaging: Language, bilingualism, and education.** New York, NY: Palgrave MacMillan, 2014.
- IZUMI, S., IKEDA, M., and WATANABE, Y. 'CLIL (Content-Language Integrated Learning): A New Challenge for Sophia University Foreign Language Education, Volume 2: **Practice and Application**,' Sophia University Press, 2012.
- IKEDA, M. "Sophia University's Practice of 'Content-Language Integrated Learning (CLIL)' Opens Up Possibilities for University English Education," **Forum of Language Instructors**, Volume 8, 2014.
- IZAWA, S., MIYAZAKI, S., and MATSUDA, M. "Diversification of Japanese Language Proficiency of Children of Japanese Descent in Brazil, a Multilingual and Multi-Cultural Society," in Proceedings: **South American Symposium on Japanese Language Education 2017: Present and Future of Japanese Language Education in South, America.** Potential of Nikkei Society, pp.133-147, 2018.
- SATO, G., TAKAGI, K., and SAITO, H. "**Elementary School JSL Curriculum "Commentary"** ("Curriculum and Japanese" Series for Foreign Children)," Three A Network, 2005.
- TADA, T. "Dialogue," **Introduction to Teaching in the New Era**, Hokkoku Shimbun, pp. 22-30, 2020.
- TIAN, H. and SAKURAI, C. "Inherited Chinese Education in Japanese Public Schools," **Journal of Mother Tongue, Inherited Language and Bilingual Education (MHB)**, 13, pp. 132-155, 2017.
- NAKAJIMA, K. "Language Development of Children Raised in Multilingual Environments: What Kind of Support Should Contribute to Japan, from Children's Perspective: **International Forum on the Promotion of Japanese Language Education in Kanagawa**," Lecture Materials, 2019.
- NIGO, Y. "The Possibility of CLIL-Applied Dual field English Teaching Method: Through the Teaching of Social Studies Content to Elementary School Students," **Journal of the Society for Elementary School English Education**, pp. 66-81, 2014.
- NISHIKAWA, T. 'Language education for children who do not speak Japanese as their mother tongue in Japanese public schools,' **Inherited language education linking parents and children**, Kuroshio Publishing, pp. 209-223, 2019.
- MATSUDA, M. and NAKAGAWA, K. "Developmental Assessment and Language Issues of Children with Foreign Roots: A Research Study to Differentiate between Developmental Disabilities and Temporary Limited Status," **Bulletin of the Kanazawa University International Student Center**, 21, pp. 29-42, 2018a.

- MATSUDA, M., WATANABE, T., NAKAGAWA, K., MORI, K., SHIBASAKI, T., and SAKURAI, C. **'2017 12th Research Grant for Children's Education Practice: Report of Research Results (Full Text): Research Study on Multiple Language Ability of Children Enrolled in Special Needs Classes with Foreign Roots,'** pdf, 2018b.
- MATSUDA, M., SHIRAISHI, Y., and AOKI, Y. Challenges of Citizenship Education for the CLD Young People Living in a Small City of Immigrants. In proceeding of **the 2020 ONLINE Conference of the Japanese Society for Mother Tongue, Heritage Language, and Bilingual Education (MHB)**, pp. 51-52, 2020.

Recebido em 10 de junho de 2021.

Aprovado em 8 de setembro de 2021.

SHÔJI UEDA, ENTRE O MA E O ONÍRICO NA REGIÃO DE SAN'IN

SHÔJI UEDA, BETWEEN MA AND THE ONEIRIC IN THE SAN'IN REGION

Maria Ivette Job¹

Michiko Okano²

Resumo: A Costa Oeste da ilha japonesa de Honshû banhada pelo Mar do Japão e menos celebrada em termos culturais do que a Costa Leste, foi berço de alguns artistas no campo da fotografia japonesa, entre eles, Shôji Ueda. Apesar de ser fotógrafo premiado no seu país natal e na França, com um museu próprio em Tottori, Japão, não foi localizado nenhum artigo a seu respeito no Brasil. Este estudo percorre sua carreira em paralelo às tendências da fotografia durante o século XX no Japão, apontando alguns aspectos de sua poética que concorrem para a constituição de um estilo único, conhecido como *Ueda-chô*. Um desses aspectos, a espacialidade *Ma* 間 em suas imagens, é analisado em alguns trabalhos do artista. O outro, a linguagem onírica, é também discutido, juntamente a uma reflexão sobre a relação do fotógrafo com elementos culturais da região de *San'in* onde nasceu e passou sua vida.

Palavras-chave: Shôji Ueda; *Ueda-chô* 植田調; fotografia japonesa; *Ma* 間; *Yohaku* 余白.

Abstract: The West Coast of the Japanese island of Honshû bathed by the Sea of Japan and less celebrated in cultural terms than the East Coast, was the birthplace of some artists in the field of Japanese photography, among them, Shôji Ueda. Despite being an award-winning photographer in his native country and in France, with his own museum in Tottori, Japan, no article about him was found in Brazil. This study goes through his career in parallel with the trends of photography during the 20th century in Japan, pointing out some aspects of his poetics that contribute to the constitution of a unique style, known as *Ueda-chô*. One of these aspects, the *Ma* 間 spatiality in his images, is analyzed in some of the artist's works. The other, the oneiric language, is also discussed, along with a reflection on the photographer's relationship with cultural elements from the *San'in* region where he was born and spent his life.

Key-words: Shôji Ueda; *Ueda-chô* 植田調; japanese photography; *Ma* 間; *Yohaku* 余白.

1 Mestranda no Programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Email: pfloatboat@gmail.com. (ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7889-9592>).

2 Professora de graduação e pós-graduação de História da Arte da Ásia da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. Email: michikokano@uol.com.br. (ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-8865-7389>).

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1995, em Hōki, Prefeitura de Tottori, o arquiteto Shin Takamatsu³ (1948-) completou a construção do Museu Shōji Ueda, encomendado pela cidade natal do fotógrafo, com o objetivo de exibir semipermanentemente suas obras. Segundo Takamatsu, o próprio Shōji Ueda (1913-2000) o teria sugerido como arquiteto⁴. O local destinado ao edifício, uma planície levemente inclinada aos pés do Daisen 大山⁵, pedia uma estrutura que se harmonizasse com sua beleza natural. Takamatsu contemplou mais do que essa demanda, harmonizando seu projeto não só com a paisagem circundante, como com as imagens do artista homenageado. O resultado foi a criação de um diálogo quase metalinguístico entre espaço natural, espaço construído e a obra de Ueda [Fig.1].



Figura 1: Daisen 大山, visto de dentro do edifício e refletido em um dos espelhos d'água do Shōji Ueda Museum. Projeto arquitetônico de Shin Takamatsu. Hōki, Prefeitura de Tottori. Fonte: autora, abril de 2018.

3 Shin Takamatsu nasceu em agosto de 1948, na Prefeitura de Shimane, geograficamente vizinha à Prefeitura de Tottori, na Costa Sudoeste do Japão. Professor emérito da Kyoto University, e arquiteto premiado, Takamatsu assina projetos arrojados tanto no Japão, como China.

4 Disponível em <http://www.takamatsu.co.jp/_eng/projects/details.php?id=96>. Acesso em 19/08/2020.

5 Montanha vulcânica de 1.729 metros de altitude, Prefeitura de Tottori (Teihoku's Complete Atlas of Japan, 1991).

Shôji Ueda nasceu em 1913, na cidade de Sakai, atual Sakaiminato, também Prefeitura de Tottori. Filho de um fabricante e vendedor local de *geta*⁶ e o único entre quatro irmãos a sobreviver à infância, Ueda deveria herdar os negócios do pai. Diante de sua afeição pela pintura, no entanto, a mãe o incentiva às artes. Já o pai, com a preocupação de que o filho pudesse exercer uma profissão que o agradasse e ao mesmo tempo ganhar a vida com ela, presenteia-o com uma câmera Vest-Pocket Kodak⁷. Em 1931, Shôji Ueda junta-se ao Círculo Fotográfico de Yonago, cidade vizinha a Sakaiminato, vence um concurso fotográfico da Revista *Camera* e começa a ser reconhecido como um talentoso fotógrafo amador na região. Em 1932, vai estudar na Escola Oriental de Fotografia, em Tóquio, retornando à sua cidade natal em 1933, onde abre seu próprio estúdio e cria um clube de fotografia, o *Nihonkai*, Clube do Mar do Japão. Nessa época, Ueda passa a participar mensalmente de concursos de fotografia do *Photographic Salon* e de revistas como a *Asahi Camera* (BROUSSE, 2008).

No início de sua carreira, Shôji Ueda adotou o estilo pictórico de fotografia, manipulando-as no quarto escuro, durante o processo de revelação e ampliação, com o intuito de obter resultados artísticos na imagem que as aproximasse das pinturas a óleo em tela. A *geijutsu shashin* 芸術写真, fotografia artística ou pictorialismo, havia se desenvolvido no Japão no final do século 19 e começo do 20. Até então, desde que a fotografia chegara ao país em 1843, na forma de um daguerreótipo recebido em um carregamento em Nagasaki pelo mercador Toshinojô Ueno, ela era tida como um instrumento de registro da realidade, quer fossem paisagens ou retratos de pessoas. Uma das traduções possíveis para o termo *shashin* 写真 seria, inclusive, “copiar o real” (TUCKER, KANEKO, TAKEBA, & FRIIS-HANSEN, 2003).

As experimentações fotográficas de Shôji Ueda com a *geijutsu shashin*, entretanto, duraram pouco. Simultaneamente à abertura de seu estúdio em Sakaiminato, em 1933, Ueda adotou um novo estilo fotográfico, *shinkô shashin* 新興写真 ou fotografia nova, que se desenvolvia em conversa com os movimentos da vanguarda europeia. Descobriu o trabalho de fotógrafos como Man Ray e André Kertész e usou técnicas como o rayografia e a solarização⁸. Das vertentes vanguardistas, podemos dizer que o maior namoro de Ueda aconteceu com o Surrealismo, mas é importante notar que, apesar de Ueda ter experimentado várias linguagens fotográficas durante toda a sua longa carreira, ele se apropriou de cada uma delas de forma bastante peculiar. É como se uma linha sutil

6 Calçado japonês de madeira, semelhante a uma sandália de dedos.

7 A Vest Pocket foi um modelo da Kodak produzido de 1912 a 1935, que podia ser levado no bolso do colete ou paletó, como o próprio nome diz, cujo rolo de filme 127 mm produzia imagens em formato 4,5 × 6 cm.

8 Rayografia e solarização foram duas técnicas de estúdio desenvolvidas por Man Ray em Paris, no início da década de 1920, que seriam fundamentais para o Movimento Surrealista. A rayografia consistia em “colocar objetos diretamente sobre material sensível à luz e expor o conjunto à luz”. A solarização consistia na sobreposição de dois negativos: “Para ele [Man Ray], a solarização era uma forma de mostrar a ‘aura’ da pessoa” (L’ECOTAIS, 2019).

e particular percorresse sua obra, deixando em suas imagens sua marca característica, conhecida mundo afora como Estilo Ueda, *Ueda-chô* 植田調⁹. Dessa linha sutil, tecida por múltiplas fibras estéticas que ora se adensam em alguns pontos, ora apenas tangenciam a imagem, este artigo abordará a questão da linguagem onírica e a presença do *Ma* 間 na poética de Shôji Ueda, considerando também sua relação com os elementos naturais e culturais da região que serviu de palco para suas criações.

Ao mencionarmos o namoro de Ueda com o Surrealismo, tratamos do fato de o fotógrafo ter obras que fazem referência explícita a esse estilo - como por exemplo um diálogo de algumas imagens do seu projeto “*Mode dans les Dunes*” (1983-1993) com a pintura “*Golconde*”(1953), de René Magritte - mas também, e principalmente, do seu uso de elementos da linguagem surrealista, dos quais selecionamos para estudar aqui a linguagem onírica.

2. *ENSHUTSU SHASHIN* 演出写真 E LINGUAGEM ONÍRICA EM SHÔJI UEDA

O movimento surrealista surge anunciando a teoria do inconsciente na arte: “No inconsciente, pensa-se por imagens, e, como a arte formula imagens, é o meio mais adequado para trazer à superfície os conteúdos profundos do inconsciente” (ARGAN, 2016, p. 360). Nesse momento, a Europa assistia ao nascimento da Psicanálise, a qual os artistas do Surrealismo viam com interesse, encantados com o trabalho de linguagem operado durante a elaboração dos sonhos.

É importante ter em mente que esses sonhos aos quais se refere a obra de Sigmund Freud (1856-1939) do ano de 1900, “A Interpretação dos Sonhos”, não são os sonhos dos devaneios e fantasias durante a vigília, mas os sonhos que ocorrem durante o sono. Quando adormecemos, a psique se retrai do mundo externo, renunciando “ao controle intencional sobre a sequência de representações” (FREUD, 2019, p. 81). Como produtos do inconsciente, também os sonhos pensam através de imagens. A incongruência das narrativas oníricas, porém, deve-se a um trabalho feito pelo sonho com o objetivo de camuflar, disfarçar para a consciência algum desejo ou tópico interdito, pois mesmo durante o sono a nossa censura permanece ativa, ainda que de forma reduzida, em comparação com a vigília. Os mecanismos usados para essa tarefa de deformação são chamados de condensação e deslocamento. Sua função é tornar irreconhecível o conteúdo original. O resultado é um rompimento da lógica narrativa, como a pressupomos no estado de vigília, fato que deriva em uma sensação de estranheza. Aquilo a que nos referimos como elemento onírico na poética de Shôji Ueda consiste, então, em rasgos, por vezes sutis, produzidos na lógica da imagem. Surpreendemo-nos sorrindo

9 Segundo o ex-curador do “Tokyo Metropolitan Museum of Photography” Kaneko Ryūichi (2013, p.179, apud TAKENAKA, 2020, p.62), o termo *Ueda-chô* foi cunhado antes da Segunda Guerra Mundial, em um artigo de revista sobre Shôji Ueda.

internamente diante da fotografia de Ueda na qual uma mão lança um seixo ao ar, tendo apenas o mar por cenário, sem compreender, intrigados, o que causou o sorriso. Algo está sendo dito, mas seu sentido é indecifrável. Ao espectador resta a poesia da composição estética de um enigma.

Diante do uso recorrente que Shōji Ueda fazia da linguagem onírica em suas composições, cabe perguntar se tal sensação de estranheza diante da imagem não era um efeito que lhe agradasse produzir, como se o fotógrafo estivesse propondo uma brincadeira, um jogo ao observador. Desenvolvedor de um “estilo inconfundível” de *enshutsu shashin* 演出写真 (TUCKER, KANEKO, TAKEBA, & FRIIS-HANSEN, 2003, p. 213) ou fotografia encenada, as composições de Ueda com pessoas e objetos nas dunas de areia de Tottori e praias da região emanam, também, o tom enigmático e misterioso resultante do rompimento da lógica na representação mencionado anteriormente. O artista, que usou boa parte das vezes sua própria família posando como modelo nas dunas de areia de Tottori, era meticuloso e, segundo sua filha Kazuko, repetia as encenações tantas vezes quantas fosse preciso, até que considerasse ter conseguido a imagem perfeita (BROUSSE, 2008, p. 9).

A fotografia *Kogitsune Tanjō* 子ぎつね誕生, “Aparição de um Filhote de Raposa”, (Fig. 2), condensa elementos relevantes do *Ueda-chô* colocados até agora, além de um outro aspecto importante a ser considerado na obra do artista.



Figura 2: Shōji Ueda, *Kogitsune Tanjō* 子ぎつね誕生, “Aparição de um Filhote de Raposa”, 1948. Fonte: imagem cedida pelo Shoji Ueda Museum of Photography, set. 2020.

Nessa imagem, que poderia ser o instantâneo do salto de um garoto com máscara de raposa sobre uma elevação de areia e vegetação rasteira de praia contra um céu com nuvens, a manipulação da luz durante sua ampliação, traço do pictorialismo, cria uma aura mais clara ao redor do menino. É possível ver tal interferência como um dos exemplos de rasgo na lógica representacional da imagem, já referidos como característicos da linguagem onírica. Aqui, a rasgadura imagética propõe um sentido específico para a cena que, neste caso, o título “Aparição de um Filhote de Raposa” ajuda a desvendar.

No artigo “Realismo e Etnologia na Fotografia de Shôji Ueda”, a Professora Yumi Kim Takenaka, da Ritsumeikan University, em Quioto, fala sobre a ligação do artista com a cultura local. A proximidade física de Sakaiminato com a cidade de Izumo e seu santuário xintoísta ancestral na história japonesa fazia dessa região menos povoada, predominantemente agrária e mais distante dos grandes centros urbanos da Costa Leste na juventude de Ueda, um lugar especial no sentido da conexão com o sagrado. Pessoas vestindo máscaras aparecem com frequência nas suas imagens. Segundo Takenaka, esta fotografia teria relação com *marebito* 客, um espírito divino vindo de longe que traz sabedoria e felicidade, sendo recebido pelas pessoas com festividades e às vezes com performances, nas quais são representadas as aparições desse espírito através do uso de máscaras e fantasias. A praia que integra a composição, *Yumigahama* 弓ヶ浜 (Praia do Arco), em Sakaiminato, chamava originalmente *Yomigahama* 夜見ヶ浜 (Praia de Vista Noturna)¹⁰, referindo-se ao fato de ela ser considerada uma espécie de portal entre mundos, como é comum acontecer com praias, montanhas e cavernas na região de Izumo, por onde *marebito* pode atravessar (TAKENAKA, 2020, p. 67). O garoto mascarado que flutua na imagem parece ter se materializado subitamente das nuvens, em um efeito corroborado pela aura de luz ao seu redor, como a aparição de um *marebito* que acabou de cruzar as fronteiras entre dois mundos. Takenaka aponta, assim, para o aspecto etnológico do *Ueda-chô* que não costuma ser abordado quando se fala de sua obra.

Vinculado à região onde nasceu e que deixou por raras ocasiões, Shôji Ueda compunha imagens com os elementos de que dispunha ao seu alcance. Sua esposa e seus filhos, as crianças locais, objetos que encontrava no caminho, como seixos, frutas, um espantalho, um reflexo, uma estação do ano, linhas de horizonte. É importante apontar, no entanto, as relações estabelecidas entre os objetos e o papel eloquente da intermediação do espaço nas composições cuidadas do fotógrafo.

3. SHÔJI UEDA E O MA

Ma 間 é uma ideia concernente a vários aspectos da cultura japonesa que se conecta com a estética e o modo de pensar e viver dos japoneses. Analisado de acordo

10 Pela similaridade sonora, verifica-se que *Yomi* 黄泉, refere-se ao mundo dos mortos que, segundo o *Kojiki* ou “Relato de Fatos Antigos”, tem sua entrada em Izumo, selada permanentemente por *Izanagi no Mikoto* com uma pedra.

com a Semiótica Peirceana, pode ser compreendido em duas categorias: uma delas, é a sua consideração como *quali-signo*, isto é, uma potência, uma possibilidade, uma energia em estágio anterior de se tornar existente no mundo. Ao adentrar o universo fenomênico, configurando-se como *signo*, mostra as múltiplas facetas, concretizando-se como vazio, elemento de fronteira, entre-espaço ou montagem espaço-temporal. Essa aparição em formas diversificadas é algo que dificulta a compreensão do *Ma* se vista sob a ótica da lógica linear ocidental.

Para compreender essa complexidade não linear, é necessário considerar que um certo “objeto” possa ser visto de maneiras multiformes dependendo da “relação” a ser estabelecida. E a relevância da relação está presente na filosofia de Kitaro Nishida (1870-1945), fundador da Escola de Kyoto, na sua concepção de *Ba* (*place*, lugar) cuja essência é o “contexto compartilhado” criado por meio da interação que ocorre num tempo e espaço específico, mais do que o espaço ele mesmo (SMITH; HITT, 2005, p.380). Para exemplificar a importância dada à “relação”, lembremos que no Japão o ser humano é escrito com dois caracteres – 人間, ao passo que na China, apenas o primeiro, 人, ideograma pictográfico de um homem em pé apoiado em duas pernas, basta para designá-lo. No entanto, nas terras nipônicas, acrescenta-se o 間, caractere formado pela porta entreaberta a partir de onde se entrevê o sol, que se associa ao espaço-entre, fundamental para se estabelecer as relações necessárias a fim de que o homem exista enquanto um ser social. E para tanto, deve-se respeitar essa distância do entre-espaço, para que a convivência seja a mais harmônica possível. Estabeleceu-se uma sociedade que valoriza nem tanto o indivíduo 人 mas muito mais o 間, a relação a ser estabelecida não só entre os homens, mas também entre eles e os objetos circundantes, como a natureza, o mundo e o universo. Mais do que a visão antropocêntrica, cuja representação é a perspectiva do ponto de fuga único, os japoneses desenvolveram uma cultura que prioriza a harmonia coletiva, considerando o homem como parte da natureza, motivo pelo qual a representação pictórica tradicional apresenta a paisagem e os seres humanos nela inseridos, como parte do todo.

Ikujiro Nonaka (1935-), especialista japonês em gestão de conhecimento, especifica a existência de dois tipos complementares de conhecimento: o explícito, no qual se baseia na ciência e o tácito, que é difícil de formalizar, de comunicar e compartilhar com outros, como insights subjetivos, intuições e pressentimentos. (NONAKA; NISHIGUCHI, 2001, pg. 14). Embora o autor utilize dessa categorização para entender o processo criativo, é possível localizar o *Ma* nesse segundo campo de conhecimento. Baseado no conceito do filósofo japonês Nishida, Nonaka define a interação como o aspecto mais importante, sendo o *Ba* (*place*, lugar) como espaço onde ela ocorre, inclusive as inter-relações pessoais.

A relação é também estabelecida entre a figura e o fundo de uma pintura na estética japonesa, que denominam de *Yohaku* 余白 (espaço que sobra) e que também é considerado *Ma*. *Yohaku*, normalmente entendido como espaço branco do papel, de acordo com o artista Lee Ufan (1936-), não basta apenas ser um espaço branco não

pintado da folha, mas é necessário gerar uma vibração dinâmica entre ele e a figura, da mesma forma que qualquer espaço vazio não pode ser considerado *Ma*. Conforme Lee, “É relevante criar uma relação dinâmica em que ambas as partes - a que construo e a que aceito não construir - criam uma relação dinâmica de interconexão e rejeição. A isso chamo de Arte do *Yohaku*.” (LEE, 2014, p. 3). Associa-se à inexistência de pensamento dualista opositivo, mas a coexistência de polaridades – interconexão e rejeição – que produz a tal vibração. O autor acrescenta ainda que quando há uma vibração, o espectador consegue ver uma “realidade pictórica”, estendendo-se pela parede e pelo espaço ao redor. (Ibid. p. 4). O mesmo pode ser dito em relação a uma minúscula escultura de flor de Yoshihiro Suda (1969-) colocada num canto de uma sala de galeria totalmente vazia à primeira vista, bem como das fotografias de Shôji Ueda.

Estabelecemos um diálogo de algumas imagens do fotógrafo Shôji Ueda com o *Ma*, embora ele seja mais conhecido pela combinação composicional de elementos surrealistas e pela sua composição refinada. Muitas das suas fotografias têm as Dunas de Areia de Tottori como cenário, no Mar do Japão. Esculpia a paisagem junto com as graciosas figuras da sua esposa e filhas ou com fotógrafos e modelos e não o contrário. Em muitas obras, os espaços vazios, sem nenhum objeto, são esculpidos, reforçados pela composição das figuras humanas que acentuam essas espacialidades. Em certas fotografias, as posições das figuras, as direcionalidades dos corpos e olhares, ou seja, a relação entre elas bem como entre elas e o espaço é milimetricamente calculada, de modo a valorizar o *Yohaku* (Fig. 3).



Figura 3: As modelos e os fotógrafos artísticos (I) モデルとゲイジツ写真家たち (I) *Moderu to Geijutsu Shashinkatachi*), PB de 1949. Fonte: *Colection of Works by Shoji Ueda*, 2016, p. 41, com autorização da família do artista, set. 2020.

Ao observarmos as obras, principalmente da década de 1930-50, o que nos chama a atenção são as fotografias cujo céu, solo ou duna ocupam um espaço grande dentro do esquema composicional, o que podem ser considerados representação do *Yohaku*. Aliás, o registro desse *Yohaku* já está no início da sua carreira, por exemplo, na sua obra representativa deste período, *Paisagem com Ponto de Ônibus* (停留所の見える風景 *Teiryûjo no Mieru Fûkei*), PB, de 1931, na qual embora “a revelação utilize a técnica da ‘deformação’, o céu da parte superior da superfície fotográfica e a parte inferior escura tratada como silhueta, ocupam uma grande parte do quadro”. (Iisawa, 2016, p.133).

Algumas fotografias PB da série *Crianças em Meses do Ano* (童歴 *Dôreki* ou *Warabe Goyomi*, mostram mais de dois terços inferior da superfície do papel representados pela suposta ponte ou morro, totalmente preto, que representa o *Yohaku*.

A obra *As modelos e os fotógrafos artísticos (I)* (モデルとゲイジツ写真家たち (I) *Moderu to Geijutsu Shashinkatachi*), PB de 1949 (Fig. 3), mostra a duna como espaço *Ma*, acentuada por duas mulheres, em plano geral, uma à direita, de cabelos compridos presos, sentada sobre a areia com um olhar resoluto para a frente. A outra, com cabelo Chanel, encontra-se em pé, com as pernas um pouco afastadas, ao lado da cadeira, e nela se apoia com uma das mãos. Existe uma bolsa próxima a seus pés e o corpo e o olhar estão levemente voltados para a direção onde se encontra a outra mulher sentada, com um ar de dúvida ou indagação. Algumas pegadas revelam que o resto da paisagem seja areia e além desta ocupar a maior parte da fotografia, existe um espaço intervalar entre as duas mulheres, reforçado pela diferença entre aquela que se senta à moda japonesa, sem nenhum objeto ao seu redor e a outra, que está rodeada por objetos ocidentais e cotidianos, inclusive combinando com o seu corte de cabelo. Tem-se aqui o *Yohaku* constituído pela duna mas também um espaço-entre as duas criaturas que revela as suas distinções.

Existem outras obras que evidenciam esse espaço entre: um dos exemplos é *O menino e o velho* (少年と老人 *Shônen to Rôjin*), PB, de aproximadamente 1935, que mostra na sua extremidade esquerda, um tronco seco que sobe longitudinalmente, e levemente em diagonal, cuja textura exhibe secura, rachadura e vestígios do tempo. Um menino, em plano americano, se encontra encostado na árvore, olhando para o espectador. Na ponta direita inferior, em plano médio curto, um homem com chapéu apresenta um olhar direcionado para o extracampo à direita e dialoga com a árvore da outra ponta no que se refere aos vestígios do tempo. Entre eles, um espaço branco enorme mostra a distância entre os dois, separados pelo céu que desvela o tempo entre a infância e a velhice.

Dois rapazes (二人の青年 *Futari no Seinen*) (Fig. 4), é o título da obra PB de 1945 que faz referência a duas figuras humanas que estão num tablado de madeira escuro que ocupa um quarto do papel, na sua horizontalidade inferior, ao passo que o restante é preenchido com o céu parcialmente nublado. Um dos rapazes, que se situa no primeiro plano, está de pernas abertas e as mãos na barriga, dirige o olhar para o espectador,

ao passo que o outro, mais ao longe, se encontra de costas, de pernas fechadas, pés abertos como em primeira posição do balé, e com os braços ocultos, parece estar na ponta do abismo olhando levemente para baixo. Existe uma distância intervalar entre os dois, talvez entre um que olha e enfrenta o mundo frontalmente e outro que busca um pulo ou um salto para uma outra dimensão.



Figura 4: Dois rapazes (二人の青年 *Futari no Seinen*), PB, 1945. Fonte: *Colection of Works by Shoji Ueda*, 2016, p. 28, com autorização da família do artista, set. 2020.

Outro conjunto de fotografias mostra os elementos que são considerados fronteiriços, que separam e atam territórios distintos. O portal *torii* e a ponte são elementos considerados *Ma*, que se encontram presente em santuários xintoístas e simbolizam a fronteira entre o território divino e profano. São espacialidade de conexão e ao

mesmo tempo de separação, em uma compreensão não dualista dessa zona intervalar, que evoca a passagem demarcatória entre dois territórios distintos. Esses elementos podem ser visualizados em algumas obras de Ueda.

Uma delas, é da série *Izumo* (出雲), PB de 1964-80 (Fig. 5), na qual tem um portal *torii* no meio de uma suposta areia. O frágil *torii*, provavelmente feito de madeira sem nenhuma pintura, parece estar coberto de neve, sobre a areia branca também forrada de neve. A composição mostra três faixas compostas de céu, mar e areia, colocando o mar escuro como elemento intermediário, trazendo também o *Yohaku* na presença da areia. No horizonte, estaria, de acordo com a cultura japonesa, a morada dos divinos.



Figura 5: *Izumo* (出雲), PB, 1964-80. Fonte: imagem cedida pelo Shoji Ueda Museum of Photography, set. 2020

Uma outra fotografia evoca o muro como elemento *Ma*. Da série *Pequena Biografia* (小さい伝記 *Chiisai Denki*), PB de 1974-85, (Fig. 6), um muro separa dois universos distintos: do lado de cá, uma cena cotidiana de um homem velho que carrega uma criança nas costas, como normalmente os japoneses fazem com o bebê. Do outro lado, o mar com navio fora do foco ao longe e a areia, sobre a qual se encontra uma menina que está ereta, com o rosto impassível, os olhos fechados, construindo um universo estranho e fantástico, como se fosse cena de um teatro, ou ainda onírico. O muro divide os dois mundos, o do dia a dia, de afazeres familiares, domésticos e profissionais e o outro, do sonho, da fantasia, da arte e do livre pensar.



Figura 6: Biografia (小さい伝記 *Chiisai Denki*), PB, 1974-85. Fonte: imagem cedida pelo Shoji Ueda Museum of Photography, set. 2020.

Na fase mais madura da sua vida, na década de 1990, ele pega uma câmera compacta 35mm e observa o mundo de perto e em detalhes, registrando coisas banais e cotidianas que ressoam na nossa imaginação prenhe de vitalidade e beleza. Um dos exemplos é a fotografia de 1998 colorida, *Sem título* (Fig. 7), que remete a uma pilha de jornal dobrado que se mostra sobre o fundo preto, no vão semiaberto de uma porta

branca levemente azulada que se encontra à direita da fotografia. Existe no meio da pilha uma faixa vermelha é o acento necessário para dar vida à obra para o preto se intensificar como *Yohaku*. Pela invisibilidade do ambiente interno e pela negritude apresentada, os jornais parecem estar suspensos no ar, resgatando uma atmosfera surrealista. O vão e a porta são elementos constituintes da espacialidade *Ma*, e a misteriosa aparição dos jornais suspensos dobrados em quatro, traz uma relação curiosa que nos permite várias interpretações. Os noticiários, que se encontram para além da porta, seriam algo para nos tirar da obscuridade? Ou, muito pelo contrário, a mídia seria um instrumento a nos levar para o negrume?



Figura 7: Sem título, 1988. Fonte: *Inro Photo Album*, p. 23 com autorização da família do artista, set. 2020.

As últimas duas obras, diferentes daquelas que acentuam o rigor composicional e o geométrico, expressam um lirismo ímpar e uma atmosfera surrealista pela combinação de elementos estranhos (uma máquina de costura e um guarda chuva numa mesa de dissecação, conforme o manifesto surrealista), no nosso caso, o cotidiano e a menina numa pose e expressão oníricas, ou o bloco de jornal suspenso no ar e a porta entreaberta, em combinação com o *Ma*, evocando um espírito mágico e, portanto, estabelecendo diálogo com o aspecto onírico da primeira parte do artigo.

Tentamos, nessa parte do texto, fazer um diálogo entre o *Ma* e as obras de Ueda, exemplificados como *Yohaku*, espaço-entre ou na sua apresentação por meio de registros de elementos que a ele remetem, e este se intensifica quando gera vibrações dinâmicas, sejam visuais ou mentais. O espaço branco de Ueda, quer seja registrado por areias, muro, céu ou negritude, não representa o “nada”, mas encerra simultaneamente uma tensão e uma distensão, transmitindo uma emoção ao espectador. É famoso o dizer do pintor Mitsuoki Tosa (1617-1691) da Escola Tosa¹¹ da Era Edo (1603-1868) de que “o espaço branco é também pintura”(白紙も模様の内なれば *Hakushi mo moyô no nai nareba*), ou seja, que o espaço branco abriga significado (tanto quanto a figura), basta o espectador coparticipar com a imaginação. É esse o convite que o *Ma* faz ao espectador, permitindo uma abertura comunicativa com a obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua longa carreira, Shôji Ueda sempre insistiu em reclamar para si o título de fotógrafo amador a despeito do destaque que alcançou, ainda que mais tardiamente na vida, tanto no Japão quanto no exterior - em 1958, uma de suas imagens é adquirida e exposta no MOMA, em Nova York e, em 1978, a Biblioteca Nacional da França adquire fotografias suas, só para citar alguns exemplos (UEDA, 2014). Seu neto, Yutaka Masutani, em entrevista para o site arte.tv/fr, comenta que, se a obra do avô demorou para ser reconhecida em seu próprio país natal, foi porque Ueda sempre se recusou a ter um aprendiz. E, no Japão, há a tradição do discípulo que, ao se tornar também respeitado, garante a posteridade do seu mestre (WELTER, 2019).

A recusa de adesão ao termo “fotógrafo profissional”, a renúncia à tradição mestre-discípulo e o desvio insistente de filiação a estilos e movimentos artísticos somados ao *Ueda-chô* - identificado até mesmo em suas fotos documentais - falam a favor de um homem de espírito livre, cujo enraizamento em seu local de origem jamais foi fator limitante para os universos que se descortinam em suas imagens.

11 Escola Tosa foi fundada na Era Muromachi (1336-1573), tinha o estilo de pinturas yamato-e (pinturas tradicionais japonesas) destinadas à corte e aristocracia.

Shôji Ueda parece ter extraído de cada tendência fotográfica que experimentou os vocábulos que lhe interessavam para a construção de uma linguagem própria, com a qual construiu sua poética e contou ao mundo o que pensava.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BROUSSE, Didier. **Shôji Ueda**. Paris: Actes Sud, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FRASER, Karen. **Photography and Japan**. London: Reaktion Books, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Obras Completas, Vol. 14**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- IISAWA, Kôtarô. **MA no Ma** – Ueda Shôji no Shashin Sekai. 「間の魔」 – 植田正治の写真世界 (Ma do Diabo – O universo da fotografia de Shôji Ueda). In: IISAWA, Kôtarô, KANEKO Ryûichi. (Eds.). Ueda Shôji Sakuhinshû (Álbum das obras de Shôji Ueda). Tokyo: Kawade Shibô Shuppansha, pp. 133-136, 2016.
- KANEKO, Ryûichi Ikitairu. **Ueda Shôji** – Sono hyôka no konkyo wo megutte. 生きてる植田正治 — その評価の根拠をめぐって (Shôji Ueda vivo – Em busca da origem dessa apreciação). In: IISAWA, Kôtarô, KANEKO, Ryûichi. (Eds.). Ueda Shôji Sakuhinshû (Álbum das obras de Shôji Ueda). Tokyo: Kawade Shibô Shuppansha, pp 137-142, 2016.
- LEE, Ufan. 余白の芸術 **Yohaku no Geijutsu**. (A Arte do Yohaku). Tokyo: Misuzu Shobô, 2014.
- NONAKA, Ikujiro; KONNO Nobouru, TOYAMA Ryoko. **Emergence of Ba: A Conceptual Framework for the Continuous and Self-transcending Process of Knowledge Creation**. In: NONAKA, Ikujiro; Nishiguchi Toshihiro. Knowledge Emergence: Social, Technical and Evolutionary Dimensions of Knowledge Creation. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- OKANO, Michiko. **MA: Entre-espço da arte e comunicação no Japão**. São Paulo: Annablume, 2012.
- SMITH, Ken G.; HITT, Michael A. **Great Minds in Management: The Process of Theory Development**. New York: Oxford University Press, 2005.
- TAKENAKA, Yumi K. Realism and Ethnology in Ueda Shôji's Photography: Another Aspect of Ueda-chô. **Journal of Art Research Center**, Ritsumeikan University, 61-68, fev. 2020.
- TUCKER, Anne, KANEKO, Ryuichi, TAKEBA, Joe, & FRIIS-HANSEN, Dana. **The History of Japanese Photography**. New Haven: Yale University Press, 2003.
- UEDA, Shoji. 印籠カメラ写真帖 **Inro Photo Album**. Kyoto: Seigensha Art Publishing, Inc, 2014.

UEDA, Shoji. 植田正治作品集 Collection of Works by Shoji Ueda. Tokyo: 河出書房新社 Kawade Shobo Shinsha 2016.

Website:

WELTER, Julien. Photographie: le regard malicieux de Shoji Ueda. Arte, 2019. Disponível em: <<https://www.arte.tv/fr/videos/088747-000-A/photographie-le-regard-malicieux-de-shoji-ueda/>>. Acesso em 28 ago. 2020.

Recebido em 20 de novembro de 2020.

Aprovado em 03 de junho de 2021.

THE NEW LINGUISTIC ATLAS OF TOKYO AND SPOKEN JAPANESE LANGUAGE

「東京都・首都圏方言の実態」—移りゆく日本語の話しことば—

*Mariko Kuno*¹

Abstract: Population of Tokyo has been increasing as well as the transportation system, and residents are overflowing to the Grand Tokyo metropolitan area. Language is also changing from Tokyo dialect to the Grand Tokyo metropolitan dialect. The New Linguistic Atlas of Tokyo has been edited mainly by Mariko Kuno and her students, and, so far, Phonology edition, Accent edition, and Grammar edition are completed and published. The discussion will be main features of phonology, accent, and grammar of Tokyo dialect, comparing older generation and younger generation, based on these Atlases. The older generation maintain the traditional stratum but the younger generation lost large part of the old stratum. The old generation of Tokyo keeps some grammatical phenomenon unique to Kanto dialect and younger generation keeps a part of it.

Keyword: Tokyo dialect. Dialect of Greater Tokyo metropolitan area. The New Linguistic Atlas of Tokyo, Spoken Japanese.

要旨: 日本の標準的口語の基盤は東京方言の山の手のことばである。東京の人口は、交通システムの発達とともに増加し続けてきており、住民は東京から首都圏地域へとあふれ出ている。『新東京都言語地図』は久野マリ子を中心に編纂して、これまでに『音韻編』『アクセント編』『文法編』が完成し出版されている。これらの言語地図にもとづいて東京方言の音韻、アクセント、文法の特徴について老年層と青年層を比較しつつ議論する。その結果、結果、老年層は伝統的な層を保っているが若年層は古い層の大半の部分を失っていることが分かった。東京の老年層は関東方言だけにあるいくつかの文法現象を保っていて、若年層もその一部を保持している。

キーワード: 東京方言、首都圏方言、新東京都言語地図、日本語の話しことば

1 はじめに

ふるさとの訛り懐かし停車場（ていしゃば）の 人混みの中に そを聞きにゆく
『一握の砂』1910年（明治43年）。

1 國學院大學名誉教授、國學院大学大学院客員教授. kuno@kokugakuin.ac.jp ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-0563-8065>

これは、明治の詩人石川啄木の歌で、教科書にも採択された有名な歌である。ドナルドキーン氏をして、「現代人」と言わしめた啄木は、東京へ上京後、生活苦の中で現代人の琴線に触れる多くの歌を作り27歳の若さで没した。故郷の訛りが聞こえる上野駅に方言を聞きに行くという、この歌は東京に働きにきた多くの地方出身者から大きな共感を持って迎えられた。

地方出身の話者にとって自分の方言には二つの側面がある。かけがえのない故郷への愛着と方言コンプレックスとである。「お国訛りは国の手形」といわれるように、方言研究は、近代では地域の文化・特色を継承する「国の手形」として研究された。現代では日本語諸方言の地域差を追求する地域方言研究と、社会方言学が盛んである。

方言体系の記述と言語生活の解明が目的で、現代日本語研究の基礎研究あるといっても良い。この成果を用いて、体系の比較による方言の歴史の解明ができる。方言研究の研究対象は幅広く、本国際学会のテーマの一つである対照研究もその視野に入っている。音韻・文法・語彙という伝統的な言語研究の他、類型論なども含まれる。各地方言には言語生活に密着した豊かな表現がある。秋田方言で「ジュップガシル」という動詞は、郷里の祖父母が夏休みに都会から遊びにきた孫が帰ったあとの「ホッとする気持ち」を表す動詞である。多彩なオノマトペや、話題の展開や表現方法や発想法に至るまで地域差があり、談話分析や言語行動分析はこれから期待される分野となる。

現代日本語の話しことばは、共通語（標準語）である。共通語の基盤となったのは東京の山の手の教養ある層の東京方言を基盤とし、日本全体に通じることばである。

「話しことば」と「書きことば」という枠組みからみれば、共通語は話しことばの中では最も書きことばに近く文字で書き表せる。一方、方言は文字で書ききれない幅広い事象を含む。東京方言の話し手である国語学者亀井孝一橋名誉教授（1912年－1995年）から伺った話であるが、東京で大根おろしを「大根おろし」と書く。「デーコンオロシ」までは書けるが、「デーコロシ」とは実際に発音していても書くことはないという。東京方言は書きことばに近い話しことばから文字では書ききれない話しことばまでを含む。つまり、大根おろしは、共通語では「大根おろし」、東京方言ではダイコンオロシ、デーコンオロシ、デーコロシである。

共通語に対する東京方言の役割は、東京が地域を拡大し人口を増加し続けているため、圧倒的多数の移住者のことばである首都圏方言にかわりつつある。

2 共通語、東京方言、首都圏方言の違い

かつて日系1世の方々がブラジルに移住された頃の日本では方言差がもっと明確であった。この方言差をこえて理解し合えるための手段が共通語であった。以前サンパウロ大学日本文化研究所客員研究員としてお世話になったとき、多くの1世の方々にインタビューを試みた。そのときの話者の方々の日本語が教科書通りの折り目正しい日本語であったのが強く印象に残っている。80代の鳥取県出身の男性が、一人称に「僕」を用い、国語の教科書にあるような端正な「です、ます」体で答えてくださっ

た。アクセントや音韻は出身地方言の特徴が残っていたが、文字で表記すると共通語そのものであった。

沖縄離島調査でも、話者は調査者には共通語（ウチナーヤマトグチ）で答え、その場にいる島の人同士はシマコトバで話すという使い分けの場面に遭遇した。伝統方言と共通語の関係は、公の場では共通語、それ以外の場面で伝統方言という使い分けの基本が観察される。

たまたま東京方言は公の場の話し方が共通語と近いので、場面差と文体差の使い分けの境界が曖昧である。東京方言の後を継いだ首都圏方言でも公の場では共通語、それ以外の場面や文体では首都圏方言の使い分けがみられる。

共通語、東京方言、首都圏方言について、①それが用いられる場所、②話し手、③使う場面、④使用例、⑤その他の特徴に分けて検討する。

2.1.1 共通語

①日本全国／②日本語の話者／③公の場。ごく私的な場の会話や罵詈雑言などは使いにくい／④NHKのニュースのことば、国語教科書の会話、全国から人が集まる場所や職場（大学や病院）。演説。訓示。学会の口頭発表。⑤学校で学習する。学習しなければ、日記や手紙、公の場での正式な話し方は使いこなせない。言語的特徴としては、規則的で例外を排除する。複数の形態素を組み合わせで表現する、例えば、「来れる」は東京方言、共通語は「来る・ことが・できる」。

2.1.2 東京方言

①東京／②35区時代の東京で言語形成期を終えた人。／③公の場では共通語。それ以外では東京方言。／④日常の言語生活全般。どのような場面、思想・感情でも表現できる「生活語」／⑤規範外の表現や、複雑な内容を短い形式で表す語句がある。例えば、カタス（かたづける）、オッコッチャッタ（落としてしまった）、ナンツツタッテ（何と言ったとしても）」は東京方言。五段活用の「行く」の可能動詞は「行ける」が共通語。「行カレル」は東京方言。

2.1.3 首都圏方言

①首都圏（東京都、千葉県、埼玉県、神奈川県やその他の通勤・通学範囲）／②首都圏に住む人。言語形成期による制約は緩やか／③公の場では共通語。それ以外では首都圏方言／④東京方言と同じく「生活語」。／⑤新しい言い方に寛容。規範外の表現を許容する。若者ことばや新方言も含まれる。例えば、「コクル（相手に好きだと伝える）、～ジャン（ではないか）、ウザイ（うっとうしい、面倒だ）は首都圏方言。「タッテモラッテ イーデスカ」は首都圏方言。「立って頂けますか、立って下さい」は共通語。

2.3 首都圏方言の問題点

東京方言は圧倒的に多数の移住者のことばの首都圏方言にかわり、首都圏方言は、生活語としての側面を備えた共通語の生活語の位置を占めることが予測される。首都圏方言に注目すべき点は、SNS、漫画、インターネットなどの新しい伝達手段の発達にともなって首都圏方言が全国に広まっていることである。共通語は生活語として不十分なので、首都圏方言は生活語としての共通語と意識されるようになってきている。例えば、共通語では、現在でも表現にばらつきがある。自分の妻や夫を人前で何というかが曖昧で、「あなたの夫、あるいは妻」「わたしの夫。あるいは妻」は、共通語のツマ、オットより、首都圏方言のヨメ、ダンナがよく使われる。

2.3.1 漫画『海街diary』にみる首都圏方言と共通語

首都圏方言の実際の会話使用例として漫画を例に首都圏方言と共通語の使い分けを示す。『海街diary』は成人男女性向けの漫画。第11回文化庁メディア芸術祭マンガ部門優秀賞、マンガ大賞2013受賞。この他、2015年に実写映画が公開され、2017年に舞台化され話題になった。この漫画を選定した理由は、舞台は現代の鎌倉。東京ではないが首都圏。様々な職種、幅広い年代の人物が登場する。作者は東京の成育の人で、首都圏方言の話し手。この漫画の中で、登場人物が場面や立場によって共通語と首都圏方言を使い分ける例が見られる。

① 社会人女性3人の会話の例『海街diary 4』吉田秋生著 小学館 2011年8月

登場人物は3人の若い女性。

十和子(とわこ):35歳くらい。幸と佳乃の離婚した父親の再婚相手の妹。最近知り合った。職業は雑誌の編集者。この場面では共通語。金沢出身。

幸(さち):32歳くらい。佳乃の姉で4人姉妹の長女。看護師長。職業柄共通語。内言で相手の言動に感想を表明するときは首都圏方言。両親の離婚後親代わりで妹の面倒を見るという役割設定で家庭内でも若者ことばは使わない。鎌倉出身。

佳乃(よしの):25歳くらい。幸の妹で次女。地元の信用金庫で働く。言いたいことを遠慮なく言うという設定。営業では共通語。家や職場での内言で相手の言動に感想を表明するときは首都圏方言の若者ことば。鎌倉出身。

初対面の3人の会話は「です、ます体」共通語。

例1 ーどういいうお仕事なんですか (幸から 十和子へ)

この発言に対して幸と佳乃の内言に首都圏方言が現れる。どちらも同じ意味であるが、相手进行评估する内言では二人の終助詞が異なる。

例2 佳乃の内言 ーまさか 金がらみじゃないよね
そんな そそっかしくちゃ つとまんないよ

例3 幸の内言 ーまさか ナースじゃないわよね
そんな そそっかしくちゃ つとまんないし

② 中学生男子と社会人で知人男性との会話 『海街diary 6』吉田秋生著 小学館 2014年7月

登場人物は、中学1年生の男子と彼と親しい社会人。

風太（ふうた）：中学1年。地元少年サッカークラブのキャプテン。鎌倉出身。

スポーツ店の店長：35歳くらい。風太の所属するサッカークラブのスポンサーで親しい。出身は鎌倉ではない。

風太が店長相手に話す時、初めは丁寧な文体「～です、ます」の共通語。

例4 風太 一軽はずみなことなんかしないって信じてます（風太から店長へ）

しかし、自分の気持ちを説明的に述べる場面は首都圏方言の若者ことば。中学生男子らしい話し方である。終助詞がない、ラ行が撥音化、促音化する、。連母音アイの融合がある、俗語も使用するという特徴がある。

例5 風太 ーただ どうしても じっと してらんなくて

例6 風太 ーおせっかい すんなって いわれっかも しんないし

例7 風太 ー自己満足じゃねえかって 思ったりも すっけど

例8 風太 ーでも やっぱ

別れ際の挨拶は、丁寧な文体の共通語の変わる。

例9 風太 ーもう少し さがしてみます

例10 風太 ーおじゃましました

方言には、年代差、個人差、使用場面差、文体差、場面による使い分けがある。日本語話者の読者にとっては自然な使い分けだが、この例でも様々な文体を使い分けていることがわかる。

3 『新東京都言語地図』から見た東京のことば

前述通り、現代日本語の口語は、書きことばに近い共通語が基礎である。共通語の基盤で、首都圏方言のもととなった東京方言の実態はどうなっているだろうか。『新東京都言語地図』は、東京都に特化した実態調査研究である。これまで東京都全域の実態調査は研究成果が少なく、実態と年代差を明らかにできる研究である。

『新東京都言語地図ー平成初期の東京のことばー』（2018, 2019）は、都市化による言語変容の解明に貢献できる。都市化した方言は急激な人口増加と地域の拡大によって、伝統方言の東京方言は生え抜きの話者の比率が少なくなり、東京の中心的な言語になれない。東京都の住民の多くは地方出身者で、住民が江戸語を継承した伝統的東京方言が話せない。東京への移住者である地方出身者の2世、3世は1世が話した地方方言を継承せず、1世が話す共通語を基盤とした生活語を話す。そのことばは共通語でも東京方言でもない。この状態は日系2世、3世の日本語と似た状況である。

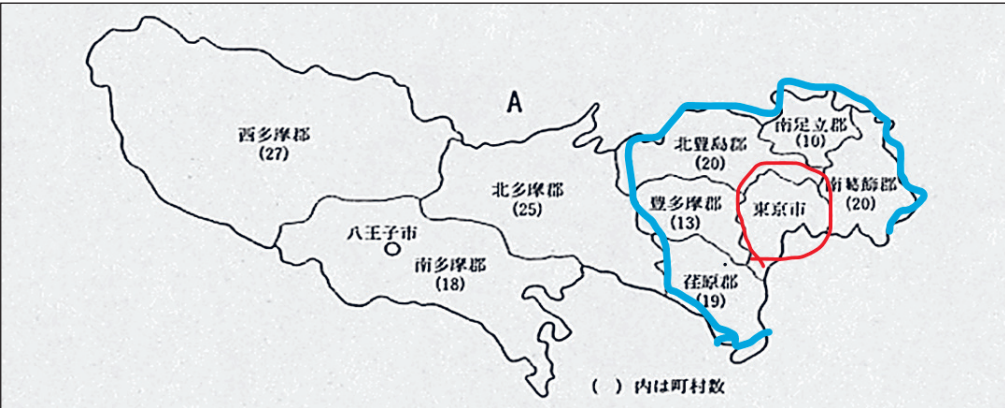
3.1.1 『新東京都言語地図』成立の経緯

『新東京都言語地図』は大島一郎東京都立大学名誉教授の研究から始まる。大島一郎先生による『東京都言語地図』（1986年＜昭和61年＞東京都教育委員会）が刊行され、その補完を目的として項目と地点数を補って1989年に出発した。東京都立大学大学院、東京都立大学退官後、神田外語大大学院、その後東京言語調査研究

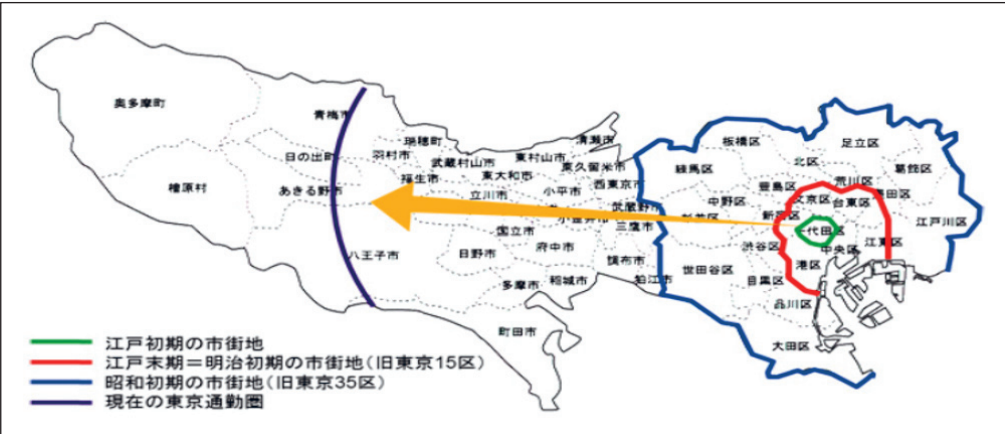
会で研究を継続したが完成にいたらず、久野マリ子が研究会を引き継ぎ、國學院大學大学院久野研究室の院生諸君らと言語地図作成を続け、音韻・アクセントの地図集を刊行した。文法、語彙編の地図を準備している。

3.1.2 東京の地域と人口の変化

東京のことばを理解するために東京の地理と人口の変化の理解が必要である。
江戸時代から、江戸は歴史の中心として発達して、東京になってからは日本の首都として地域が拡大し、人口が増えた。戦後は地域も広がり人口が増え、交通手段の発達によって近郊近在からの移動が盛んになった。



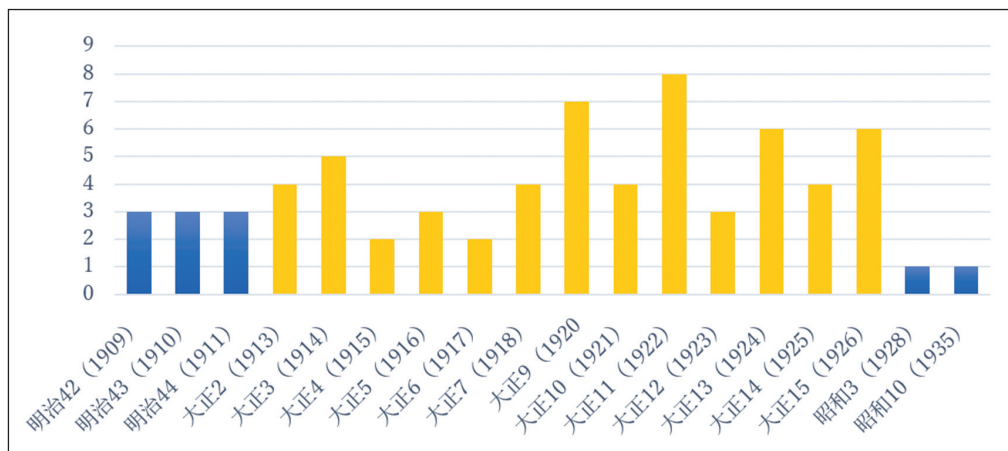
地図1 昭和7年（1932）東京市域拡張直前の東京府、新東京都言語地図の高年層の言語形成期頃の東京の地図



地図2 江戸→東京市→15区→35区→東京の範囲と通勤圏

地図1によれば、江戸、旧東京15区から知られるように、江戸の範囲はごく狭かった。1932年（昭和7年）に35区時代の東京府の地図を見ると、東京市は旧35区より狭く、35区は現在の23区よりも狭い。地図2で、その後、鉄道網が整備され、通勤・通学圏は急速に拡大することを示した。

グラフ1で話者の生まれた年を示した。『新東京都言語地図』の高年層話者は1912年～1926年の大正生まれが中心で、東京が35区時代の東京が言語形成期である。この世代の話者は、第二次世界大戦前に言語形成期を終えているので学童疎開による共通語化は経験していない。オレンジ色が大正生まれの話者。



グラフ1 新東京都言語地図話者老年層 生年一覧

青年層は1973年（昭和48年）前後の生まれで高度経済成長期の頃である。現在の東京都になった時期に言語形成期を過ごしている（グラフ省く）。

ここで注意すべきは、高年層・青年層ともに調査時の設定である。現在では高年層の話者は90歳以上で亡くなった方も多し。青年層の話者はほとんど50歳前後になっている。ことば通りの意味での青年層ではない。『新東京都言語地図』の高年層は、現在の高年層より一世代前の東京の相を反映している。

『新東京都言語地図』の資料は、話者選定の条件が厳密なことに特徴がある。選定条件は、言語形成期がその調査地点であること。外住歴が少ないこと。両親またはそのどちらか一方の成育者がその地点の出身者であること、調査時年齢は、高年齢層は60歳～65歳の男性。青年層は、調査時年齢が18歳～23歳の男性である。話者が男性であるのは、『日本言語地図』（LAJ）の話者条件に合わせている。当時は男性の方がその土地を移動しないことが多かったからである。調査は一对一の面接調査で調査場面は録音をとっている。

本資料が、いつ、どこで、誰を、誰がどんな調査をしたかが明確は資料であることは特筆できる。音声言語である方言は、ひとたび話し手が失われるとその復元はほぼ不可能であり、その点でも貴重な記録である。

調査のねらいは、東京都下の方言実態を明らかにし、江戸語・東京語がどの程度残っているかを明らかにする。また、東京都のことばの特徴、年代差、地域差、新しい変化（首都圏方言化）を探ることを目的にしている。

3.2 音声変化をさぐる調査

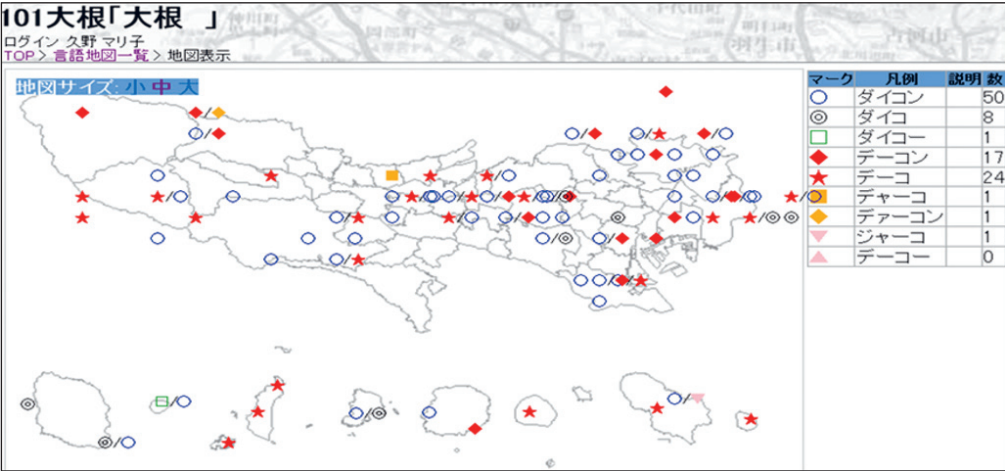
① 江戸語の名残、東京方言の特徴を調査する。1)連母音の融合、ai、ae、ie、ui、oi、oe。2) 直音化 。② 外来語音の移入「ティ、ディ、ファ、フィ、フェ、フォ」③ ラ行の撥音化や促音化。『海街diary』にあるように青年層で増えている。ヒとシの混同、ガ行鼻濁音、母音の無声化、助詞の融合。

3.2.1 音韻の分布まとめ

高年層で伝統的な音声特徴が残っているが、青年層では減少している。全般的に青年層では共通語化が進んでいるが、条件によっては伝統的方言形式の残存や増加が見られる。次に地図の説明をする。

(1)連母音アイの融合

凡例の右枠にある数字は回答を得た地点総数。アクセント分布図にある「無」は、無アクセントを表す。

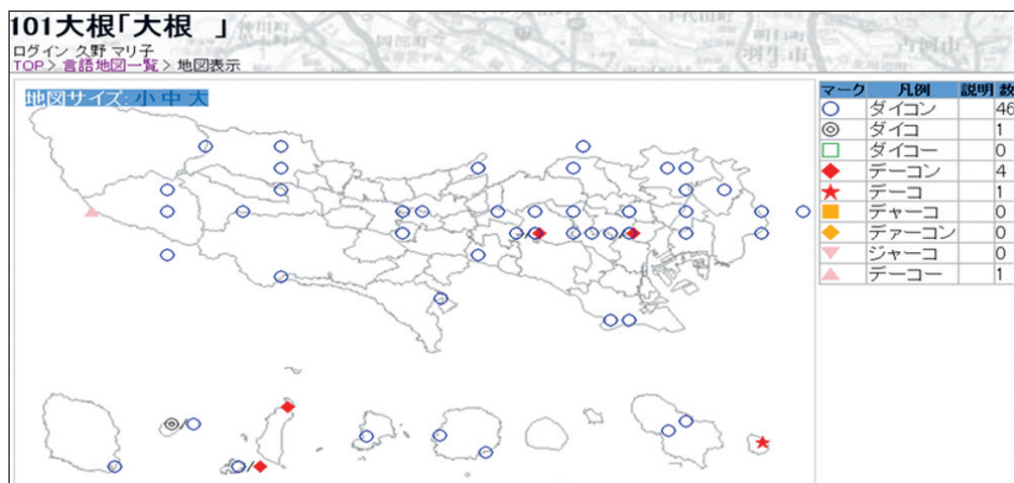


言語地図1「大根」 高年層

大根（だいこん）は連母音アイの融合の実態を探る地図である。連母音アイの融合は、江戸語、東京方言の下町言葉として有名で、アイが融合した形式でがダイコンがデーコンになる。高年層では全域にわたって融合形が分布する。

青年層では、共通語のダイコンが優勢で、デーコンは激減する。

この地図では、連母音アイの融合は青年層で共通語化して失われたように見える。しかし現実の言語運用場面では『海街diary』の中学生の少年の発言にあるように、首都圏方言の若者ことばでは「知ンネー（知らない）」、「イテー（痛い）」のようにアイが融合した形式が多く現れる。



言語地図2「大根」青年層

3.2.2 講演では説明を省略した地図

(3) 直音化現象は東京方言で勢力のあった現象である。直音化とは口蓋化した音が口蓋化を失う現象である。ポルトガル語で、リオデジャネイロで「ボア ノイテ」がサンパウロで「ボア ノイチ」になるのは口蓋化の現象である。

「新宿」を高年層では直音化したシンジクが東京都下全域に優勢で広く分布する。「青年層」ではシンジクが劣勢であるが東京の中心部にも確認できる。東京方言の特徴を受け継ぐ現象でまだ勢力を保っている。

(3) 時間の「10分」は、高年層は東京都全域でジップンが優勢である。歴史仮名遣いに合った正しい発音である。青年層ではジュップンが優勢になる。過剰矯正 (Hypercorrection) の例。NHKのアクセント辞典でもジュップン・ジップンが認められている。伝統の漢字音の読みが失われている。

3.3 アクセント変化をさぐる調査

年代差、地域差、新しい型の出現と消えた型の確認がねらいである。さらに従来の研究成果と東京方言の比較研究が行える。

3.3.1 アクセント分布のまとめ

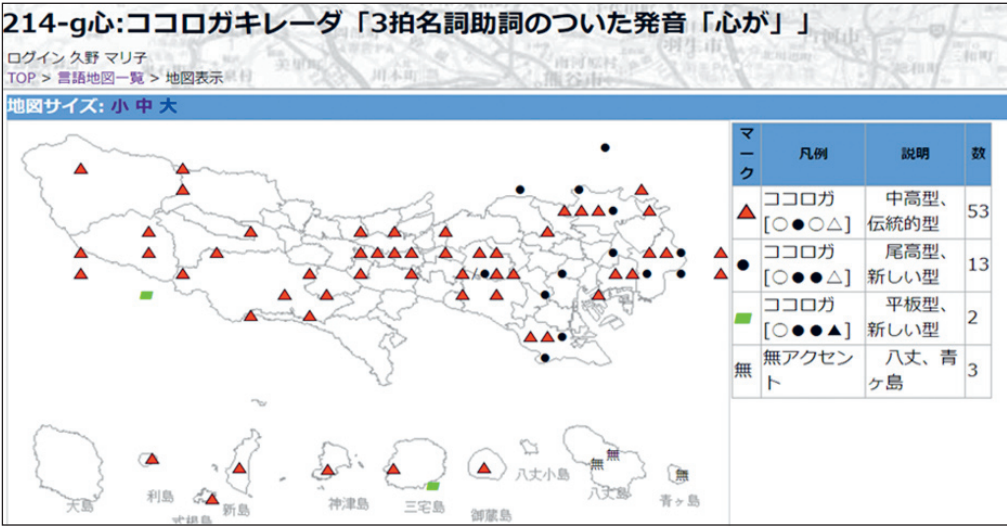
アクセント体系は安定してn+1の型の対立がある。東京アクセントには安定した部分と、ゆれが多い部分とがある。地図は省略したが、絵が上手だの「絵が」、箸がないの「箸が」は高年層、青年層ともに例外はほとんどない。3拍語以上に拍数が増えると年代差、地域差がみえる。今回の調査で、アクセント辞典に掲載されていない型が東京都全域で優勢な語もあった。また、高年層で伝統アクセントの型が優勢でも青年層では共通語化アクセントが広がることが確認できた。

アクセント辞典との表記のゆれの原因の一つに、アクセント辞典に採録された型は東京市旧15区の限られた話者に限定されていたことがあげられる。『新東京都言語地図』では、東京都全域で調査しているから、東京都内での地域差や語毎の差が目立つ。

日本語学習者にとってアクセントの型の揺れは不安であるが、学習するのは共通語であるから、学習の際にはアクセント辞典の型がふさわしい。

3.3.2

(1) 「心がきれいだ」の「心」のアクセント



言語地図3 心がきれいだの「心」のアクセント 高年層



言語地図4 心がきれいだの「心が」のアクセント 青年層

高年層では中高型ココ]ログ が優勢で全域に広がる。東京都内と隣接する埼玉県にも中高型ココ]ログが確認される。青年層では、高年層で都内東南部

していた、尾高型のココ]ログ が優勢になる。東部の一部にあったアクセントの型が東京全域に広がっている。

3.3.3 講演では省いた地図について

(2) 椿が咲いたの「椿が」のアクセント。高年層では、頭高型ツ]バキガ が優勢。周辺部に尾高型ツバキ]ガ、平板型ツバキガ、中高型ツバ]キガの変種が分布する。青年層では全域に頭高型ツ]バキガが広がり優勢である。東京都周辺地区や文献では中高型が古い型で、共通語アクセントが全域に広がっている。

(3) 4拍以上の語では多くの型の変種が現れて個人差が大きくなる。「止まり木がある」の「止まり木が」は、高年層は平板型トマリギガ が優勢である。『新明解アクセント辞典』では中高型トマリ]ギガか、尾高型トマリギ]ガが採録され、平板型はない。青年層でも全域で平板型が優勢である。アクセント辞典にない型が優勢である例である。4拍以上の多拍語になると複合語のアクセント規則が適用され、各地でアクセント辞典と同じ型が現れないと解釈される。

3.3.4 先行研究のアクセントとの比較検討

(4) 「頭」のアクセント

212-g頭:アタマガイタイ「頭が」助詞の付いたアクセント

ログイン 久野 マリ子
TOP > 言語地図一覧 > 地図表示



言語地図5「頭が」のアクセント 高年層 尾高型が優勢

「頭」のアクセントは伝統方言や先行研究で優勢な型が、青年層では新しい型似変化しつつある例である。

『新東京都言語地図』では高年層では尾高型が優勢。都内に2地点中高型が確認されるが少数である。すでに『明解アクセント辞典』(1958)に注記がある。

青年層では中心部だけでなく、23区、多摩地区の都内各地に中高型が広がる。現在では、首都圏方言として「頭」の中高型のアクセントが優勢となっている。

212-g頭:アタマガイタイ「頭が」助詞の付いたアクセント

ログイン 久野 マリ子
TOP > 言語地図一覧 > 地図表示



言語地図6「頭が」のアクセント 青年層 都内の中高型が広まる

先行文献のでは尾高型アタマ]ガ が優勢である。全国のアクセントを記録した『現代日本語方言大辞典』でも関東地方全域で尾高型が優勢である。

他の「アクセント辞典を」を見ると、山田美妙(1892)『日本大辞書』第三上(尾高型)。日本放送協会編(1951)『日本語アクセント辞典』アタマ 尾高型。金田一春彦監修(1958)『明解日本語アクセント辞典』初版ア[タマ]尾高型,《地域的にア[タ]マ中高型》。平山輝男編(1960)『全国アクセント辞典』ア[タマ]ガ尾高型。秋永一枝編(1981)『明解日本語アクセント辞典』第二版ア[タマ]尾高型,《地域的にア[タ]マ中高型》。東京都教育委員会(1986)『東京都言語地図』老年層:アタマ]ガ尾高型、青年層:ア[タマ]ガ尾高型・ア[タ]マガ中高型。平山輝男ほか編(1992-1994)『現代日本語方言大辞典』東京・奥多摩 アタマ]尾高型。NHK放送文化研究所編(1998)『NHK日本語発音アクセント辞典』ア[タマ]尾高型、(ア[タ]マ中高型)。秋永一枝(2014)『新明解日本語アクセント辞典』ア[タマ]尾高型,《地域的にア[タ]マ中高型》となっている。

『明解日本語アクセント辞典』に早くから中高型アタ]マの注記があることから、東京中心部で中高型が劣勢ながらあったことが分かる。東京中心部以外の地域では尾高型が優勢であるが、東京都内では中高型が急速に広がっている。

3.4 文法変化をさぐる調査

文法は、伝統的な東京方言の文法事象がどの程度残っているかを探る。高年層で伝統的形式が残り青年層で共通語化形式が広がっている。

音韻・アクセントでは地理的分布が確認できなかったが、文法形式には、旧東京15区・東京市35区と、それ以外の東京都という分布が見えるのが特徴である。

3.4.1 カ行変格各活用的一段活用化

(1)「来る」は「する」と並んで日本語では数少ない不規則変化をする動詞である。カ行変格活用の活用に一段活用の形式が現れる。これを一段化と言う。

『方言文法全国地図』略称GAJ (1989-2006)によれば、一段活用の動詞と同じような活用形が現れるこの現象は、日本では関東方言だけに確認される。

『新東京都言語地図』に現れた一段化の例は、共通語では「こない、きやしない、くれば、くることができる」が『新東京都言語地図』では、「キナイ、コヤシナイ、キレバ、コレル・キレル」である。

地図は省略する。「来ない」の分布図では、高年層に一段活用したキナイが東京都全域に広がるが、15区の東京中心部には少ない。青年層ではキナイは2地点だけで共通語化している。「来れば」では高年層でもキレバは少ない。「くることができる」は高年層にキレルが点在するが、青年層ではキレルは確認されない。

「来やしない」は高年層にキヤシナイが優勢で、次にコヤシナイも優勢。ともに東京都全域に広がる。東京15区ではコヤシナイが単独で現れる地点があり「キヤシナイ」はない。コヤシナイはGAJでは東京では確認されない。青年層ではキヤシナイが優勢だが、周辺には劣勢ながら分布する。

「来られたでは、」高年層にキラレルが全域に広がる。「来られる」と「着られる」と同じ形式になる。青年層では確認されず共通語化が進んでいる。

3.4.2 (2)「蹴る」の命令形

一段活用動詞命令形の語尾はーレで、例えば「受けろ」のようである。しかし「蹴る」ではーロ（ケロ）が現れる。国語辞書によると「下一段活用動詞の「蹴る」は、江戸時代後半から四段活用に活用するようになる。現代でも「け散らす」「け飛ばす」などの複合語に下一段活用の名残がある…」とある。

共通語では「蹴る」は五段活用であるから、共通語ではケレである。
ところが、高年層に「ケロ」がかなりの勢力で分布する。分布域が旧35区だ



言語地図7「蹴る」の命令形 高年層

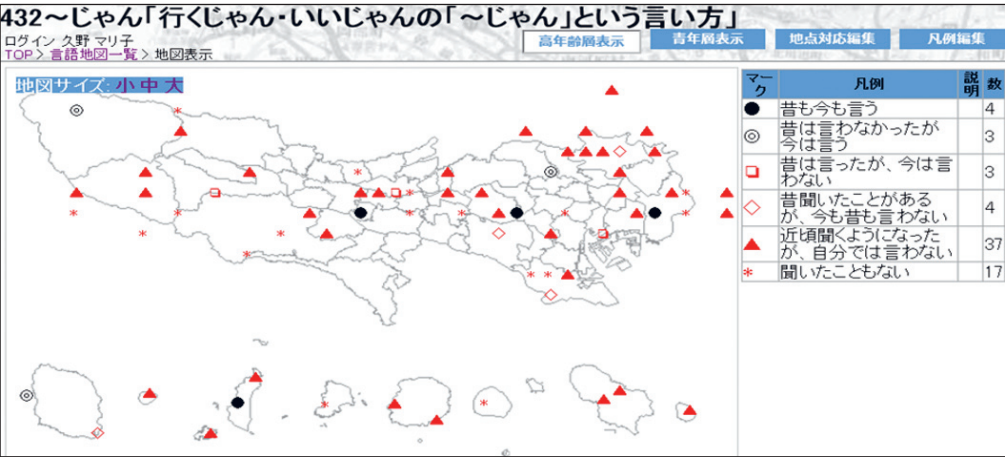


言語地図8 「蹴る」の命令形 青年層

けではなく15区の地点でもケロが分布している。東京都内では青年層でも「ケロ」が勢力がある。東京都では命令形に下一段活用の形式「ケロ」が残っている。江戸語

を継承する東京方言から引き継いだ首都圏方言の例である。東京出身の國學院大學大学院生修士1年の学大学院生は、今でもケレかケロか迷うと証言しており、現在もケロの勢力は根強いと思われる(2021年確認)。

3.5 新しい形式の首都圏方言の例



言語地図9 ～ジャン使用意識 高年層

「～ジャン」の言語意識を聞いた項目である。「行くじゃん、いいじゃん」と言いますかという質問に、高年層では「近頃聞くようになったが自分では言わない」が一番多く、次に「聞いたこともない」という答えが続く。

高年層では「言わない・使わない」という答えが圧倒的に優勢である。



言語地図10 ～ジャン使用意識 青年層

青年層では、「今も昔も言う」が最も多く、次に「昔は言わなかったが今は言う」が多い。「昔は言ったが今は言わない」「近頃聞くようになったが自分では言わない」という回答は、まだ「ジャン」に俗語意識があり、子供なら言うが大学生では言わないという規範意識が働いたと解釈できる。ジャンは首都圏方言だけではなく、全国に広がりとしていいる。伝統方言として～ジャンのある神奈川方言では、ジャンの用法には、①「～でしょう」と、②「～ではないか」ある。東京の用法は限定的で「～ではないか」のジャンが用いられる。

4 まとめと今後の展望

『新東京都言語地図』によって、東京都下の方言実態が確認された。首都圏方言には、高年層では東京方言・関東方言の古相が確認され豊かな変種が確認される。青年層でも共通語化は進むが、関東方言の古層が現れることがわかった。首都圏方言への移行が窺える現象がうまれている。

東京都のような大都市方言地域では、一人または少数の話者がその言語集団全体を代表するのは困難であり、従来の調査方法とは異なる手法が必要である。また、方言には男女差、年代差、個人差、使用場面差、多彩な文体差の使い分けがある。東京方言・首都圏方言では、それを巧みに使い分けられているが、言語運用に注目した調査研究が必要である。

参考文献

- 秋永一枝 (1999) 『東京弁アクセントの変容』 笠間書院
- 平山輝男編集代表・秋永一枝編 (2007) 『東京都のことば』 明治書院
- 稲垣滋子 (1992) 「東京方言」 『現代日本語方言大辞典』 1巻 明治書院
- E. コセリウ著・田中克彦訳 (2014) 『言語変化という問題—共時態・通時態・歴史』 岩波文庫
- 大島一郎 (1996) 「東京都の言語実態」 『日本語研究諸領域の視点』 下巻 平山輝男博士米寿記念会編 明治書院
- 加藤正信 (1983) 「東京における年齢別音声調査」 井上史雄編 「＜新方言＞と＜言葉の乱れ＞に関する社会言語学的研究」 昭和56・57年度文部科学省科研費総合研究A成果報告書
- 久野マリ子 (2016) 「首都圏方言について考える」、国語研究 (國學院大学国語研究会), 79 pp 1-18.
- 久野マリ子編著 (2018) 『新東京都言語地図 音韻編』 國學院大学大学院久野マリ子研究室
- 久野マリ子 (2018) 「高校生の「全員」「原因」「店員と定員」の発音と意識」 國學院雑誌 119-11 pp 149-166
- 久野マリ子編著 (2019) 『新東京都言語地図 アクセント編』 國學院大学大学院久野マリ子研究室

- 國學院大學日本文化研究所編 (1996)『東京語のゆくえ』東京堂
- 国立国語研究所 (1989—2006)『全国文法方言地図』財務省印刷局
- 小林隆・澤村美幸 (2014)『ものの言い方西東』岩波新書
- 坂本薫 (2020)『神奈川県の方言アクセント』春風社
- 柴田武監修 馬瀬良雄・佐藤亮一編 (1985)『東京語アクセント資料』絢文社
- 竹内はるか (2019)『東西アクセント境界地帯方言の変化』おうふう
- 竹内はるか (2019)「『新東京都言語地図』における4拍名詞のアクセント」『首都圏方言の研究 10号』pp3—12
- 田中ゆかり (2010)『首都圏における言語動態の研究』笠間書院
- 東京都教育委員会 (1986)『東京都言語地図』東京都教育委員会
- 平山輝男 (1968)『国語の音声』岩崎書店
- 平山輝男他編『現代日本語方言大辞典』全9巻 (1992—1994) 明治書院
- 松村明 (1998)『増補江戸語東京語の研究』東京堂
- 三樹陽介 (2014)『首都圏方言アクセントの基礎的研究』おうふう

Recebido em 10 de junho de 2021.

Aprovado em 8 de setembro de 2021.

ENHANCING JOB AWARENESS THROUGH CAREER EXPLORATION COURSE – A REPORT

就職活動に対する意識向上のための授業実践報告

*Wong Ngan Ling¹
Emily Lau Kui-Ling²*

Abstract: In recent years, in developed countries such as the USA, Europe and Japan, ‘career search behaviour’ awareness and practice via university courses have been a keen focus. However, this is not the case in Malaysia, even worse is, university students do not think about it at all. This career exploration course was introduced with the aim to raise undergraduate students’ awareness toward job searching before graduation. This was a 14-week career exploration introductory course with four main interventions; 1) to set your future career goal, conduct an interview with a graduated senior from the same faculty, who work in the industry you are interested in and then share with your course mate the interview results and what you have learned from the interview via oral presentation, 2) once the career goal is set, learn the techniques of making career-related documents(e.g., resume writing), 3)do a self-examination on the knowledge and skills required in the job market and make a career searching action plan, 4) share and discuss your actual job search action plan via second oral presentation. Learning achievement is measured via continuous assessments and final written examination. Excerpts from the written examination revealed that students were more aware of the importance of conducting job searching activities before graduation and skills learned on career-related documents and writing the job search action plan have been useful to them.

Keywords: Career exploration awareness. Class practice. Job search action plan and behaviour.

要旨: 近年、欧米、日本を中心に大学生の「キャリア探索行動」のような意識と実践に着目してきた一方、マレーシアでは大学生が職業の前に職業探索を行うところか、それを考えることさえ意識していない。そこで就職活動に対する意識向上させる授業実践を行った。本実践では一学期、すなわち14週間にわたり、次の4つを学生にさせた。1) 職業についての希望や目標を明確にしていくため、自分が興味のある業界で働いている学部先輩を訪ね、実際の仕事と内容などをインタビューする。そのインタビューの結果をクラス内発表し、発

1 Senior Lecturer of University of Malaya, Department of Asian and European Language, Faculty of Languages and Linguistics, Malaysia. マラヤ大学言語学部. nlwong@um.edu.my ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3996-6027>

2 Senior Lecturer of University of Malaya, Department of English, Faculty of Languages and Linguistics, Malaysia. マラヤ大学言語学部. elkl@um.edu.my ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9173-6595>

表を通じて、教室でクラスメートとOBOG訪問する際に必要であったマナーなどの情報を共有する。2) 明確になった自己の職業に対する目標を設定し、企業への履歴書など書類作成する。3) 職場における必要な知識、スキルなど自己検討し、今後のキャリア計画を考え作成する。4) 再びクラス内で、キャリア計画を発表し、クラスメート間でコメントし合う。本授業の学習達成度は、教師の継続評価と期末試験で測る。期末試験で本授業に対する内省文を書かせたところ、多くの学習者が自己理解、就職活動の準備を卒業する前に行う、キャリア計画の重要性が有意義であったと回答した。また、本授業の学習者同士のコメントの話し合いを通じて、OBOGに対するマナーや言葉遣いなどが重要であることを学ばせることができた。

キーワード: 就職活動意識、授業実践、キャリア計画、職務探索行動

1. INTRODUCTION

Higher education plays an essential role in the process of national development and nation building (Kee et al., 2012). Being able to produce graduates with competence increases the marketability and manpower values in the employability market is one of the important roles play by universities. Graduates must be well-equipped with knowledge and skills in order to excel/survive in the competitive working world. In general, marketability means the ability of an individual to get employed using a set of skills he/she possesses. In other words, it means the quality of being attractive to employers (Oxford Learner's Dictionaries) to secure a job as soon as they graduate. In the past decade, the marketability of university graduates has become one of the local universities' issues in many developing countries including Malaysia. University graduates are unable to meet the demands of job market.

Holding a bachelor degree of a study program (knowledge/hard skills) does not guarantee a job if university graduates do not possess soft skills such as good personal management behaviour, desire to learn new skills, ability to adapt to company culture which are required by many employers (Cai, 2012). A survey done by Ahmad & Noor Akmal (2014) related to the quality of graduates in one of the local universities in Malaysia, reported that many of them failed to get employed due to the poor command of English language proficiency during job interview, as communication skills is one of the determinants of the marketability of graduate students. Being unable to speak fluently in English creates a sense of inferiority and reduces one's confidence level as well. As a remedy, the concerned university introduced soft skills curriculum (e.g., social skills and sense of responsibility, communication and problem-solving skills, leadership and teamwork, entrepreneurship) to address this issue by familiarizing students with real world challenges and essence of marketability before graduation (Ahmad & Noor Akmal, 2014).

In the study of Gurvinder, K & Sharan, K. (2008) related to Malaysian graduates' employability skills, revealed that many employers urge universities to put extra effort in developing university students' 'transferable' 'soft' 'employable and or generic

skills' which were needed in the job market (p.16). Curriculum in nurturing marketable university students with higher awareness of job market demand should be developed. In response to the employers' call, this study aims to add relevancy to students' learning experience by offering a career exploration course to expose them to real-world career options; at the same time raise their awareness to the job market's demand and the nature of job, so that they are more prepared before entering the competitive working world.

Many universities offer career exploration with the aim to help students in making effective career selection (Logue, 2019). These career exploration courses benefited students in variety of areas including self-efficacy (Bollman, 2009; Hansen & Pederson, 2012), career maturity and decidedness (Hardesty, 1991). Self-efficacy, to Logue (2019), is a kind of belief in one's ability to accomplish a certain task or play a significant role that leads to success. However, little is known about this career exploration courses, especially within Malaysia universities contexts. With this premise, this course is introduced with the following objectives:

- 1) to raise students' awareness of future career choices
- 2) to determine if course interventions are significant to enhance students' career related planning and decision making.

2. METHOD

This paper used Super's theory which postulates, 'career development is a stage-by-stage implementation of self-concept in the world of work' (cited in Godbey and Gordon 2019, p.3). The five stages of career development are: growth, exploration, establishment, maintenance, and decline (Super, 1990). As this study was introduced for the first time as an exploratory course, focuses are on the first, growth stage and second, exploration stage. In the growth stage, students experience their initial stage of self-understanding and the world of work followed by the exploration stage; by exploring their work interest in various areas by interviewing their graduated seniors telling their experiences in the real working world. This will help students to narrow down their career choices, scheduling a job search plan at the end of the course and eventually deciding on the right career path.

Participants

13 third-year Japanese language major students (one student withdrawn after semester break due to health issue- made the total of student as 12) were enrolled in this 14-week Career Exploration Course, for session 2019/2020, 2nd semester that covered topics; self-discovery, understand the world of work, interview working seniors, job search preparation and planning. They were 41.7% of male and 58.3% of female between the ages of 20-23.

Self-discovery stage assignments and handouts

ASGM1a: Job Interest Short survey

ASGM1b: Egogram Test & result acceptance or otherwise

ASGM1c: Is Japanese company my career choice?

ASGM3b-self promotion

Handout 3: My strength & weakness (長所と短所)

*Note: ASGM=Assignment

Career exploration stage assignments, handouts and activity sheets

Handout1: Foreign students' dairy

Handout2: List of industry (業種)

AS1: Career exploration quiz

AS2: Graduate seniors' work information

ASGM2a: OBOG interview proposal

ASGM2b: Interview Feedback Evaluation

Career related skill-building exercises

ASGM 2c Email: How to write a polite email for making an appointment in Japanese

ASGM 2d Email: Letter of appreciation to senior after interview

Oral presentations

1. Reporting the interview result in group
2. Reporting and sharing 'my job search action plan' individually

Job search action plan

ASGM3a-Group and self-evaluations on senior interview (what contribution has one made)

ASGM3c- Individual Evaluation on the Career Exploration Course

ASGM3d: My actual job search preparation and planning

3. PROCEDURE

This 14-week course was divided into 2 sections with one week break in the mid semester. This was a 2-hour course with total of 28 hours per semester. The lead investigator (the lecturer) used interactive teaching methods: lectures including e-lectures, oral & audio-visual presentations, discussion, group work activity to engage students both in the real and online classrooms. The assessment weightage of this course was 40% continuous assessment (assignments & oral presentations) and 60% final written

examination. Some of the worksheets and handouts were adopted and adapted from Business Japanese Series for Foreign Students (留学生のためのビジネス日本語シリーズ) published by The Association of Overseas Technical Cooperation and Sustainable Partnerships (AOTS). In University of Malaya, students and lecturer are given a sharing platform called **Spectrum (Student Powered e-Collaboration Transforming UM**”, an official e-learning platform with multifunctionality for students to ask questions, upload their assignments or to make forum discussion; as well as for lecturers to make announcement related to course activities, to take students’ online attendance, etc.

4. THE 14-WEEK TEACHING FLOW OF THE COURSE

Week 1 – course introduction & career exploration

In the first class, students were briefed with the contents of the course, types of assignments, assessments (40% of continuous coursework, 60% of examination), expected tasks completion and concept of career exploration (就職活動)

Handout 1 Foreign Students’ Daily was distributed to students to let students to have a rough idea on what career exploration.

Students were required to sit in pairs to read Handout1 that related to two foreign students’ story (A-san- was from China, B-san was from South Korea) started their one-year career exploration journey from their 3rd year of study in April till the next year of March. A-san & B-san’s career exploration activities including 2-week internship, preparatory study for the company-entry examination (e.g., aptitude test and personality test), written test and essay writing, learn the interview strategies, how to write company specific ‘entry sheet’, attend career talks. The final stage was waiting for the results of job application (内定) in March, the next year.

After the pair work, students were required to answer the Career Exploration Quiz (AS1) as a summary of the important points in Handout 1.

Week 2 – self discovery

A short lecture about the preparation of career exploration (就職前に知っておくポイント) was done using power-point slide presentation and students had to answer a short survey (ASGM1a) and complete the ASGM1b related to online personality analysis.

ASGM1a: Job interest short survey

1. The type of job they want to work (1. 9am – 5pm fixed hour job, 2. Have a certain freedom to decide their job scope, 3. A job that required higher ability but can work in a short hour)
2. List 3 previous experiences – being praised by others.
3. Share your experience of ‘nobody can stop me from doing what I want to do.’

4. Write one or more episodes on past experience related to ‘my best effort to complete OO’

ASGM1b: Egogram Test & result acceptance

Students were asked to do an online personality diagnosis test called *Egogram*. *Egogram* is an free of charge online interpersonal relationship analysis (交流分析), use to determine students’ interaction ability and work-related competency. The diagnosis results were summarised and displayed at the end of the test. After completing the test, students were asked to fill in ASGM 1b to tell whether they could accept the results of their personality diagnosis and the suggestion of suitable career. Reasons have to be given to support their agreement and/or disagreement of the test.

Week 3 – OBOG work information

Handout 2 ‘List of industry’ were distributed and explained to students about the available industries in the local market for their future career selection.

A lecture related to OBOG (old boy/old girl) interview and the purpose and importance of executing such activity were explained via PPT (power point file format). The objectives of this interview were first, to enable students to learn from their seniors with the same major, graduated from the same department whom they were familiar with and second, to expose them to their seniors’ real working world situations including joy and challenges.

As a homework, they had to complete a short survey by listing 5 persons or more Japanese language major graduated seniors work information related to 1) company’s name, 2) job position and 3) a brief-search on the senior’s company background, the products or services provided using AS2. This survey could be done via online search (e.g., Facebook, Instagram, Alumni chat), telephone or email. After information was attained, they were asked to choose 1 out of the 5 seniors’ company, to make comments about the company and share with their course mates using a sharing forum in ‘Spectrum’.

Another worksheet of ASGM1c: ‘Is working in a Japanese-owned company my career choice?’ was distributed to gauge information to help students to start thinking of narrowing down their job interest. Regardless of positive or negative responses, reasons needed to be given to support their decision.

Week 4 & 5 – interview preparation

Students were given the freedom to choose their working peers to form a group of two or three persons. Once the groups were formed, through discussion they had to complete the OBOG interview proposal (ASGM2b). The content of the proposal was: 1) the name of members of group, 2) the senior and company they want to interview 3) the objectives of interview and, 4) the questions they wanted to ask including senior’s

job scope, company colleagues. This proposal would have to upload to *Spectrum* as an assignment submission.

The interview proposals of each group were commented and returned to them via *Spectrum* by the lecturer. Students sit in groups to discuss, amend, and add the insufficient parts according to the lecturer's comments.

Semester break

Week 6 & Week 7 – career related skill-building exercises

After the semester break, before conducting the interviews, students practiced on 2 important writing skills:

- 1) writing a polite email to make appointment for the interview,
- 2) writing a letter of appreciation to their senior after the interview

The care of manners during the execution of interviews (with 'Do' and "Don't"), polite expressions to be used were briefed using PPT.

The emails of making appointment (ASGM2c) and appreciation (ASGM2d) were advised to send on the day or the next day of interview and had to make a cc copied to the lecturer's email for record.

Week 8 – final preparation before interview

An online discussion (tool: using channel in Microsoft Teams) in groups were set up to prepare students before the interview day such as, discuss the suitable online tool to make the interview, turn-taking of asking questions. Lecturer could join the 4 channels freely to give advice and

Week 9 – interview report preparation

A sharing section was conducted for students to talk about their interview experiences including the success and failure, the important points learned during the interview. After the sharing, students were back to their own group to prepare their OBOG interview reports for next week oral presentation (OP1).

Week 10-11 – oral presentation and group and self-evaluation

The results of interview were reported via group oral presentation. Time limitation for each group presentation was 12 minutes and 3 minutes of question & answer section. Students were encouraged to speak and comment on each course mate's presentation. At the end of the 2 weeks continuous oral presentations, students had to complete ASGM3a (グループの発表の振り返りシート): group interview report feedback evaluation; part I- self-evaluation on what I had learned, what was my contribution to the group, part II- group evaluation on whether the objectives of interview had been achieved, what were

some of the problems and the solutions they had or should have taken and at the final part to answer ‘Do I want to work at the same company as my senior and why?’

Week 12 – Basic ability of working people & self-promotion

To equip students with some knowledge skills and abilities of working people are expected to have in Japan context, the concept of Basic Ability of Working People ‘社会人基礎力’ introduced by METI (Ministry of Economy, Trading & Industry, Japan) emphasize on 1. The ability of taking the first step (前に踏み出す力), 2) The ability of thinking out of the box (考え抜く力), 3. The ability to work as a team (チームで働く力) were introduced. Apart from that, the attitude with spirit of challenge and communicative competence were other skills that working people should demonstrate and possess in Japan working environment.

At the second of half of the lesson, how to fill the career related form ‘entry sheet (Japanese resume)’ and how to write a good self-promotion were taught in the class.

- The concept and format of ‘Entry-sheet’ (エントリーシート) and why and how it was used in Japan was explained. Students were given a few examples of ‘自己PR’ (self-promotion related to PREP method (point, reason, example, point) for discussion and evaluation.

In brief, PREP means:

- Point: my strengths are... 結論 (私の長所・強みは_____です)
- Reason: the reasons are... なぜならOOだからです。
- Example: my story/concrete example 具体例・事例 (エピソード)
- Point: summary 結論 (まとめ)

To sum up the lesson, each student was required to select a company they want to work with and write a self-promotion essay (ASGM3b) to be uploaded unto Spectrum as assignment submission. Feedback was given by the lecturer in written form via Spectrum.

Handout 3 (examples of strength and weakness written in Japanese) was distributed to students for reference and each of them required to list 3 own strengths and 2 of their group members in a piece of small note paper. After completion, they had to give the note paper to the concerned person to read. This was done as a kind of encouragement for them to discover their unaware/hidden strength perceived by others for self-discovery as well.

Week 13 – Job search preparation and planning

All students need to do their actual job search preparation and planning (就活アクションプラン) by filling ASGM3d which was divided into 5 sections:

- S1: Self-discovery (strength & weakness)
- S2: The company I want to work with and the search I have done on this company (company can be more than one)

- S3: my current situation (the number of courses I need to take to complete BA degree, my company choices for internship)
- S4: My learning plan (the courses I want to attend to improve my OO skills)
- S5: My job search action plan (from now till I get the job, set the dates and preparation in details)

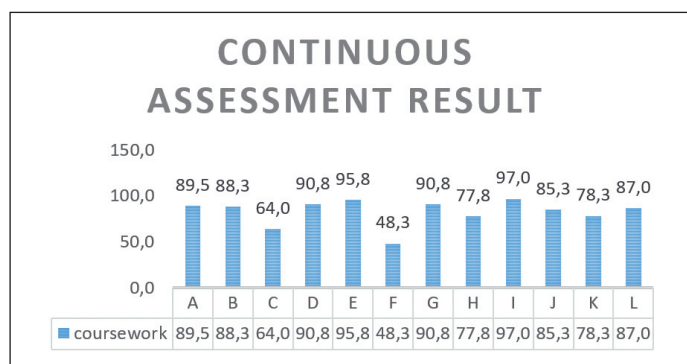
Week 14 – My actual job search action plan submission

All students need to complete ASGM3c and share their action plan via oral presentation as part of their final coursework. As a conclusive worksheet, ASGM3c covered topics on 1) individual evaluation on the whole career exploration course, what I had learned from the process of doing interview, what did I think about my senior's job, what kind of company I want to work at?

5. COURSE ASSESSMENT MARKING SCHEME

- 1) Continuous assessment (40%)
 - Assignment 1a,1b,1c (self-discovery stage) – 8%
 - Assignment 2a, 2b, 2c (career exploration stage – skill building exercises) – 10%
 - Assignment 3a, 3b, 3c (career exploration stage – self & group course evaluations, My actual job action plan) 12%
 - Group oral presentation 1 & individual oral presentation 2 – 10%
- 2) Final written examination (60%)

5.1. The final result of continuous assessment



Graph 1: Continuous assessment result

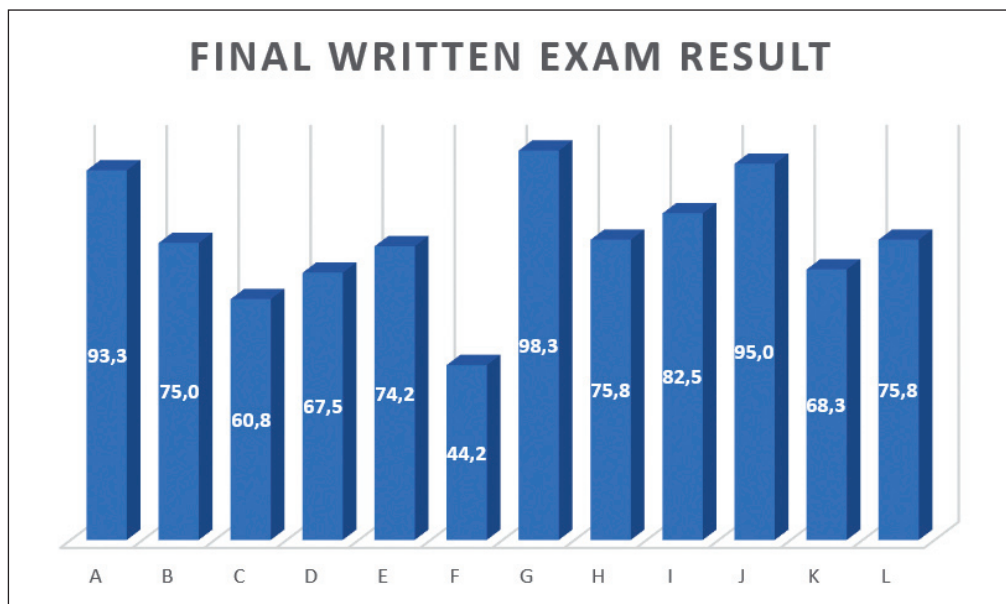
A+	90 and above
A	80-89
A-	75-79
B+	70-74
B	65-69
B-	60-64
C+	55-59
C	50-54
C-	45-49
D	40-44
F	0-39

Table 1: Assessment grade scale

Graph 1 revealed that 4 students obtained A+, 4 with A, 2 with A-, 1with B- and 1with C- (failed)

*note: passing grade is C

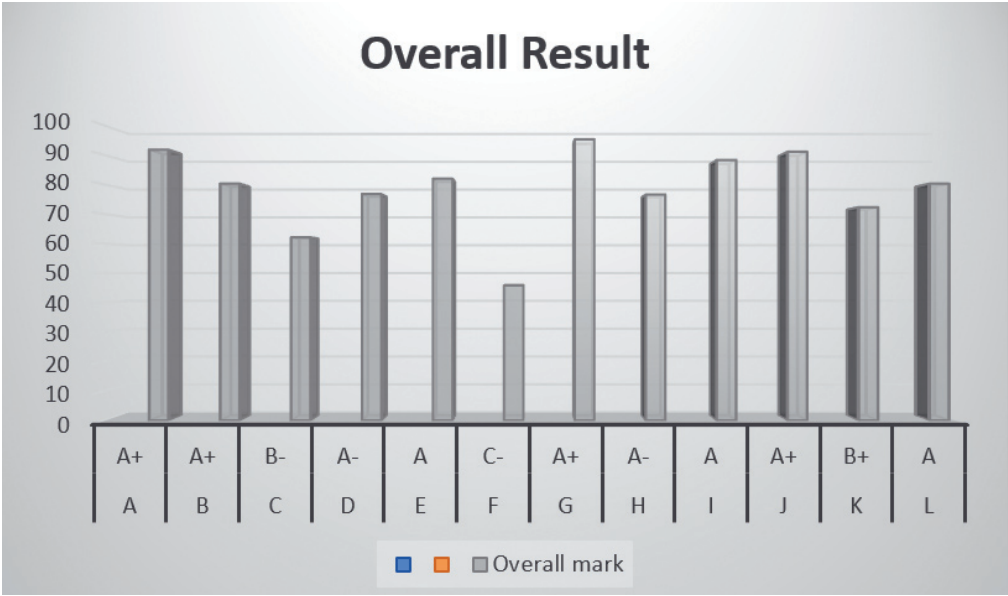
5.2. The final result of written examination



Graph 2: Written examination result

Graph 2 showed that 3 students obtained A+, 1 with A, 2 with A-, 2 with B+, 2 with B, 1 with B- and 1with C-(failed)

5.3. Overall results



Graph 3: Overall result of the Career Exploration Course
(continuous assessment + final examination)

The overall result was analysed by the university's default mark calculation system. 11 students passed (84.6%) with 3 obtained A+(>90 mark), 4 obtained A(80-89marks), 2 obtained A-(75-79 marks), whereas 1 student failed (C- (45-49 mark), and 1 student withdrew due to health problem (15.4%).

Std mean is 74.6

6. DISCUSSION

Based on the assignments submitted by the students in the 14-week course and final written examination, what they have learned can be traced and analysed to examine whether the objectives of this course have been achieved.

The awareness of students toward career choices

After the 14-week course, all students' awareness toward their future career choices had raised to a higher level after conducting the OBOG interview and sharing their interview results with their course mates. The five selected companies with graduated-seniors which were of the students' interests were: two Japanese-owned companies,

Japan Travel Bureau Malaysia (JTB), Hideo Ito Holding Sdn Bhd (apparel Retailing), two foreign-owned companies; Mary Kay Malaysia (beauty consultant), Qatar Airways and one local multinational company, Top Glove Corporation Bhd (rubber glove manufacturer).

The interview sections were particularly benefited students in terms of getting the real working information, starting from their seniors' application to the company, their job scopes, salary and remuneration, joys and challenges of the current job. The good advices given by their seniors seemed to be taken into account to many of them in choosing their future career path. Answering the worksheet ASGM3c '*Do you want to work at the same company as your senior? Give reasons to support your choice*' helped them to evaluate their seniors' companies and their seniors' jobs and gave them a good opportunity to think critically on their future career choice.

The awareness of the importance of using language to express and communicate with people in a high position, customers became higher among the students particularly who are interesting in marketing and customer service lines. Company with good human resource management and working culture such as cultivating staff good relationship via team-building camps or staff monthly birthday celebrations, turned out to be other criteria for their career choice. The need and importance of doing a thorough search on company before job application has been realized and noted as well.

At the last section of the final written examination, a question was set as such whereby students were asked to choose 3 out of eight interventions of this 14-week course, elaborate freely what they have learned, the problems they faced and the resolutions, the behavioural changes after taking the course. The eight course interventions to help students to think of their future career were; 1) self-discovery (自己分析), 2) the preparation for OBOB interview (OBOGのインタビュー準備) 3) reporting the interview result via oral presentation (OBOGインタビューの結果発表) 4) Do I want to work at the same company as my senior after graduation? (先輩の会社に就職したいかを考えている) 5) how to write 'entry form' (エントリーシート) 6) how to do self-promotion (自己PR) 7) my actual job search action plan (就活アクションプラン), 8) what kind of company that suits me the best? (どんな会社に就職したいか). From the students' feedback, interventions 6, 2 and 8 were top three most useful interventions for them.

In job application context, self-promotion (自己PR) is a short personal summary to let recruiters and employers know about applicant's unique experiences, strengths and ambitions. It can be a tough task if one does not have proper training or knowing what to write in a short and precise way. The challenge becomes greater in using second or foreign language as the medium of writing. Thus, this intervention 6 appeared to benefit many students.

The next useful intervention 2 was doing the OBOG interview. Students reported that in the process of preparation, as a group, they learned how to discuss and came to agreement on senior selection, the questions they wanted to ask. Following by sending

an email to make interview appointment with their senior using polite/honorific form of language in Japanese. They should pay attention to manners such as punctuality and turn taking in conducting interview (using zoom), right after the interview, or the latest by the next day, an email of appreciation should be sent out to thank their senior was something new to them. It is thought that the repetitive saying ‘thank you’ before, during, and after an event was one of the Japanese cultures which should be realized before entering the job market. The task distribution among members in completing the interview analysis, reporting and putting the important points on the power point slides trained their patience and strengthened their tie as a group.

Intervention 8 ‘the kind of company suits me the best’ gave good opportunity to students to think critically by applying all the knowledge and skills they learned in this course to choose their future job and the know-how planning to secure the job was written in their ‘Job searching action plan’.

7. CONCLUSION

Overall, this career exploration course has achieved both objectives of this study as indicated by the growth stages where students demonstrated increased personal awareness and the positive responses given to the course interventions. This study is expected to continue further to achieve the establishment stage with the next cohort of student in the coming semester.

7.1. Implication

It is suggested that career exploration course should be added as a requirement/ compulsory rather than an elective course to increase the marketability and employability of students to the job market.

7.2. Limitations

The limitation is the small sample size without comparison group. For the next cohort of students in the coming semester, a pre- and post-test should be conducted for comparison with a larger sample size.

REFERENCES

- AHMAD, W. A.; NOOR AKMAL, S. Communication Skills and Its Impact On the Marketability of UKM Graduates. **International Journal of Higher Education**. Vol. 3 (4), 2014. pp. 64-71.

- BETZ, N. E.; FITZGERALD, L. F.; HILL, R. E. Trait-factor theories: Traditional cornerstone of career theory. Em: M. B. Arthur, D. T. Hall, & B. S. Lawrence Eds. **Handbook of career theory**. Cambridge University Press, 1989. pp. 26–40.
- BOLLMAN, L. M. An examination of the effect of a career exploration course on the career decision self-efficacy of traditional-age undecided college students. **Dissertation Abstracts International Section A**, 70, 2009 [1936].
- BROWN, S. D.; RYAN KRANE, N. E.; BRECHEISEN, J.; CASTELINO, P.; BUDISIN, I.; MILLER, M.; EDENS, L. Critical ingredients of career choice interventions: More analyses and new hypotheses. **Journal of Vocational Behavior**, 62(3), 2003. pp. 411-428.
- CAI, Y. Graduate Employability: A Conceptual Framework for Understanding Employers' Perceptions. **Higher Education**, 2012. pp. 1-13.
- GODBEY, S.; GORDON, H. R. D. Career Exploration at the Middle School Level: Barriers and Opportunities. **Middle Grades Review**, vol. 5 (2), 2019. pp. 1-8.
- GURVINDER, K.G.S; SHARAN, K, G.S. Malaysian Graduates' Employability Skills. **UNITAR-eJournal**, Vol. 4(1), 2008. pp. 15-45.
- HANSEN, M.; PEDERSEN, J. An examination of the effects of career development courses on career decision-making self-efficacy, adjustment to college, learning integration, and academic success. **Journal of the First-Year Experience & Students in Transition**, 24(2), 2012. pp. 33-61.
- HARDESTY, P. H. Undergraduate career courses for credit: A review and metaanalysis. **Journal of College Student Development** 32, 1991. pp. 184-185.
- KEE, C.P.; AHMAD, F.; IBRAHIM, F.; NIE, K.S. Correlating graduate marketability dimensions with measurements of University-student relationship. **Asian Social Sciences**, 8(6), 2012. pp. 63-73.
- LIPS-WIERSMA, M.; MCMORLAND, J. Finding Meaning and Purpose in Boundaryless Careers: A Framework for Study and Practice. **The Journal of Humanistic Psychology**, vol.46 (2), 2006. pp. 147-167.
- LOGUE, C.T., et al. . Career Exploration at an Appalachian University: Effectiveness and Pre-Existing Resources. **Journal of the Scholarship of Teaching and Learning**, vol. 19 (3). 2019. pp. 65-78
- NOORIAH, Y.; ZAKIYAH, J. Graduates employability and preparedness: A case study of University of Malaysia Perlis (UNIMAP), Malaysia. **GEOGRAFIA OnlineTM Malaysian Journal of Society and Space**, 11 issue, 2015. pp. 129-143.
- SPITZER, T. M. Predictors of college success: A comparison of traditional and nontraditional age students. **NASPA Journal**, 38(1), 2000. pp. 82-98.
- SUPER, D. E. A life-span, life space approach to career development. Em: D. BROWN, L. Brooks, et al. (Eds.), **Career choice and development theories to practice**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1990, pp. 197-261.

佐藤舞 (2016)「大学生の就職活動および自己効力の縦断的研究」『教育心理学研究』26, pp. 24-40

長居川 忍、高橋 咲江、柏原 昭博 (2010)「インフォーマルな経験情報の共有に基づく就職活動支援SNSの開発」『教育システム情報学会誌』27 (2), pp. 199-210.

留学生のためのビジネス日本語シリーズ (2001) 就活へ！はじめての一步 (リソース集)
海外産業人材育成協会 (The Association for Overseas Technical Cooperation and Sustainable Partnerships (AOTS))

留学生のためのビジネス日本語シリーズ (2001) 就活へ！はじめての一步 (活動冊子)
海外産業人材育成協会 (The Association for Overseas Technical Cooperation and Sustainable Partnerships (AOTS))

留学生のためのビジネス日本語シリーズ (2001) 就活へ！はじめての一步 (教師用手引き)
海外産業人材育成協会 (The Association for Overseas Technical Cooperation and Sustainable Partnerships (AOTS))

<https://www.aots.jp/jp/project/nihongo/kyozai/index.html>

<https://www.aots.jp/jp/project/nihongo/kyozai/index.html>

Recebido em 10 de junho de 2021.

Aprovado em 8 de setembro de 2021.

O CASULO CLAUSTROFÍLICO: RUMO A UMA FILOSOFIA ESPECULATIVA DA PERVERSÃO EM EDOGAWA RAMPO

*THE CLAUSTROPHILIC ENCLOSURE: TOWARD A SPECULATIVE PHILOSOPHY OF PERVERSION IN EDOGAWA RAMPO*¹

*Seth Jacobowitz*²

1. INTRODUÇÃO

Desde sua estreia literária em 1923, Edogawa Rampo tem sido sinônimo com a ascensão da cultura de massa e da metrópole moderna. Seu público leitor consumiu avidamente as histórias de detetive e mistério do autor, que não só deram voz às mudanças chocantes que estavam acontecendo ao redor da população, mas o fez por dentro. Embora Rampo seja mais conhecido por canalizar os desenvolvimentos inéditos em massificação, mobilidade e tecnologia de mídia que aconteciam no período, para a sua ficção, ele também se aprofundou em novas formas de anonimato, privacidade e interioridade, que se revelavam na vida cotidiana.

Não foi por acaso que as histórias de detetive regularmente apareciam lado a lado, no mercado de massa e nas publicações de nicho da época anterior à guerra, como o jornal *Shin seinen* (“Nova Juventude”), com as descobertas mais recentes da sociologia, da sexologia, da psicologia criminal e de domínios científicos correlatos. Embora a principal motivação do público leitor possa ter sido a adrenalina gerada pela observação de experiências fora dos limites da lei e da ordem, essas obras de literatura popular e ciências sociais ofereceram pistas, para os mais astutos, sobre as circunstâncias de sua própria subjetivação.

1 Este artigo é uma versão traduzida do texto originalmente publicado em inglês na revista *Japan Forum* 32:2 (2020): 1-25.

2 Senior Research Associate, CUNY Dominican Studies Institute of the City College of New York. E-mail: sethjacobowitz@gmail.com ORCID iD: 0000-0002-4172-5046.

Em contraposição à maioria das obras de ficção policial japonesa do período pré-guerra, a preocupação principal de Rampo não estava em resolver crimes ou em celebrar o triunfo da razão. Em vez disso, ele procurou revelar o funcionamento do inconsciente, que perpassa a atividade cultural e a aparência de autonomia. O sociólogo Georg Simmel resumiu as tensões da condição urbana em sua célebre frase: “Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida” (SIMMEL, 1976, p.11).

Sob qualquer perspectiva, a explosão inicial de contos de Rampo, na década de 1920, equivaleu a uma série de estudos de caso que investigavam as negociações transgressivas para com essas forças sociais. No entanto, existem limites claros para o que somente a sociologia urbana pode fornecer. Na medida em que se investiga o imaginário literário de Rampo, o padrão que emerge é consistente com uma definição clínica de perversão, segundo a qual a divergência para com comportamentos sociais e sexuais normativos se torna um meio de acesso para os mecanismos ocultos dos desejos e impulsos. Embora os trabalhos de Rampo muitas vezes tenham sido intrinsecamente vinculados aos fenômenos culturais do “erótico, grotesco, absurdo” e da “caça à curiosidade” (*ryōki*), os estudos predominantemente visuais, materialistas e sociológicos de sua obra têm omitido, em grande parte, os tipos de interpretação psicanalítica que ela exige.

Este artigo oferece um conjunto de abordagens, para rastrear a filosofia especulativa da perversão proposta no corpus inicial de Rampo, que representa a caixa preta do inconsciente, por meio de métodos de confinamento tanto literais quanto figurativos. Usando os ensaios críticos e autobiográficos de Rampo como fio condutor, argumentamos que ele procurou alcançar algo mais próximo daquilo que os surrealistas da mesma época consideravam uma ponte entre a realidade e a imaginação, em direção a uma expressão mais pura da mente inconsciente.

Em seguida, apresentamos a tese instigante de Yokoo Tadanori sobre a obsessão de Rampo por espaços confinados, chamada por ele de “claustrofília”, para destacar uma série de associações simbólicas com a vida, a morte e a sexualidade. Embora Yokoo leia esse padrão em termos explicitamente espiritualistas – ou seja, o desejo da alma de se libertar até mesmo das amarras do corpo humano – procuramos entender a claustrofília como representação de um impulso semelhante à escopofília, que é igualmente onipresente em toda a obra de Rampo e subjacente a grande parte dos estudos visuais sobre ele até hoje. De fato, esses dois impulsos estão intimamente alinhados em seu trabalho, de modo que o casulo claustrofílico apenas raramente funciona de forma completamente independente da escopofília.

Este artigo, então, fornece uma leitura atenta de *Osei tōjō* (A aparição de Osei, 1927) e *Yaneura no sanposha* (O andarilho no sótão, 1926) como textos representativos, nos quais Rampo compreende a interioridade subjetiva e sua cautela para com a

autoridade social. A clausura secreta e erógena manifesta-se em uma variedade quase desconcertante de formas na obra de Rampo, mas em nenhum caso ela é revelada com tanta clareza quanto na manifestação, simultaneamente física e psicológica, do armário da sexualidade moderna. Os usos do armário (*oshi'ire*) feitos por Rampo, como um abrigo em forma de crisálida para a autocontemplação e fantasia, bem como o palco no qual o desejo emerge e é concretizado, em última análise, marcam os limites do casulo claustrofílico.

Qualquer menção ao armário da sexualidade moderna, inevitavelmente, trará à memória o revolucionário “A Epistemologia do Armário”, de Eve Kosofsky Sedgwick. Desde o início, tomaremos o cuidado de observar que, uma vez que as obras canônicas da literatura inglesa que a autora seleciona (como Melville, James, Proust e Wilde), assim como “O andarilho no sótão” e outras obras de Rampo, tratam de questões sobre o desejo homossexual oculto, pode parecer que suas concepções do armário reforçam uma à outra. Da mesma forma, os leitores familiarizados com a tese de Sedgwick reconhecerão imediatamente as maneiras pelas quais Rampo também traz visibilidade para um mecanismo de ocultação e repressão, na literatura japonesa moderna.

Em outros aspectos cruciais, no entanto, a conceituação de Rampo para o armário, como uma incubadora de desejos claustrofílicos ou escopofílicos, se dissocia categoricamente da leitura reparadora de Sedgwick para o *habitus* homossexual no romance inglês moderno. Enquanto ela identifica a possibilidade de uma identidade comunitária, o autor japonês segue um caminho mais solitário, o do sujeito pervertido. Se o armário de Rampo raramente resulta em uma liberdade radical e pode até custar a vida desse sujeito, mesmo assim oferece, ainda que de maneira fugaz, uma esperança de transcendência rica em gozo (*jouissance*). Portanto, é a perversão como uma estrutura clínica, não sintomas ou atos isolados, que identificamos no nível narrativo dos textos de Rampo, embora seja evidente que sintomas ou atos isolados também são abundantes em sua obra. Do mesmo modo, uma investigação mais rigorosa da perversão em Rampo deve ser livre de romantizações excessivas. Uma tendência persistente nos estudos da perversão é reivindicar um potencial emancipatório da perversão, para além da ordem neurótica de sempre. Reiteramos, assim, a cautela da estudiosa psicanalítica Kirsten Hyldgaard contra tais práticas:

É normal se pensar que uma prática perversa abala leis, normas convencionais e morais, que o sujeito pervertido é algum tipo de vanguarda contra uma fanática hegemonia heterossexual. A seguir, gostaria de argumentar que a perversão, quando muito, representa um fator conservador, negando o que a psicanálise chama de a ausência do Outro (HYLDGAARD, 2004).

Postular a perversão dessa maneira pode parecer contraditório. Na medida em que pulsões e desejos são inconscientes e não têm objeto natural, esses objetos devem ser socialmente instituídos e aplicados. A perversão, por definição, colide com a

moralidade convencional. Não menos importante, a máxima de Lacan para a neurose, de que “o desejo é o desejo do Outro”, não se aplica à perversão. Enquanto o neurótico deve perpetuamente questionar se é o objeto do desejo de outra pessoa e procurar suprir essa insuficiência, para o perverso, o desejo do Outro é irrelevante. Em outras palavras, o que o perverso deseja é que o outro se torne um instrumento ou objeto, dentro de sua economia libidinal.

2. O ELEMENTO SUBLIME DA CLAUSTROFILIA

É com esse ponto de partida que o breve artigo *Heisho kyôfushô to heisho aikôshô to* (Claustrofobia e Claustrofilia), do artista contemporâneo e designer gráfico Yokoo Tadanori, ganha uma pertinência acentuada. Yokoo adaptou o corpus de Rampo para cartazes, ilustrações e afins, atualizando de forma espetacular o estilo erótico, grotesco e absurdo do Japão pré-guerra com sua própria sensibilidade vanguardista e eclética, imersa na psicodelia, no misticismo e no fascínio com o sobrenatural, emblemáticos dos anos 1960³. Nesse sentido, e em uma atitude semelhante à dos Surrealistas Franceses, como George Bataille, que procurou inspiração no Marquês de Sade, Yokoo encontrou em Rampo uma imaginação monstruosa, que ia além do discurso racional ou da persuasão moral. Yokoo, então, apresenta três princípios que informam sua compreensão do trabalho de Rampo:

1. Rampo, em suas obras, frequentemente retrata cenários em que alguém escolhe se trancafiar em um espaço confinado/fechado (*heisho*).
2. Porque será que crianças preferem espaços fechados, enquanto adultos os temem? Talvez, em sua origem, a psicologia de buscar e evitar espaços fechados seja a mesma. Seja o sentimento de segurança do útero materno e do sono eterno conferido aos mortos em seus caixões, ou o sofrimento de passar pelo canal uterino e o medo de ser enterrado vivo, essas diferentes experiências da alma transformam o espaço fechado em um local de felicidade utópica ou um inferno sem fim.
3. Com base em nossa forma, transformamos este mundo em um casulo. Pensar no espírito encarcerado no corpo chega a ser insuportavelmente doloroso. O espírito anseia ser libertado deste minúsculo corpo de carne e osso, o mais rápido possível (YOKOO, 1998, p.75).

Em sua evocação do espiritualismo, Yokoo nos lembra as tendências anti-miméticas e anti-Naturalistas que, em diferentes intensidades, estão presentes nos textos de Rampo. Desse modo, ele chega a uma definição de mistério como aquilo que se

3 Outros artistas contemporâneos de destaque, que adaptaram a obra de Rampo, incluem Taga Shin e suas capas de livros, feitas em chapas de cobre, e ilustrações para a editora Shunyôdô, publicadas nos anos 1980, assim como Maruo Suehiro e seus romances gráficos, como *Panorama-tô Kitan* (Kadokawa, 2008) e *Imomushi* (Beam Comix, 2009).

encontra entre a razão e a loucura, ou o estado indefinido da cognição e da percepção que fica entre o mundo desperto e os estados oníricos. Nossa resposta a essa tese provocante é decodificar a natureza recursiva, ou associativa e enigmática, do inconsciente, expressa pelos sonhos e pela linguagem que tem a estrutura, conforme Lacan preconiza, “de uma escrita” (LACAN, 1998, p.268). É precisamente no deslize dos significantes entre essas camadas que é revelada a natureza subjacente dos impulsos.

Rampo introduz, de forma obstinada, sonhos, alucinações, delírios e loucuras, como estados mentais que desafiam a noção de uma realidade objetiva. A impossibilidade de uma verificação empírica está repleta de ansiedade, medo e até mesmo júbilo. “Foi tudo um sonho, ou algum tipo de doença mental?” é uma de suas aberturas favoritas. Do mesmo modo, seu uso dos chamados “truques” (*torikku*), para abreviar os finais das narrativas, inclui o significante flutuante visto em “A Aparição de Osei”, para desestabilizar a certeza epistemológica, e a fluidez da performance de gênero em “Os Canais de Marte” e “O Andarilho no Sótão”, usada para transgredir os limiares sociais e biológicos.

O ilusionismo e a desorientação, enquanto técnicas literárias, abalam ainda mais as faculdades de percepção e cognição. Rampo expressou que, apesar de seguir o exemplo da ficção policial ocidental em certos aspectos, ele também encontrou inspiração nas abordagens do anti-mimetismo e do anti-Naturalismo, da literatura Japonesa na virada do século.

Embora seja verdade que autores como Poe e Doyle me influenciaram, dentro da ficção policial do ocidente, o que me levou a escrever minhas próprias narrativas de detetive, na verdade houve outra fonte de estímulo, completamente diferente. Ela apareceu com a nova literatura, que surgiu em oposição ao naturalismo do final do período Meiji até o período Taishô, e incluiu obras de Tanizaki Jun'ichirô, Akutagawa Ryûnosuke, Kikuchi Kan, Kume Masao e Satô Haruo (EDOGAWA, 1950, p.176).

Essa genealogia, juntamente com dissidentes literários anteriores, como Izumi Kyôka, expressa uma crítica fulminante à razão e à lei natural, contra a totalidade da assimilação da sociedade Japonesa pelos preceitos de “Civilização e Iluminismo” (*bunmei kaika*). No entanto, seria um erro fundamental insistir que Rampo estava apenas servindo de contrapeso para uma preferência por ficção policial ocidental, com alternativas domésticas ou a fantasia de outras modernidades. Seu interesse não estava em deslocar o Ocidente, muito menos em privilegiar as origens literárias autóctones. Se tratava de uma questão de descobrir as técnicas adequadas para realizar sua filosofia da perversão.

Embora não contestemos a validade disso como um modelo sociológico para descrever os fenômenos de massa e os fenômenos urbanos, nossa abordagem aqui deve adotar, necessariamente, um caminho bem diferente. A leitura que fazemos de Rampo o enxerga como alguém que vai contra a tese de racionalidade crescente de Simmel, na

medida em que ele realoca a vida mental do indivíduo moderno das ruas movimentadas para as passagens subterrâneas, os armários, os sótãos, as salas de projeção e os outros espaços de confinamento. Nesse sentido, seu método literário está surpreendentemente em sincronia com a definição de surrealismo de André Breton, em seu “Manifesto do Surrealismo” (1924), que diz:

O Surrealismo repousa sobre a crença na realidade superior de certas formas de associação desprezadas antes dela, na onipotência do sonho, no desempenho desinteressado do pensamento. Tende a demolir definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos e a se substituir a eles na resolução dos principais problemas da vida (BRETON, 2001, p.40).

Independentemente do quão radical possa ter sido a divergência nos estilos literários dos dois, Breton e Rampo, por volta de 1924, expressaram um interesse paralelo por Freud e a interpretação de sonhos, uma crítica à tirania da lógica sobre o reino livre da imaginação e um desejo de derrubar as paredes da moralidade burguesa. Yokoo adivinhou corretamente que a busca de Rampo era precisamente esse tipo de libertação do espírito, no impulso claustrofílico em direção à “realidade superior” do inconsciente. Foi por essa mesma razão que os colegas de Rampo, escritores de ficção policial, o condenaram por supostamente transgredir a ordem social e a estrutura do gênero.

3. REFORMANDO A EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO

Em “A Epistemologia do Armário”, Eve Kosofsky Sedgwick identifica o armário como um ponto de repressão e ocultamento. No entanto, o armário, por definição, parece ser paradoxalmente marcado pelo fracasso em conter aquilo que deve manter oculto. Assim, mesmo em seu estado mais punitivo, o armário não pode conter permanentemente ou negar completamente a agência subjetiva.

Nas obras literárias de Rampo, o armário é um espaço introspectivo, no qual as fantasias são geradas e cultivadas e os desejos tomam uma forma mais tangível. Surpreendentemente, há uma insinuação tentadora dessas possibilidades em “A Epistemologia do Armário”. Entre a introdução crítica e o corpus de análise, há uma página retirada do *Oxford English Dictionary*, listando as etimologias de armário: “um espaço para privacidade ou recolhimento” e, especialmente, “um lugar de devoção particular” ou “especulação isolada”; ou mesmo “*esqueleto no armário*: um problema particular ou oculto na casa de alguém, ou circunstâncias sempre presentes e suscetíveis a aparecerem”, e assim por diante (SEDGWICK, 1990, p.65). Não há, contudo, qualquer verbete para o termo que traga o sentido de sexualidade moderna. Curiosamente, essa página nunca é contemplada diretamente no argumento de Kosofsky Sedgwick. É como se o leitor tivesse que inferir sua presença, como um registro do silenciamento do armário homossexual; como se sua exclusão

desse registro, o mais distinto e não abreviado da língua inglesa, justificasse, pela ausência, a crítica que se segue⁴.

Rampo, é claro, não era inexperiente no discurso homossexual ou no policiamento e nos deslizos da sexualidade normativa. Juntamente a Iwata Jun'ichi e Minakata Kumagusu, ele fundou o *Nanshoku kenkyūkai* (Grupo de Pesquisas do Amor Masculino), que se encontrou durante o período entre 1927 e 1932. Rampo colaborou com Iwata para organizar um arquivo de obras pré-modernas japonesas sobre a sexualidade entre homens e, ocasionalmente, incorporou temas homoeróticos à sua ficção e seus ensaios, mais notoriamente no romance “O Demônio da Ilha Deserta” (*Kotô no oni*, 1930). No entanto, devemos enfatizar que o interesse norteador deste artigo não é resgatar a verdade sobre a estrutura clínica (neurótico/pervertido) ou a orientação sexual (hetero/homossexual) do próprio Rampo, mas explorar os usos claustrofílicos do armário e a filosofia especulativa que se revela em seu imaginário literário.

4. A APARIÇÃO DE O-S-E-I

Publicado pela primeira vez na edição de julho de 1926 da revista *Taishû bungei* (Literatura Popular), “A Aparição de Osei” é marcado pelo que pode ser chamado de confinamento duplo do armário. Por um lado, o armário significa o local físico onde uma inversão violenta do poder de gênero se manifesta, com a esposa adúltera, Osei, de um lado, e seu marido acometido por tuberculose, Kakutarô, de outro. No entanto, é também o local onde as distinções nítidas entre fantasia e realidade, para os dois, são radicalmente redesenhadas.

Certo dia, quando Osei sai de casa para um encontro com seu amante, Kakutarô se consola se deixando levar por um jogo de esconde-esconde, com seu filho e as crianças da vizinhança. Para pregar uma peça nas crianças, ele se esconde no armário de seu escritório e, no último segundo, entra em um grande e velho baú (*nagamochi*) guardado lá. Apesar de seu plano ser saltar para fora e surpreendê-los, ele logo percebe, horrorizado, que a trava se encaixou no lugar, de alguma forma, e o trancou. As crianças rapidamente perdem o interesse e abandonam a busca, decidindo ir brincar do lado de fora. Em seu estado enfraquecido, ele é incapaz de se libertar ou gritar alto o suficiente para que possa ser ouvido.

É só mais tarde, quando Osei retorna, que ela consegue ouvir seus soluços fracos e decide investigar. Ao encontrá-lo, ela levanta a tampa momentaneamente, antes de colocá-la de volta no lugar e virar a trava, (re)selando seu destino. Kakutarô gasta seu último suspiro e suas unhas, quebradas e ensanguentadas, riscando o nome de Osei na parte de dentro da tampa do baú, deixando assim a única evidência do crime perfeito

4 A tradução para o japonês de “A Epistemologia do Armário”, de Tonooka Naomi (Tokyo: Seidôsha, 1999), omite completamente essa página.

que foi cometido. Isso retoma, sob uma nova luz, o grafite solipsista de solidão que Rampo escrevera na parte de dentro do armário em “O Lorde Fantasma”. Se lermos a cena do armário em “Osei” em termos lacanianos, a morte de Kakutarô ocorre nos limiares da claustrofília: a inabilidade de escapar o solipsismo é sobreposta por um fracasso em se conectar com o desejo do Outro.

Os elementos de terror e da ficção de mistério devem ser facilmente percebidos, mesmo a partir de um resumo superficial como este, mas os elementos psicanalíticos merecem uma investigação mais aprofundada. O narrador desaprova a auto-infantilização de Kakutarô, que brinca com as crianças. Para ele, o homem perdeu a dignidade de um adulto, ao que parece, contrastando diretamente com Osei, que se envolve em brincadeiras sexuais com seu amante. Além do simbolismo forçado na brincadeira de esconde-esconde, um modelo clássico de ocultação e exposição, podemos perceber a associação homófona de Kakutarô com *kakurenbô*, a palavra japonesa para “esconde-esconde”. Esse jogo de palavras também ecoa na semelhança do nome dele com o de sua condição tuberculosa (*kekaku*), que é responsável por sua incapacidade de se libertar ou pedir ajuda.

Ao se esconder, como uma boneca russa, em mais um confinamento duplo – os espaços físicos do armário e o baú – ele não só prega uma peça nas crianças, mas também, sem querer, descobre um mundo de fantasia regressiva que, em pouco tempo, é colocado de pernas para o ar de forma aterrorizante. A infantilização inicial é levada adiante pela enxurrada de memórias da infância de Kakutarô, ativadas quando ele entra no baú há muito tempo esquecido:

Os confins intensamente negros do baú, que cheiravam fortemente a cânfora, eram estranhamente confortáveis. Kakutarô foi subitamente tomado por memórias felizes de sua infância. Esse velho baú, antigamente, guardava o enxoval de casamento de sua mãe já falecida. Ele costumava fingir que o baú era um navio e muitas vezes entrava nele, para poder brincar. Ele quase podia ver o rosto gentil de sua mãe, revelando-se na escuridão como um fantasma (EDOGAWA; JACOBOWITZ, 2008, p.283).

Se a implicação é o desejo edipiano de casar com sua mãe, ou simplesmente um retorno ao seu abraço caloroso, esse fantasma reconfortante evapora rapidamente quando ele se percebe preso dentro do baú, a fantasia dando lugar ao horror conforme esse retorno ao útero se torna seu túmulo.

Pelo menos por um momento, Kakutarô está em paz dentro do baú e habita um momento suspenso no tempo e no espaço. Ele regride para as memórias que tem dela e de sua infância e, portanto, de ser o objeto de sua afeição no início do estágio de espelho. Em outras palavras, seu desejo é pela Mãe, não pelo Outro. Osei também é uma mãe, e não é por acaso que Kakutarô só descobre essa fuga do impasse de seu relacionamento ao se esconder de seu filho. Ironicamente, em seu desejo de evitar um triângulo edipiano mais perigoso, em que ele é o Pai a ser morto, ele cai em uma armadilha de

sua própria autoria. O problema, para Kakutarô, não é entrar na caixa ou manifestar desejo em um lugar em que não há a questão do desejo do Outro, mas ficar preso lá.

Em uma inversão de corpos ocultos e personas emergentes, quando Osei encontra Kakutarô no armário, a narrativa chega em seu núcleo climático, pois naquele momento decisivo, Osei descobre sua verdadeira natureza como uma *femme fatale*. Ao sepultá-lo no baú do armário, ela também pode realizar suas fantasias:

Não havia mais como voltar atrás para essa *femme fatale*, envolvida em um caso como nenhum outro em toda a sua vida. Em sua cabeça, o funeral que viria para aquele homem, morto no já mudo armário, foi substituído pela imagem de seu amante. Sem sequer pensar na vida fácil garantida pela morte de seu marido, bastava para ela pensar nos incansáveis divertimentos que ela poderia ter com seu amante, para se livrar do luto (idem, p.287).

Embora o tom do narrador seja inabalável em sua condenação do comportamento descarado de Osei, também há um aspecto validador sugerido pelo título. Há uma vacilação paradoxal em seu tratamento das ações de Osei, ao ponto de ela poder, dependendo da interpretação que o leitor faz sobre a postura do texto quanto ao patriarcado, ser vista ou como uma vilã irredimível ou uma anti-heroína, que aproveita a oportunidade para se rebelar contra um sistema injusto. É claro, contudo, que isso não se traduz em sua emancipação imediata. Após sua morte, ela tem que manter as aparências, para se livrar do irmão e da família de Kakutarô, que podem suspeitar de seu envolvimento na morte misteriosa de seu marido. Por enquanto, ela deve permanecer em seu próprio armário de segredos, que a impede de se encontrar abertamente com seu amante.

Essa cena climática também implica na transferência do que Lacan chama de “nome-do-pai”. Ele define a castração simbólica por meio de uma linguagem em que o pênis é substituído pelo significante do falo – a função de lei e ordem do pai que é, de certa forma, uma brincadeira com a homofonia da palavra francesa *nom du père* (nome do pai) e *non du père* (o “não” do pai). Quando Kakutarô risca as letras do nome de Osei na tampa do baú, este é o seu ato final de acusação e recriminação contra ela. No entanto, nesta segunda “aparição de Osei”, escrita no sangue dele, Kakutarô acidentalmente transfere a posse de seu patrimônio para ela. A pena, sentida pela família dele por sua morte patética, amplificada pelas ferozes paixões que ele claramente possuía por ela até seus últimos momentos, resulta em Osei herdando uma porção considerável de sua riqueza, mais do que o que seria esperado em circunstâncias normais, bem como a custódia única de seu filho. Ao gravar o nome dela, em vez de o seu próprio, o de seu irmão mais novo ou o de seu filho, ele ironicamente toma uma atitude equivalente a passar tudo de seu nome para o nome dela.

Penhorado por Osei para uma loja de móveis, quando sua fuga da família de Kakutarô é concluída, o baú se transforma mais uma vez em um substituto para uma caixa preta do inconsciente, com sua inscrição enigmática. Esse objeto provocou um ato horrível de violência e recriminação, ou ele foi dedicado “a uma donzela inocente

e imaculada pela feiura do mundo”? Essa indeterminação ressalta as tendências anti-miméticas e anti-naturalistas da filosofia especulativa de Rampo. Em um último “truque” característico do autor, o significante flutuante do nome de Osei e dos desejos escondidos por trás de sua inscrição violenta é deixado pendente. Isso é provavelmente o significado real do título enigmático do conto: a aparição de Osei seria mais adequada como “A Aparição de O-S-E-I”, como um nome ou significante de transgressão violenta, e não a libertação do sujeito feminino.

5. CLAUSTROFILIA NO ARMÁRIO, ESCOPOFILIA NO SÓTÃO

O casulo claustrofílico em Rampo pode ser entendido como um local de especulação, sonhos e transformação subjetiva, em que desejos que seriam de outra forma inadmissíveis são conferidos liberdade, com consequências inesperadas, se não certamente felizes. “O Andarilho no Sótão”, publicado pela primeira vez na edição de agosto de 1925 da *Shin seinen*, retoma o confinamento duplo do baú e armário, de “A Aparição de Osei”, na forma do armário e sótão. Imerso em associações com a literatura ocidental, tais como as levantadas pelo estudo feminista pioneiro de Gilbert e Gruber, *The Madwoman in the Attic*, de 1979, o armário e o sótão encontrados aqui constituem um meio essencial de exposição da estrutura da perversão.

Se distanciando dos casais heterossexuais de seus dois textos anteriores, “O Andarilho no Sótão” envolve duas uniões entre homens dentro de um campo mais extenso de dinâmicas sociais experimentais. Enquanto o homoerotismo é um elemento-chave inquestionável naquilo que o narrador descreve como a “personalidade patológica” (EDOGAWA; JACOBOWITZ, 2008, p.45) do protagonista, Gôda Saburô, o que deve chamar nossa atenção é o afastamento da vida urbana, nas ruas movimentadas do centro de Tóquio, para as formas emergentes de anonimato, privacidade e interioridade, conferidas pela arquitetura híbrida japonesa/ocidental da pensão onde ele mora. É apenas aqui que a semiologia do armário se torna perceptível como uma incubadora perversa, em vez de um mecanismo repressivo.

Saburô é um nômade urbano inquieto, um habitante de inúmeras pensões e espaços de recreação nos arredores do centro de Tóquio. Ele é forjado no clássico molde do anti-herói de Rampo: um sonhador indiferente que tenta a sorte em vários ofícios e passatempos, mas não encontra seu chamado nem consegue aliviar o desgaste da vida cotidiana. Condizente com o aspecto *queer* do protagonista, sua orientação sexual é sugerida, mas nunca declarada abertamente. “Bem, caro leitor, sem dúvidas você deve estar se perguntando quanto aos dois grandes prazeres desse mundo, vinho e mulheres, que nunca são satisfeitos. Por alguma razão estranha, nenhum dos dois atraía esse tal Gôda Saburô” (idem, p.43). Enquanto isso, uma mesada vinda de sua família fornece dinheiro o suficiente para cobrir suas necessidades.

Em um gesto característico, Rampo estabelece Saburô como um Marquês de Sade de bolso, para quem o desejo de satisfazer uma imaginação monstruosa necessita

apenas de um gatilho para ser posto em movimento. Aqui, isso é concedido pelo encontro ao acaso de Saburô com Akechi Kogorô, o detetive amador de Rampo, que se torna seu mentor no estudo de crimes reais e da ficção policial. No entanto, esse gesto não é inocente da parte de Akechi. O detetive reconhece tendências patológicas em Saburô e passa a explorá-lo como uma espécie de experimento científico. Esta é uma das várias vezes no texto que lembra ao leitor que a ficção policial “irregular” (*henkaku*) não é sobre a solução de um crime ou mesmo, necessariamente, sobre a investigação da psicologia subjacente. Nesse caso, trata-se de instigar ou provocar essa psicologia para que se desenvolva e largue a crisálida de seu confinamento.

A fonte primária de estímulo, para Saburô, segue exatamente os mesmos preceitos da vida mental na metrópole, caracterizada por Simmel, no universo da Tóquio pré-guerra: “Irrompendo de sua caixa de brinquedos em um arco-íris de cores berrantes, o grande parque de diversões que é Asakusa era o palco definitivo para os propensos ao crime” (idem, p.46). Lá, Saburô descobre não apenas a mistura familiar de espetáculos de cultura de massa com os de vanguarda, mas também os prazeres clandestinos de se navegar áreas como becos, parques desertos e banheiros públicos. Nessas ocasiões, ele escreve grafites provocantes e deixa bilhetes enigmáticos, descrevendo assassinatos aterradores, nos vãos dos bancos do parque, esperando para ver a reação dos idiotas que os pegam sem saber sua procedência.

Mais impressionante ainda é a sua decisão de penhorar seu relógio e quimono, para pagar por diferentes disfarces, principalmente perucas e roupas femininas. Durante algum tempo, pelo menos, ele alterna entre o flâneur, que explora o submundo da cidade, e o andarilho travesti, que o permite viver suas fantasias como uma *femme fatale*. No entanto, até mesmo esses atos se provam efêmeros. A partir de então, Saburô se muda das ruas da cidade, se voltando para dentro, para os compartimentos clandestinos da pensão em que ele descobre uma alternativa muito mais saciante. Sozinho, dentro dos limiares de seu quarto, Saburô passa a se esconder no armário e se perder em fantasias e sonhos.

Quando ele fechou as portas de correr do armário e olhou para a fina linha de luz elétrica que entrava pelo vão, ele se sentiu como um personagem em uma história de detetive. Abrir a porta apenas até criar uma brecha e olhar para seu próprio quarto, do mesmo modo que um ladrão espiaria o quarto de um estranho, dava a ele uma explosão de adrenalina. Ele imaginou todo tipo de cenário emocionante e ficou fascinado pelo mero ato de observar. [...] Por volta do terceiro dia, Saburô, facilmente entediado, se cansa de sua cama no armário e, sem nada melhor para fazer, escreve grafites nas paredes ou nas tábuas de madeira do teto do armário, onde quer que suas mãos pudessem alcançar enquanto estivesse deitado (EDOGAWA; JACOBOWITZ, 2008, p.49).

Aqui, também, o armário é um local de inscrição psíquica e física, onde o sujeito escreve seu desejo. Essas atividades solipsistas, que lembram a figura de Rampo

rabiscando “*Einsamkeit*” (solidão, em alemão), por sua vez, preparam o terreno para que Saburô descubra o vão que leva até o sótão.

O sótão representa uma arquitetura perfeita de vigilância panóptica, em que ele pode passar despercebido enquanto espia todos aqueles embaixo, na privacidade de seus próprios espaços confinados. Ele observa aquilo que é geralmente reprimido, escondido ou sublimado em público, mas que aqui aparece de forma completamente espontânea e desarmada. Não é apenas o ângulo do olhar que faz com que os sujeitos pareçam diferentes, mas também o fato de eles acreditarem ter privacidade total, que faz parecer uma liberação grotesca dos comportamentos normais (ou seja, neuróticos). Ele manifesta um interesse acentuado em descobrir segredos, testemunhar hipocrisias e, fora isso, presenciar tudo o que ocorre no cenário diante dele. É claro que também é fundamental ressaltar que não há aqui uma visão “natural”. Por meio dos buracos do teto e seu estranhamento dos outros, que estão empenhados em seus atos privados e ocultos, a vista do sótão se torna um construto altamente artificial.

Enquanto isso, o tema de travestismo anterior continua, quando Saburô se veste para suas jornadas noturnas pelo sótão. Ele se imagina como outra *femme fatale*, dessa vez para o cinema: “ele teria preferido vestir uma blusa toda preta, como a pirata Protea que vira em um filme há muito tempo, mas infelizmente ele não tinha nada assim por perto, então se virou como dava, para aproveitar a situação” (idem, p.53). Aqui, mais uma vez, a estrutura da imaginação fornecida pelos espetáculos do início do período Taishô, que incluía uma crescente indústria cinematográfica, lado a lado com as peças de *kabuki* e os *misemono* (espetáculos improvisadas que datam do período Edo) de sempre, inserem uma lente ou um filtro adicional à vista do sótão.

Saburô repete, sem querer, os experimentos psicológicos de Akechi, ao assediar seus vizinhos munido de um conhecimento clandestino sobre seus comportamentos. Isso coincide com suas “encenações de crime” em Asakusa, com a importante diferença de que agora suas vítimas são conhecidas por ele. Por fim, sua atenção é desviada quando uma descoberta acidental lhe dá a ideia de cometer o crime perfeito: a revelação de que seu vizinho desagradável, o assistente de dentista chamado Endô, não apenas dorme diretamente abaixo de um dos buracos no teto, mas o faz com a boca aberta. Sua reação inicial é o impulso violento e erótico de cuspir dentro da boca logo abaixo, mas ele acaba chegando em um plano melhor: roubar a solução de morfina que Endô tem escondida em seu próprio armário e pingá-la em sua boca para matá-lo.

A insinuação sexual do assassinato, que usa essas gotas de fluido venenoso para penetrá-lo oralmente, só é equiparada pelo repentino e grotesco debater-se dos membros de Endô, quando o veneno entra em sua corrente sanguínea. Na investigação que se dá após a morte, a polícia não encontra qualquer coisa que implique Saburô, fazendo com que ele se deleite por saber que cometeu o crime perfeito. É apenas com a reaparição de Akechi, que faz perguntas e encontra inconsistências no caso, que a atmosfera escurece brevemente.

Saburô continua acreditando que sobrepujou Akechi, até que, certa noite, ele volta para seu quarto e encontra a cabeça de Endô, pairando no ar e de ponta-cabeça. Apavorado, ele se afasta do armário mal-assombrado. Em um caso fascinante de um duplo ou *doppelgänger*, Akechi finge ser o homem morto, que voltou para assombrar Saburô, antes de se revelar. O detetive o ridiculariza, dizendo “Eu queria tentar imitar você, pra variar” (idem, p.77). A penetração no armário de Saburô, bem como o espelhamento da vítima e do assassino, por Akechi – que sai literalmente do mesmo armário, para apreender Saburô – ressalta ainda mais a centralidade do armário e a dupla lógica *queer* do texto. Akechi expõe os vários erros de Saburô, como o despertador que havia sido programado para o dia seguinte, uma indicação clara de que o meticuloso Endô não planejava cometer suicídio.

No entanto, ele também fabrica alguns dos seus próprios erros: Akechi alega ter encontrado um botão singular, que ele diz ter sido varado da camisa de Saburô enquanto ele estava no sótão, insistindo em dizer que tem um “formato excêntrico” e que, convenientemente, só pode pertencer a Saburô. O botão perdido no calor do momento – aquele objeto fetichista por excelência, o botão, se torna um substituto para outros tipos de rastros condenatórios (como impressões digitais, manchas de sêmen etc.).

Se retomarmos sua função como objeto fetichista, o botão, que significa ordem e controle, ou seja, o que pode ser mostrado por completo ou exposto como um objeto parcial (por exemplo, um decote, o peito nu), medeia o desejo. O uso do botão como prova falsa, feito por Akechi, não apenas desmente a crença de Saburô de que ele se safou mesmo tendo cometido um assassinato, mas o confronta com um lembrete expressivo (ou excedente) desses objetos parciais e da vista do sótão. O botão regula o grau de visibilidade do corpo humano e o protege da vistoria exterior. O botão ausente, então, é uma perda de controle sobre a ocultação não apenas do corpo nu, mas também de seu movimento pelo espaço, a habilidade de determinar seu paradeiro.

Por fim, há a bolsa de tabaco na qual a morfina caiu, resultando na aversão inconsciente de Saburô ao fumo – um *insight* psicológico que só Akechi percebe e explora. Essas mudanças de última hora, ou mesmo última palavra, tão comuns na obra de Rampo, tentam deslocar ou desestabilizar o bom senso. A conclusão de “O Andarilho no Sótão” coloca ainda mais em dúvida a certeza de Saburô sobre sua própria subjetividade. Não só ele foi incapaz de realizar o crime perfeito, seja em termos de evidência circunstancial ou de manter a pretensão de sua inocência, ao ser confrontado pelo “truque” ardiloso de Akechi, ele também falhou em compreender a causa de sua repentina aversão ao fumo. Esse é talvez o caso mais claro de alguém cujo funcionamento da mente inconsciente permanece desconhecido para o próprio sujeito.

A convergência do despertador, do botão desaparecido e da aversão ao fumo, encontrada no excedente forense da resolução raciocinativa do crime, é claramente mais “irregular” do que “normativa”. Nem é preciso dizer que os leitores e críticos mais astutos deverão reconhecer o crime mais importante aqui, que vê Akechi saindo impune depois de dois assassinatos em que ele foi o mestre manipulador: a morte de Endô pelas

mãos de Saburô, que o detetive não faz qualquer coisa para evitar, e a sentença de morte que vai ser conferida a Saburô, por ser o assassino. Sua claustrofilia é transformada em claustrofobia, nos últimos momentos de seu embate com Akechi, que penetrou seu casulo físico e psíquico do mesmo modo que fez com o de Endô. Ainda assim, o crime e a punição no desfecho mal se comparam ao ponto de desejo do confinamento pervertido. É só nos limiares do armário e, por extensão, do sótão, que Saburô (ou o sádico Akechi) poderia se tornar um lorde fantasma.

REFERÊNCIAS

- BRETON, A. “Manifesto do Surrealismo”. In: **Manifestos do Surrealismo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001. p.40.
- EDOGAWA, Rampo. “Nihon tantei shôsetsu no keifu”. In: **Chûô Kôron**, vol.65, n°.11. 1950.
- HYLDGAARD, Kirsten, “The Conformity of Perversion”. In: **The Symptom** [online], vol.5. 2004. Disponível em: <www.lacan.com/conformper.htm>. Último acesso em: 20 de setembro de 2019
- JACOBOWITZ, Seth (ed.). **Edogawa Rampo Reader**. Fukuoka: Kurodahan Press, 2008.
- LACAN, Jacques. **Écrits: A Selection**. Traduzido por: SHERIDAN, Alan. Nova York: Norton & Co., 1977.
- _____. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.
- SEDGWICK, Eve K. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.
- _____. “A Epistemologia do Armário”. Traduzido por: DENTZIEN, Plínio. In: **Cadernos Pagu**, vol. 28. jan. 2007, p.19-54. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>>. Acesso em: 24/02/2020.
- SIMMEL, Georg. “The Metropolis and Mental Life”. In: BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie (eds.). **The Blackwell City Reader**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2002.
- _____. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- YOKOO, Tadanori. “Heisho kyôfushô to heisho aikôshô to”. In: Taiyô Henshûbu (eds.) **Edogawa Rampo**. Tóquio: Corona Books, 1998.

Recebido em 07 de junho de 2021.

Aprovado em 10 de setembro de 2021.

Tradução de Gabriel de Oliveira Fernandes.

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Av. Prof. Lineu Prestes, 159 – Cid. Universitária – CEP 05508-900
Tel.: (011) 3091-2426/2423 – São Paulo – SP – Brasil

REVISTA ESTUDOS JAPONESES Nº. 45 – NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Trabalhos para publicação

Serão publicados artigos de perfil acadêmico que tratem de temas relativos à Língua, Literatura e Cultura Japonesa, abordados à luz de metodologias científicas. Há também a possibilidade de submissão de resenhas, traduções e entrevistas, entretanto, serão publicadas, após aprovadas, em proporção menor em relação aos artigos.

2. Idiomas

A revista Estudos Japoneses publica artigos em português, inglês, francês, espanhol e japonês.

3. Extensão dos Textos

Todo artigo deve ter no máximo 30.000 caracteres (= aproximadamente 20 páginas digitadas em espaço 1,5).

4. Formatação do texto

a) layout da página e espaçamento: tamanho A4, fonte Times New Roman 12, margem 2,5 cm e espaçamento 1,5.

b) título e identificação: o título deve estar em negrito, em caixa alta e alinhado à esquerda da margem. Recomenda-se que ele não ultrapasse duas linhas. Os artigos devem ser submetidos sem qualquer identificação.

c) resumo e palavras-chave: um obrigatoriamente em português, acompanhado de cinco palavras-chave, e outro em inglês, acompanhado por cinco palavras-chave no mesmo idioma. O resumo não deve exceder dez linhas, em cada versão. Deve deixar espaço de duas linhas entre o nome e o resumo em português, e uma linha entre as palavras-chave em português e o resumo em inglês. Não deve saltar linha entre os resumos e palavras-chave.

d) subtítulos: os subtítulos devem estar destacados em negrito e ter numeração sequencial a partir de 1 (um), seguida por ponto.

e) citações: devem aparecer no corpo do texto, indicando o sobrenome do autor, a data da publicação e a(s) página(s) citada(s), entre parênteses. No caso de diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano, o dado diferencial será uma letra após a data (por ex.: SANTOS, 2011a; 2011b).

As obras citadas no corpo do texto devem constar obrigatoriamente da bibliografia no final do artigo, com dados bibliográficos completos, como segue:

e.1) no caso de livros: SOBRENOME, Prenome do Autor (por extenso). Título do Livro: subtítulo (sem negrito). Edição. Local de publicação (cidade): editora, ano de publicação. Série, número da série, se houver.

Ex.: SANTOS, Alberto. Língua Japonesa: traduções. 1^a. ed. São Paulo: Saraiva, 1920.

e.2) no caso de artigos de revistas: SOBRENOME, Prenome do Autor (por extenso). Título do Artigo. Título do Periódico, Local de Publicação (cidade), volume, número, páginas inicial-final, mês e ano.

Ex.: SAVIANI, Demerval. A Universidade e a Problemática da Educação e Cultura. Educação Brasileira, Brasília, v.1, n.3, p. 35-58, maio/agosto, 1979.

e.3) no caso de artigos de coletâneas: SOBRENOME, Prenome do Autor (por extenso). Título do Artigo. In: SOBRENOME, Nome do organizador. Título da Coletânea. Edição. Local de Publicação: Editora, Data. Capítulo, página do capítulo.

Ex.: CUNHA, Alves. Ações para deter o desmatamento. In: GOUVEIA, Cristine (org.). Ecologia Mundial. 2^a. ed. São Paulo: Ed. Crescer, 1999. Capítulo 13, p. 179-185.

Nos demais casos não especificados, a padronização deve seguir as Normas da ABNT. A desconsideração das normas implicará devolução dos artigos.

f) termos e nomes japoneses: a romanização dos termos japoneses deve seguir as regras do Sistema Hepburn. As vogais longas devem ser indicadas por meio do acento circunflexo (ex. â, ô, û). Para maior clareza, uma apóstrofe deve ser empregada para grafar a separação das sílabas nas palavras do tipo shin'yô ou Man'yôshû. Os kanji podem ser utilizados desde que acompanhados por sua correspondente em letras romanas e os nomes próprios devem seguir a seqüência sobrenome e nome, conforme o sistema japonês. Ex.: 万葉集 (Man'yôshû); Natsume Sôseki.

g) ilustrações: devem ser colocadas no corpo do texto e acrescidas de citação da fonte, caso não sejam originais do trabalho. As ilustrações devem ser utilizadas quando indispensáveis para o entendimento do texto, pedindo-se que fotos, mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma a permitir uma reprodução de qualidade.

5. Envio de artigos para apreciação

Os artigos devem ser apresentados no formato de arquivo de Word, indicado pelo título do artigo, sem qualquer identificação.

Esses artigos devem submetidos no sistema, no link:

<https://www.revistas.usp.br/ej/about/submissions>

6. Ressalvas

Ao Conselho Editorial reserva-se o direito de não permitir a publicação dos textos enviados, bem como o de solicitar aos autores possíveis alterações. Todo material encaminhado para publicação deve ser inédito ou sua tradução do japonês para o português, com a anuência do autor sobre a publicação, e seguir rigorosamente as normas de publicação e seu conteúdo será de exclusiva responsabilidade do(s) autor (es).

A partir de 2020, somente serão aceitos artigos submetidos de autor ou, em caso de coautoria, que pelo menos um dos autores tenha titulação acadêmica de doutor.

7. Identificador ORCID

Caso aceito, o artigo somente será publicado mediante fornecimento do autor do seu identificador ORCID.

8. Formato de publicação

A revista Estudos Japoneses será publicada somente no formato digital.

Coordenação Editorial
Junko Ota
Leiko Matsubara Morales
Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazaki

Diagramação
Tainá Nunes Costa

Formato 16 × 23 cm
Mancha 12,5 × 20 cm
Tipologia Times New Roman 11 e 14
Número de páginas 136

手をついて

歌申しあぐる

蛙かな

山崎宗鑑 (? ~ 1539)

『阿羅野』 (1689)

Te o tsui te

uta mōshiaguru

kawazu kana

Patinhas no chão,

um poema ele declama,

o sapo cortês!

Yamazaki Sōkan (? ~ 1539)

Arano (1689)

